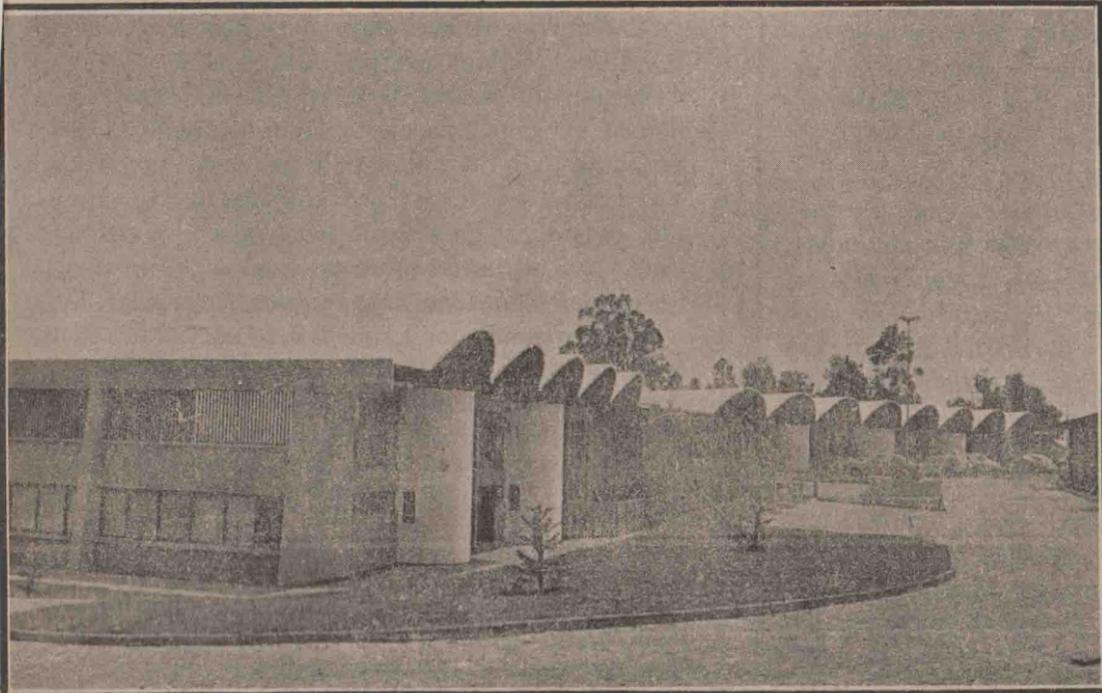




COTRIJUI EM CASA NOVA



Em silêncio e sem nenhuma solenidade que marcasse a transferência para o novo e amplo local, a COTRIJUI passou a atender em sua nova sede social desde o dia 3 de dezembro.

A sede administrativa da cooperativa, um moderno prédio funcional dinâmico que vinha sendo construído há mais de um ano, localiza-se na mesma área do complexo industrial e armazéns graneleiros. Nesta primeira fase, estão atendendo na nova sede os setores de administração, escritório, contabilidade, departamentos técnico e de crédito e o COTRIJORNAL.

O departamento comercial com os respectivos

serviços de loja e supermercado, entre fevereiro e março também estará atendendo em suas modernas instalações da sede.

O atendimento aos associados melhorou sensivelmente, nos amplos salões do novo local, apesar da obra estar ainda em fase de acabamento. O acesso ainda é feito através da entrada tradicional que leva aos armazéns. Porém, os trabalhos de calcetagem prosseguem em ritmo acelerado. Nos próximos dias todo o movimento relacionado com atendimento de caráter social será pela entrada principal, pelo lado oeste.

UM COOPERATIVISTA É O HOMEM DE MARKETING 75



A união que gravita em torno do cooperativismo e cuja expressão é o gigantismo do sistema pelo menos no que diz respeito ao Rio Grande do Sul agrícola, vem chamando a atenção para o setor anível não só de Governo mas também das demais camadas empresariais. Foi exatamente o que ocorreu ao final do ano de 1975 com a Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil - Setor Porto Alegre - (ADVB), que distinguiu o cooperativismo rio-grandense com o prêmio Homem de Marketing de 1975.

O escolhido foi o eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da COTRIJUI, indicação por certo difícil para a comissão designada para a missão, pois apenas para citar o próprio sistema cooperativo, outros nomes poderiam ser indicados com iguais méritos.

Na foto o presidente da COTRIJUI quando discursava na Assembléia Legislativa, após receber a distinção das mãos do vice-governador do Estado. Leia nas páginas 5 e 6 desta edição, a cobertura jornalística do acontecimento.

**Falamos (ainda) sobre a
ligação Ibicui-Jacui**

Páginas 12 e 13

**Cuidado a Terra morre
um pouco a cada dia**

Páginas 10 e 11

**Genética tenta uma nova
"revolução verde"**

Página 3

**Há 177 anos brasileiro
foi adido agrícola**

Página 2

**Cooperativas padronizam
o recebimento da soja**

Página 9

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Ijuí - RS.
Inscr. 065/00070
Inscr. INCRA Nº 248/73

C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, José Cláudio Koehler e Jaci Luciano de Souza.

Suplentes:

Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto, Emílio Uhde.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Viã Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.

EDITORIAIS

ADIDOS AGRÍCOLAS 177 ANOS DEPOIS

O Senado da República vetou anteprojeto de Lei de autoria do senador Vasconcelos Torres, que dispõe sobre a inclusão de adido agrícola em representações diplomáticas brasileiras no exterior.

A proposição legislativa de Vasconcelos Torres pretendia criar o comissionamento de adido agrícola, a ser preenchido por engenheiro-agrônomo, nos países grandes produtores ou importadores de produtos agrícolas e de origem animal. Os países mencionados no diploma eram Argentina, Austrália, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Nova Zelândia, Japão, União Soviética e Uruguai.

A justificativa do diploma é de que uma das mais antigas finalidades da representação diplomática desde que a diplomacia se institucionalizou através do mundo, foi garantir o acesso fácil às diferentes realizações, muito em particular, ao progresso tecnológico alcançado pelo país onde a representação está acreditada.

No passado, essa busca de informações tinha um caráter tipicamente militar, pois o fato inseria no contexto de uma época em que as sociedades nacionais viviam em constantes perspectivas de guerra.

Mas mesmo naquela recuada época, estadistas inteligentes e conhecedoras da significação da agricultura no concerto da nacionalidade, não desprezavam a oportunidade de estar "presentes" através dos olhos de seus enviados agrícolas, nos países que denotavam progresso agrícola e pecuário.

Tal fato ocorreu com Portugal, a partir do ano de 1798. Há 177 anos, portanto.

D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro português de Ultramar (Exterior), sabedor dos progressos da agricultura norte-americana, resolveu designar adido agrícola naquele país. E sua escolha recaiu num brasileiro, recém saído de Coimbra, Hipólito José da Costa, que é o Patrono da Imprensa Brasileira.

D. Rodrigo achava que os fumos da Virginia, as sementes de cereais e as técnicas agrícolas que os colonos já praticavam ali, eram viáveis de aplicação no Brasil, então colônia de Portugal.

Coube a Hipólito da Costa a missão de observar o que a América fazia e produzia. Dirigiu-se a Filadélfia, a mais desenvolvida das 13 colônias, então recentemente liberta da Inglaterra. Do que ele viu e sentiu, muito lucrou Portugal, apesar de ter ficado apenas 14 meses na América, de outubro de 1798 a dezembro de 1799.

Hipólito da Costa, jornalista, e portanto observador atento, tudo anotou desde sua saída de Portugal (Lisboa) a 10 de outubro, a bordo da corveta William. Seu livro, "Diário da Minha Viagem para Filadélfia", passados hoje 177 anos da viagem do autor, é um repositório vivo e documento atuante da importância da missão de um adido agrícola, e do que o mesmo pode fazer em benefício do seu próprio país.

Surpreende-nos, por isso mesmo, que ainda hoje não tenhamos institucionalizado para o país, uma atividade, que no Brasil Colônia, já era praticada pelos portugueses. Como se viu pela derrota do projeto do senador Vasconcelos Torres, regredimos em muito após 177 anos, até mesmo em relação a Portugal.

A IMPORTÂNCIA VITAL DOS ALIMENTOS

No ano fiscal de 1974 os Estados Unidos exportaram 22 milhões de dólares em cereais. Esse montante em divisas carregado para o grande País, que também é a potência industrial do ocidente, representa três vezes a exportação total do Brasil no mesmo ano e 20 vezes o resultado de nossas exportações de café.

Numa apreciação desprovida de análise, essa situação de grande exportador de cereais, conflita com a imagem que fazemos dos Estados Unidos potência. Parece-nos que uma nação superdesenvolvida deve ter como ítems dominantes em sua pauta mercadológica externa, produtos manufaturados de real expressão, detentores de elevada tecnologia. Em especial, aviões a jato, usinas atômicas, equipamentos científicos e eletrônicos e indústria pesada de variados níveis.

Surpreende-nos também o tomar conhecimento de que aquele País continua desenvolvendo grandes esforços de pesquisas e trabalhos de campo, no sentido de aumentar acentuadamente sua produção de produtos agrícolas e pecuários, a despeito de ser, distanciado, o maior produtor mundial.

O fato sugere, portanto, uma análise de interpretação.

A tecnologia, mesmo a mais adiantada, deixou de há muito de ser privilégio desta ou aquela potência. Desde que o monopólio atômico fugiu do controle de norte-americanos e russos, o fracionamento de poderio das chamadas grandes potências, tem se acentuado.

Dos americanos em 1945 aos russos em 1950, passaram-se apenas 20 anos para que franceses, chineses e indianos (a Índia que não produz 30 por cento de suas necessidades alimentares) — um total de cinco países — passassem a ter a arma dantesca.

E nesse mesmo período, qual terá sido o índice de crescimento da agricultura? Não possuímos estatísticas a disposição. Podemos antecipar, no entanto, que a pequena evolução havida em termos mundiais, foi plenamente absorvida pelo crescimento populacional.

As preocupações que mais tem afetado estadistas e técnicos mundiais, na atualidade, parecem ter sido aquelas que dizem respeito a aquisição de uma tecnologia industrial. Países com pequeno e até nenhum potencial de perspectiva para a industrialização tem enveredado para aventuras no mundo da tecnologia, como se residisse ali a solução para os seus problemas.

Os norte-americanos, sem prejuízo de sua indústria, continuam desenvolvendo novas técnicas agrárias e ampliando as pesquisas nos setores da pecuária, pois parecem ser os que mais creem na necessidade vital dos alimentos, ao mesmo tempo que sabem do quanto estes escassearão no futuro.

Tanto quanto o petróleo dos árabes, a anergia que movimenta o mundo mecânico de hoje, o alimento, que é a energia vital ao organismo humano, tende a receber uma supra-valorização a medida que a diminuição de seus índices aumente a procura em relação a oferta. Ai então, aqueles que possuírem, alimentos, tanto quanto os árabes, hoje, terão condições de ditar os preços e as condições.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social. Nossa tiragem, 11.000 exemplares.



Associado da ABERJE
Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa

EXPECIENTE

Redação e Administração:

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Ijuí - RS.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9.

Redator: Responsável -

- Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS 1176 matrícula na SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto, Rui Michel e Walter Frantz.

Composto no "Jornal da Manhã" - Ijuí e impresso em máquina rotativa off-set no "Diário Serrano" - Cruz Alta

GENÉTICA BUSCA NOVA "REVOLUÇÃO VERDE"

O cidadão novaiorquino, carioca, ou porto-alegrense, senta à mesa e locupleta-se com farta refeição. Ele estava faminto. Trabalhou, praticou esporte ou simplesmente andou em busca de entretenimento ou aventuras amorosas.

Na refeição ingeriu proteínas e calorias vitais ao seu organismo: carne, cereais e víveres, produtos estes que a despeito de ingerí-los desde que nasceu, não os conhece in natura. Ignora se nascem ou simplesmente "aparecem"; se são cultivados no solo ou na água; se são culturas perenes ou anuais.

No entanto, se o cidadão urbano comum não demonstra preocupação pela origem e continuidade da existência dos alimentos, essa tem sido a luta constante dos geneticistas e sociólogos, pois se aqueles sabem como preservá-los e reproduzi-los, estes últimos tem consciência de que sem alimentos não pode haver vida na superfície da Terra.

Atualmente, pode se dizer que a conquista de alimentos é uma luta contra o tempo.

Os cientistas encaram a produção alimentar através de caminhos que consistem em criar novas plantas não mais a partir de sementes, mas sim de pólenes no laboratório, tal a urgência que temos em termos mundiais. A ciência entende que é necessário diminuir os ciclos vegetativos a um tempo mínimo.

Mas como se conseguirá produzir através de pólenes?

O geneticista vegetal professor Georges Melchers, do Instituto Max Planck de Biologia de Tübingen, Alemanha, defende a tese que a reprodução em laboratório dá às células germinativas das plantas maiores qualidades alimentícias. Estas células contêm as desejadas qualidades hereditárias. Outras vantagens, segundo o cientista? Economizam-se demorados processos de seleção no campo ou na estufa e poupam-se espaços físicos, pois os germezinhos criados a partir do fino pólen podem ser acumulados a razão de 10 milhões de exemplares sobre apenas um metro quadrado de solo.

Vacinando-se o solo com uma doença vegetal, crescerão apenas os germezinhos que hereditariamente conseguem resistir essa doença. Justamente a cultura de semelhantes espécies resistentes, sempre tem custado muito tempo e esforço. Mas com uma intervenção química artificial é possível duplicar mais tarde os cromossomos, de modo que as novas espécies possam continuar a multiplicar-se de forma normal.

Gustav Adolf Henning, do "Hamburger Abendblatt", citado em resumo por Tribuna Alemã, de julho último, afirma que as culturas de pólen oferecem ainda outras vantagens. Elas possibilitam a produção de plantas alimentares biologicamente integrais. A albumina vegetal contém somente pequenas quantidades de elementos albuminóides (aminoácidos), e as vezes chegam a estar completamente imunes.

Os vegetarianos consomem leite, ovos e queijo, que são produtos de origem animal, para enriquecer sua dieta alimentar, pois a proteína animal é de valor integral.

Segundo o cientista alemão, isso também vai ser conseguido com as plantas, quando se adicionar ao solo da cultura de pólenes os necessários aminoácidos.

Para chegarem a espécies totalmente novas de plantas muito nutritivas, os botânicos testam um método com o qual é possível realizar cruzamentos grotescos, por exemplo de feijão soja com cevada. O pólen de uma planta não pode polinizar o ovário de outra. Portanto, seria impossível produzir tais bastardos mediante a fusão de células sexuais. Mas desde 1973 que geneticistas vegetais alemães conseguiram fundir células dos corpos de soja e cevada.

Será o início de uma nova revolução verde, no momento que o mundo mais necessita de alimentos e não dispõe de muito tempo para conquistá-lo?

PRECÁRIA A SITUAÇÃO ECONÔMICA EM TODA A AMÉRICA LATINA

ARGENTINA/ANTILHAS/BOLÍVIA/AMÉRICA CENTRAL/PANAMÁ/CHILE/COLÔMBIA/CUBA/EQUADOR/MÉXICO/PARAGUAI/PERU/URUGUAI/VENEZUELA — Segundo despacho da UPI, que os jornais divulgaram no último dia do ano, é má a situação econômica dos países da América Latina.

Segundo o comentário da agência, que não cita o Brasil, os países em pior situação financeira ou institucional são a Argentina e o Chile, ambos com graves problemas de inflação e com suas estruturas políticas em abalo.

Damos a situação de cada país, conforme os analistas da United Press Internacional:

ARGENTINA: A inflação provocada pela má administração governamental, chegou a 300 por cento ao ano. A violência de esquerda e de direita fez quase setecentas vítimas em 1975. Os observadores políticos não acreditam que a presidente Maria Estela Martínez de Perón consiga chegar até o fim de seu mandato, apesar das eleições antecipadas para o ano que vem. O exército assumiu o controle das operações policiais para reprimir os movimentos de esquerda e as alternativas políticas para 76 continuam a ser o golpe militar ou a renúncia de Isabelita. Nesse caso, seu sucessor seria escolhido pelo Congresso.

BOLÍVIA: O regime militar do general Hugo Banzer não sofreu neste ano nenhuma séria ameaça de golpe de Estado, fazendo com que 1975 fosse um ano relativamente tranquilo para o seu governo.

ANTILHAS: Com a inflação e os altos custos de energia devorando suas reservas de divisas, as nações do Caribe procuraram se tornar auto-suficientes economicamente. Este foi um ano de austeridade para toda a região, incluindo Porto Rico, onde o desemprego atingiu níveis desconhecidos para o país pelo menos nos últimos 25 anos.

AMÉRICA CENTRAL E PANAMÁ: O principal problema na região é ainda o Canal do Panamá. Os Estados Unidos e o Panamá não chegaram até agora a um acordo sobre a data em que serão retiradas as tropas norte-americanas da zona do canal. O chefe de estado panamenho, general Omar Torrijos, prevê "uma solução pacífica" para o conflito.

CHILE: O Chile está cada vez mais isolado da maioria dos países do mundo ocidental e vem sofrendo uma série crise econô-

mica. Durante o ano de 1975, mediante um austero programa econômico, conseguiu reduzir a inflação que, em 1974 chegou a 508 por cento, para 300 por cento. Entretanto, tais medidas provocaram uma retração econômica no país. No campo político, o principal problema que o Chile enfrenta, e justamente o que esta isolando-o do resto do mundo, são as frequentes denúncias de violação dos direitos humanos. O país, no decorrer do terceiro ano do governo militar do general Augusto Pinochet, continua sem a atuação legal de partidos políticos, e a situação entre a Igreja e o Estado vem se deteriorando pouco a pouco, em consequência do suposto envolvimento de sacerdotes em atividades subversivas.

A repressão aos grupos de esquerda do país, e as denúncias de tortura aos presos políticos estão provocando protestos de diversas nações e, principalmente nos últimos meses, estão sendo energeticamente condenadas na ONU.

COLOMBIA: O presidente Alfonso Michelsen conseguiu diminuir a galopante inflação que atingia o país, adotando, em princípios de 1975, enérgicas medidas econômicas. Por outro lado, não conseguiu conter o aumento da criminalidade. A onda de seqüestros políticos, a agitação estudantil e o reênfoque de atividades guerrilheiras levou o presidente eleito a decretar estado de sítio no país, medida esta que ele havia se comprometido a usar apenas em casos extremos, como último recurso para o restabelecimento da ordem.

CUBA: Em julho, a Assembléia da OEA decidiu suspender as sanções impostas contra o regime de Fidel Castro em 1974. Acredita-se que em 1976 os Estados Unidos devam se definir quanto ao reatamento das relações diplomáticas com Cuba.

EQUADOR: O general Guillermo Rodríguez Lara enfrentou uma sangrenta rebelião em setembro, que durou 13 horas, provocada ao que tudo indica por causa de sua decisão de diminuir os preços do petróleo exportando e impor novos impostos às importações para equilibrar a balança de pagamentos do país.

MÉXICO: durante este ano, em julho, haverá eleições presidenciais no México. O ex-ministro das Finanças, José Lopes Portillo, é o candidato do Movimento Revolucionário Institucional (PRI), mas poucas pessoas acreditam na sua vitória. O mais pro-

vável é que o atual presidente, Luís Echeverría, de tendências esquerdistas, consiga se reeleger. A inflação deverá continuar por volta dos 15 por cento.

No campo das relações exteriores, o voto mexicano a favor de uma resolução das Nações Unidas, declarando o sionismo como forma de racismo, provocou o boicote da comunidade judaica norte-americana contra o turismo no México. As autoridades mexicanas, alarmadas com o cancelamento de 30 mil reservas, iniciaram uma campanha de retificação da situação, incluindo uma viagem do ministro das Relações Exteriores, Emilio Rabasa, a Israel, o que foi classificado por jornais do país como "uma volta de 180 graus na posição mexicana sobre o sionismo".

PARAGUAI: O general Alfredo Stroessner, no poder há 21 anos, assistiu neste ano a mais uma vitória de seu partido, o Colorado. Apesar de a inflação ter atingido a casa dos 25 por cento ao ano, a moeda paraguaia, o guarani, permaneceu estável.

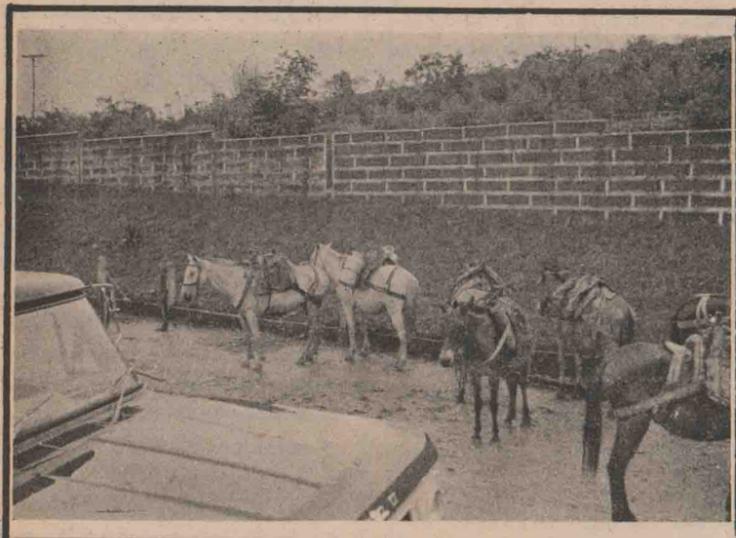
PERU: O general Francisco Morales Bermudez está enfrentando muitas dificuldades econômicas para o seu programa de reformas sociais. Morales, que depôs o presidente Velasco Alvarado em agosto passado, tem tido uma atuação mais moderada e pragmática que o seu antecessor. A inflação está trazendo dívidas para o país e a exploração de petróleo não atingiu os planos traçados para 1975.

URUGUAI: A política de mercado livre imposta pelo Ministro da economia Alejandro Vigh Villegas conseguiu diminuir a inflação no país de 107 por cento em 1974 para 50 por cento em 1975. Para este ano há esperanças de que as exportações de carne aumentem. O presidente Juan María Bordaberry continua como chefe de Estado, mas as Forças Armadas conseguiram aumentar a sua influência no governo.

VENEZUELA: A decisão de nacionalizar a gigantesca indústria petrolífera da Venezuela foi o principal acontecimento deste ano no país. A partir de primeiro de janeiro de 1976 a Petrovan, companhia estatal, vai controlar a produção de petróleo do país.

As empresas estrangeiras, Exxon, Shell, Gulf, Mobil e outras receberam cerca de cinco bilhões de dólares, aproximadamente 44 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, como indenização (UPI).

COOPERATIVISTAS GAÚCHOS VIRAM LACTICÍNIOS EM MINAS GERAIS



Apesar do desenvolvimento, em algumas cooperativas ainda se observa o processo empírico de transportar tarros em jumento.



Plataforma de recebimento da cooperativa de Ibertioga.

Sob a organização do INCRA, um grupo de dirigentes e técnicos de cooperativas desta região do Estado esteve visitando as bacias leiteiras de Minas Gerais, no período de 24 a 28 de novembro último.

O objetivo da viagem foi conhecer as experiências e realizações do cooperativismo mineiro, no setor de laticínios, numa época em que se chegou a conclusão que o cooperativismo gaúcho também deverá partir para uma atuação maior no setor.

Minas Gerais possui um total de 191 cooperativas, sendo 160 delas de laticínios, o que demonstra a pujança mineira na atividade leiteira e seus derivados em termos nacionais.

Mas o grande organismo, o que detém maior influência no Estado em termos de economia leiteira é a Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais — CCPR — a qual estão filijadas 34 das maiores cooperativas de produtores de leite. A CCPR abastece a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado, com a distribuição de 350 mil litros/dia. Isso representa cerca de 95% do leite pasteurizado consumido. Os restantes 5% em oferta pertencem a Cooperativa Realeza. Mas essa oferta é deficitária. Em breve, deverá entrar no mercado de Belo Horizonte o Grupo União.

No setor de produtos industrializados, a CCPR exporta para 10 estados brasileiros. Se-

gundo os dirigentes da cooperativa, a margem de lucro para o leite in natura, é pequena. Isso faz com que os seus dirigentes concentrem a maior parte de seus esforços no setor industrial onde tem perspectivas de expansão a nível nacional.

A CCPR proporciona assistência às cooperativas filiadas. A assistência é jurídica, contábil, de projetos, financeira (há casos de financiamento de até 60% do valor mensal de entrega de leite) fornecimento financiado de insumos, mecânica e elétrica e de transportes.

Dentre as perspectivas de expansão da CCPR mineira constam: entrada na área de carne (bovina e suína) e setor industrial gráfico para produzir as próprias embalagens.

O quadro atual da CCPR (resumido) é o seguinte: 35 cooperativas filiadas, totalizando 13 mil associados, capital social subscrito, 180 milhões de cruzeiros; integralizado, 48 milhões. Capacidade de recebimento de litros/dia, um milhão, recebimento atual, 850 mil, distribuição no local (Belo Horizonte), 300 mil; industrialização por dia, 450 mil litros, o excesso é vendido para terceiros. Raio de ação, 200 quilômetros.

O balanço da CCPR no exercício de 1973/74, exigível a curto e longo prazo, foi de Cr\$ 113.776.887,84, e o disponível e realizável Cr\$ 183.123.830,32.

Os cooperativistas gaúchos visitaram, além da CCPR, as cooperativas de produtores de Entre Rios, Ibertioga e Sete Lagoas e o Instituto de Laticínios Cândido Tostes, de Juiz de Fora.

Participaram da viagem promovida pelo INCRA, além da COTRIJUI, cooperativas de Giruá, Santo Ângelo, Três de Maio, Panambi, Cruz Alta, Carazinho e Santa Rosa. A COTRIJUI esteve presente através de seu diretor-presidente e responsável pelo Setor de Forrageiras, engenheiros agrônomos Ruben Ilgenfritz da Silva e Renato Borges de Medeiros, respectivamente.

PENSAMENTO DA COTRIJUI EM RELAÇÃO AO LEITE

Ao regressar de Minas Gerais, onde juntamente com dirigentes e técnicos de outras oito cooperativas de nossa região visitou o setor de laticínios desenvolvido pelo cooperativismo daquele Estado, o diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, concedeu entrevista coletiva à imprensa, expondo seu pensamento a respeito do importante assunto.

Disse que voltou bastante entusiasmado com o que viu. Acha que o setor como atividade adicional em nossa região, sob a orientação do cooperativismo, é perfeitamente viável. Aliás — disse Ruben Ilgenfritz da Silva — julgo que a medida mais acertada para se conduzir o problema leiteiro é através de um trabalho comum entre as cooperativas da nossa região.

Por essa razão, pretende mos na COTRIJUI, conduzir a solução do problema leite em termos regionais, pois verificamos durante nossa viagem a Minas que o leite é um tipo de atividade que a nível de indústria exige realmente economia de escala.

De qualquer forma, esse assunto será desenvolvido conjuntamente com o INCRA, que assessorará e orientará as cooperativas estabelecendo metas a serem seguidas.

Quanto a nos em particular, pelo que nos foi dado ver, entendemos que as cooperativas de nossa região, pela conscientização existente hoje a nível de empresariado e pela experiência das mesmas em outros setores de produção, que o problema leite poderá ser solucionado.



Vista parcial da fachada do Posto de resfriamento da cooperativa de Ibertioga, em Barbacena.

UMA DISTINÇÃO QUE HONRA O COOPERATIVISMO GAÚCHO



Mesa que dirigiu os trabalhos; falando o presidente da ADVB, Reni Renato Jaeger.



A fila para os abraços; cumprimentando o Homem de Marketing o presidente da Federação dos Engenheiros-agrônomo do Brasil, José Lauro Quadros. Atrás, líderes cooperativistas e sindicais.

Pela primeira vez o prêmio Homem de Marketing foi concedido ao setor primário, distinguindo um líder cooperativista. O premiado, Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da COTRIJUI, foi distinguido pela Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil, Seção do Rio Grande do Sul, por sua atuação no setor primário da economia do Estado.

Ao receber a estatueta símbolo das mãos do vice-governador do Estado, em solenidade realizada a 15 de dezembro no salão nobre da Assembléia Legislativa, Ruben Ilgenfritz da Silva o fez clamando pela realização da ligação Ibicui-Jacuí. Pois ressaltou

que a obra reclamada irá representar para o setor primário, o que o polo petroquímico representará para o setor secundário.

Seu discurso na Assembléia Legislativa durante a solenidade promovida pela ADVB, argumentando em termos de realizações em marcha e perspectivas de novos empreendimentos de ordem meramente empresarial ou de cunho coletivo, como é o caso da ligação Ibicui-Jacuí, teve o efeito de justificar a escolha da entidade promotora do prêmio.

O presidente da COTRIJUI disse que o prêmio (uma estatueta, criação de Vasco Prado) tem o efeito de distinguir o setor

primário da economia em geral e o cooperativismo em particular, visto que é a primeira vez que tal acontece.

Antes de receber o prêmio, que aconteceu à noite no salão de atos da Assembléia Legislativa, Ruben Ilgenfritz da Silva concedeu entrevista coletiva à imprensa de Porto Alegre, quando analisou os principais problemas da agricultura, onde destacou a soja principal produto gaúcho.

Abordou na oportunidade as preocupações da COTRIJUI no sentido de aumentar a produtividade da oleaginosa, para uma maior participação nos mercados internacionais. Foi quando

lembrou que ao lado do aumento da produtividade, precisamos agir no sentido de diminuir os gastos internos de frete, sem o que nunca conseguimos com-

petir a nível de preços com os produtores norte-americanos, pois estes colocam seu produto nos portos de embarque a preços altamente vantajosos.

VICE-GOVERNADOR PRESIDIU ATOS

O ato solene de entrega do prêmio Homem Marketing de 1975 ao presidente da COTRIJUI foi presidido pelo vice-governador do Estado sr. José Amaral de Souza e contou com a presença do secretário da Indústria e Comércio, Cláudio Strassburger, do presidente da Caixa Econômica Estadual, Romeo de Almeida Ramos e outras autoridades.

Falaram durante o ato o presidente da ADVB, Seção Porto Alegre, sr. Reni Renato Jaeger, o premiado

e o secretário Cláudio Strassburger, em nome do governador do Estado.

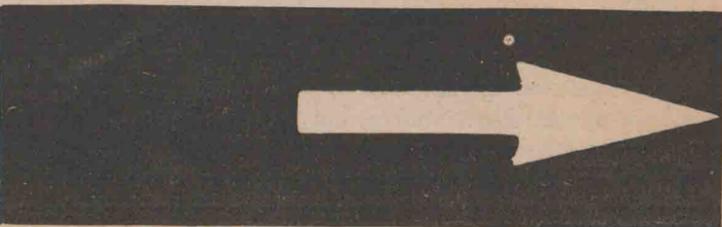
A entrega do troféu foi feita pelo vice-governador, diante de um plenário lotado por técnicos, empresários e jornalistas de todos os órgãos de comunicação de Porto Alegre e muitos do interior. A Rádio Progresso de Ijuí transmitiu ao vivo a solenidade, através da locução dos radialistas Valdir Heck e José Guedes, com trabalhos técnicos de Cláudio Geraldo Wesendonck.



O público lotando o plenarinho da Assembléia Legislativa.



O abraço comovido da esposa, D. Marilda.



REGIÃO HOMENAGEOU HOMEM MARKETING

A Rádio Repórter de Ijuí associou-se às homenagens tributadas ao diretor-presidente da COTRIJUI por motivo do Homem Marketing, de 1975, oferecendo um churrasco à direção e assessores de diretoria da cooperativa, em sua sede social.

Ao churrasco de confraternização estiveram presentes a direção e altos funcionários da emissora bem como toda a direção da cooperativa.

Oferecendo a homenagem, fez uso da palavra o diretor da Rádio Repórter, radialista Wilson Mânica, que destacou os méritos do homenageado e a significação do título para a COTRIJUI e para o município de Ijuí de maneira geral.

Wilson Mânica ofertou a Ruben Ilgenfritz da Silva uma placa de prata, sob os aplausos dos presentes. Agradecendo a demonstração de apreço falou o eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, ressaltando que sua escolha como Homem de Marketing 75 pela Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil representa acima de tudo o reconhecimento da projeção que a COTRI-

JUI em particular e o cooperativismo em geral têm alcançado no Estado e mesmo no País.

Ressaltou o homenageado que recebia a distinção da Rádio Repórter como uma homenagem à toda a equipe da cooperativa. Presente a homenagem o sr. Waldeli Santos, técnico da Cooperativa Agrícola do Maranhão, que encontrava-se em Ijuí, também fez uso da palavra para enaltecer a homenagem prestada ao dirigente cooperativista.

FUNCIONÁRIOS HOMENAGEARAM

Os funcionários da cooperativa uniram-se para homenagear o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, em solenidade que constou de um jantar servido na Sociedade Ginástica, na noite de 12 de dezembro.

O jantar reuniu mais de 300 pessoas entre funcionários e familiares, além de convidados especiais. Compareceram autoridades do município, destacando-se o prefeito municipal, sr. Emídio Perondi; o juiz de Direito, bacharel Mário Ferrari, representantes das classes empresariais e bancárias e jornalistas.

CÂMARA MUNICIPAL DE IJUI DÁ VOTO CONGRATULATÓRIO

Por proposição das bancadas do Movimento Democrático Brasileiro e da Arena, através de pronunciamento do vereador José Heriberto Krysczun, a Câmara Municipal de Ijuí aprovou em sessão de 24 de novembro voto de congratulação ao diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, por sua distinção Homem Marketing 75, prêmio concedido pela Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, Seção Porto Alegre.

A proposição de ambas as bancadas, na palavra do vereador José Heriberto Krysczun, teve a seguinte justificativa:

“ Senhor presidente e senhores vereadores. É deveras significativo não só para esta Casa mas também para o município de Ijuí, quando um de seus concidadãos conquista um título como esse que acaba de ser concedido ao diretor-presidente da COTRIJUI: HOMEM DE MARKETING/75.

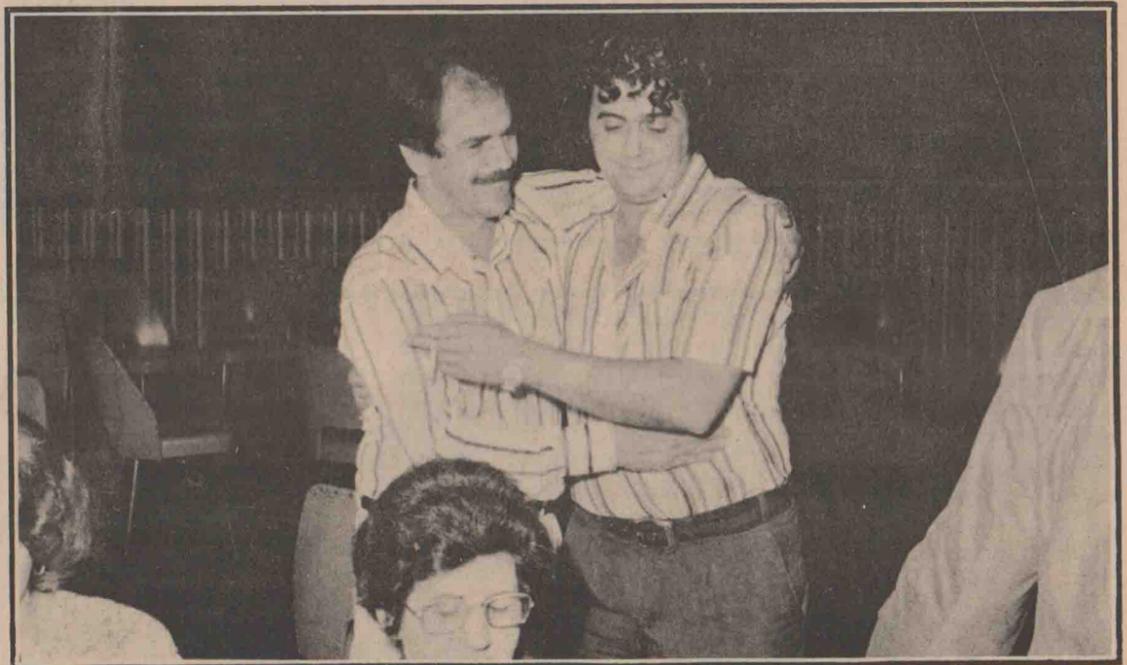
Em particular, aproveitamos o ensejo para levar nossa saudação - asaudação da bancada do MDB - ao ilustre eng. agr. doutor Ruben Ilgenfritz da Silva, pela dinâmica que vem dando à Cooperativa Regional Trifíclica Serrana Ltda., de Ijuí. Nossa congratulação é ainda mais significativa por considerarmos que o dr. Ruben Ilgenfritz da Silva é hoje aquele que divulga com maior destaque e prestígio a nossa Colmeia do Trabalho nos mais diferentes recantos do Brasil. Nosso município, senhor presidente e senhores vereadores, é respeitado e admirado. E grande parte desse respeito e dessa admiração dá-se por consequência do dinamismo da COTRIJUI. É pois com justiça que se dê um voto de congratulação a esse cidadão ijuiense.

A bancada do MDB ufana-se de, neste momento, elevar bem alto o nome desse cidadão porque ele tem levado o nome de Ijuí inclusive para fora do País. Assinado, José Heriberto Krysczun.

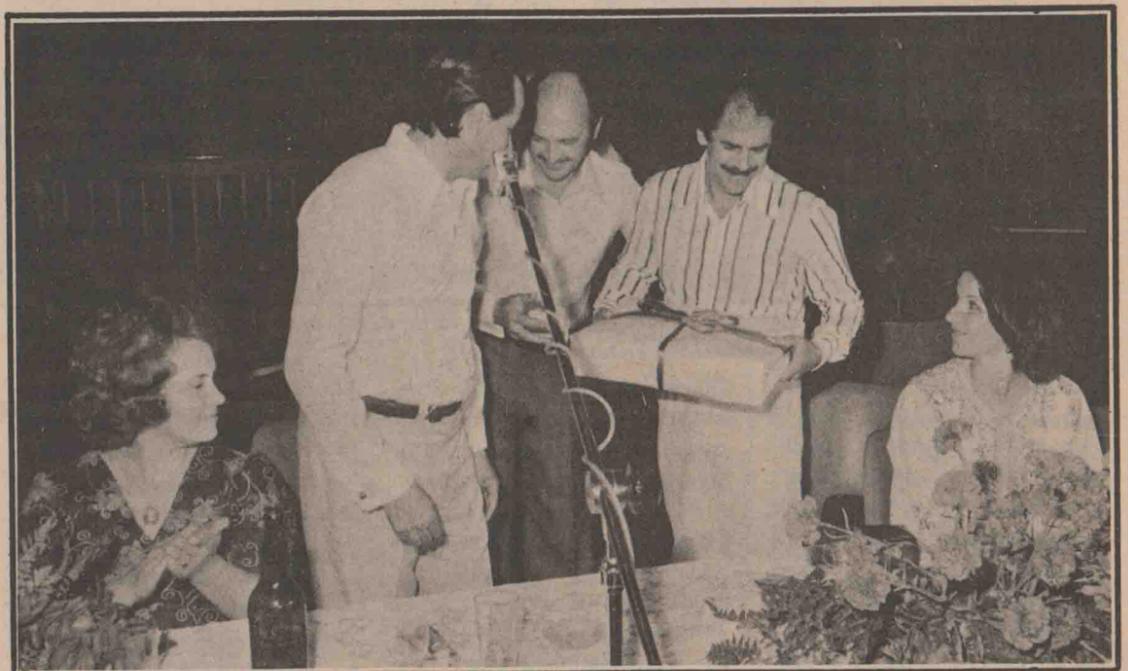
A certidão concedendo o voto de congratulação está assinada pelo presidente da Câmara Municipal, vereador José Henrique da Silva, com data de 12 de dezembro de 1975.



A homenagem da Repórter. Wilson Mânica entrega placa de prata ao Homem de Marketing.



Na SOGI, o abraço do prefeito Emídio Odósio Perondi.



Diretores da COTRIJUI abraçam o presidente, enquanto este recebe uma lembrança oferecida pelos funcionários. Cercam Ruben Ilgenfritz da Silva, nesta foto, os srs. Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente e Clóvis Adriano Farina, diretor superintendente. Líderes cooperativistas e dirigentes sindicais vieram da maioria dos municípios vizinhos trazer seu abraço de felicitações ao presidente da COTRIJUI pela distinção concedida pela ADVB. Representantes dos setores empresariais do Estado também compareceram na Assembléa Legislativa durante o ato de entrega do troféu, na noite de 15 de dezembro. Os que residem nesta região estiveram na noite de 12 de dezembro na SOGI.

SOJA

É BOM INSISTIR NAS MÚLTIPLAS UTILIDADES DA OLEAGINOSA

Há anos, se diz que quem planta soja colhe pão, leite, carne, ovos e dezenas de outros alimentos, apesar de nós brasileiros não darmos veracidade ao fato devido ao pequeno uso que se conhece da leguminosa.

Agora, no entanto, avolumam-se as informações sobre lançamentos de produtos de alto teor alimentício tendo por base a soja. A carne de soja, segundo processo descoberto pelo Instituto de Tecnologia Alimentar (ITAL) de Campinas, São Paulo, já está sendo consumida naquele Estado, em caráter experimental, com excelentes resultados. Uma fábrica do Paraná, segundo os jornais, está lançando a proteína de soja (carne) a nível comercial e até mesmo aqui no sul, na cidade de Pelotas, pão e leite de soja têm sido consumidos experimentalmente na merenda escolar em colégios de suburbio.

É importante repetir o que para nós tem uma conotação de novidade; mas para o mundo — principalmente o continente asiático — contam-se por milhares de anos.

No Extremo Oriente — China, Mandchúria, Japão e Coréia — é conhecida há 5 mil anos.

Diz a história que no ano 2.338 antes de Cristo, o imperador chinês Shen Nung, conhecendo seus predicados, decidiu incentivar a produção da soja, o que lhe valeu o título de o fundador da agricultura chinesa.

A SOJA NO OCIDENTE

Um histórico da soja na Europa Ocidental, apesar da inexistência de dados exatos, mostra que sua introdução no velho continente deu-se no século XIX. Tem-se como fato incontestável que foi entre 1880 e 1890 que ela se tornou conhecida dos agricultores.

Na França, foi em 1875 que um técnico chamado Lachaune recomendou o seu cultivo pela primeira vez. Em 1874, sementes de soja foram importadas pela

França ao México. Essa procedência faz supor que a planta já existia no novo continente, antes de sua entrada na Europa.

Várias sociedades, entre elas a Sociedade de Aclimação de Paris, empenharam-se na vulgarização da planta. A Sociedade Hortícola de Etampes perseverou na tentativa, conseguindo criar uma variedade adaptada ao clima europeu. Nos primeiros tempos de sua entrada na Europa a soja foi chamada "ervilha oleaginosa da China", em vista da grande quantidade de matérias graxas (óleo) contidas nas sementes.

Em 1898 a soja era cultivada em grandes extensões da França agrícola, principalmente no sul e na maior parte da Europa Central.

A sua introdução no Brasil data de 1880, mais ou menos. Conforme publicamos em nossa edição nº 19, que circulou em maio de 1975, segundo a Revista Agrícola do Rio Grande do Sul, edição de julho de 1901, o engenheiro Gustavo d'Utra, diretor do Instituto de Agronomia de Campinas, experimentou a cultura da soja na Bahia no ano de 1882, "com muito êxito, e repetiu essas experiências igualmente com bom resultado no campo de ensaios do Instituto, em São Paulo."

Mas se as origens de soja em fase experimental no Brasil remontam ao século passado, sua exploração a nível econômico são recentes. Foi na década dos anos 50 que sua produção começou a crescer rapidamente. A princípio foi alimento para porcos, que demonstrou excepcional capacidade para engorde. Hoje é fator de relevo na economia nacional, em marcha para colocar-se no primeiro lugar entre os índices das exportações brasileiras para o exterior.

CONSUMO INTERNO

Mas apesar de suas reconhecidas qualidades alimentícias, é quase nulo o consumo da soja no País. A não ser transformada em

óleo de cozinha e em margarina, não tem qualquer outro aproveitamento na dieta do brasileiro.

As perspectivas que passam a se apresentar agora no imenso campo alimentício da soja, são realmente benéficas. Além de seu real poder proteico, a gordura da soja, como a de todos os demais vegetais, é bem mais benéfica ao organismo humano do que as gorduras origem animal.

Todavia, apesar do conhecimento teórico que temos no Brasil de grande utilidade da soja para a alimentação humana, seu consumo é praticamente nulo, a não ser através do óleo e da margarina.

Por todos os fatores conhecidos que fazem da soja o mais rico e versátil dos alimentos, além das plenas condições culturais da

oleaginosa no nosso País, que tem condições de transformar-se no principal produtor mundial (já ocupamos o 2º lugar, porém muito distante do 1º produtor, que são os Estados Unidos), é salutar saber que a soja passará já a curto prazo a ocupar seu lugar na dieta alimentar do nosso povo, graças as experiências exitosas do Instituto de Tecnologia Alimentar de Campinas.

FETAG APÓIA PROJETO AMAZÔNIA

Esteve em visita à região e à COTRIJUI, o presidente da FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), sr. Otávio Klafke, que além dos contatos que fez, se manifestou plenamente favorável à implantação do projeto de colonização na Amazônia.

O presidente da FETAG, em reuniões que realizou com os sindicatos da região e núcleos rurais, ouviu os problemas e reivindicações dos produtores. Entre os quais a safra frustrada do trigo, que criou vários problemas aos plantadores; discutiu ainda a situação do leite e dos suínos. Sobre o trigo, Otávio Klafke afirmou que a FETAG apoiará a FECOTRIGO, que reivindica, junto ao Governo, a liberação para gastos pessoais, de três sacas do produto por hectare plantado. Ele explica:

— Com a nova diretriz do Governo de recolher do produtor o trigo de sua manutenção e dada a frustrada safra os agricultores ficarão sem trigo para seu consumo próprio, além de enfren-

tarem os problemas decorrentes desta safra.

Por isto, o presidente da FETAG, juntamente com os sindicatos e cooperativas, depois de ouvir a opinião geral dos produtores e constatar a necessidade da liberação destas três sacas, irá a Brasília a fim de manter contatos com autoridades do setor e mostrar o problema.

GAÚCHO NA AMAZÔNIA

Durante sua estada na região, Otávio Klafke, ainda analisou o projeto de colonização da Amazônia, realizado pela COTRIJUI, que prevê a ida de agricultores gaúchos para aquela parte do Brasil. O presidente da FETAG, foi totalmente favorável, dizendo:

— Se for feita uma colonização de gaúchos em qualquer um dos pontos da região prevista pelo projeto Amazônia, o Brasil não necessitará mais importar alimentos.

Para Otávio Klafke, o gaúcho na Amazônia significaria "ar-

mazéns abarrotados de alimentos". Além disso, ele lança a pergunta: "porque ao invés de ir para o Paraguai ou outro país, como vem ocorrendo, o agricultor gaúcho, não vai para a Amazônia, para suas próprias terras, como bom brasileiro?"

Quanto às áreas que deverão ser inicialmente colonizadas pelos gaúchos, Klafke diz que de acordo com os contatos mantidos com os produtores (quando pode avaliar que sua aspiração o levará até lá) e com os estudos feitos, serão as que estiverem mais próximas aos centros consumidores. Se bem que dentro do projeto desenvolvido pela COTRIJUI, o agricultor terá plena liberdade de escolher o local que acredite melhor para si. Finalizando, o presidente da FETAG ainda comentou:

— Na Amazônia tem o que gaúcho espera: terras em abundância. E para a Amazônia, o gaúcho levará o que a região necessita: mão-de-obra qualificada e conhecimentos profundos de agricultura e pecuária.

IMASA CRIA SUA PRÓPRIA PUBLICIDADE

O Grupo Industrial Imasa, conceituado setor empresarial dedicado à indústria de máquinas agrícolas, com sede em Ijuí, acaba de criar sua própria agência publicitária. A agência tem o nome jurídico de PUBLIMASA Publicidade Imasa, e está sob a gerência do sr. Milton N. da Silva, conhecido radialista desta região, tendo

militado muitos anos como locutor da Rádio Progresso de Ijuí.

A Publímasa caberá gerir as verbas publicitárias da empresa nos veículos de imprensa de todo o País e mesmo do exterior, pois o Grupo Industrial Imasa está instalado em três Estados brasileiros e inclusive no Paraguai.

A localização do Grupo é a seguinte: sede em Ijuí, com administração e fábrica à av. 21 de Abril, 938. Fábricas em Ponta Grossa e Ituiutaba, nos Estados do Paraná e Minas Gerais, respectivamente. Mantém escritórios de venda em Porto Alegre e em Assuncion, no Paraguai.

INTERCÂMBIO DA TECNOLOGIA E MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA

Importante análise da tecnologia e mão-de-obra a nível de intercâmbio internacional, com a assinatura do físico Rogério Cerqueira Leite, coordenador geral das faculdades da UNICAMP—Universidade Estadual de Campinas, foi publicada no jornal Folha de S. Paulo, em sua edição de 28/9/1975.

Transcrevemos a citada matéria por considerá-la relevante, e condizente com a filosofia editorial do COTRIJORNAL. Seu texto na íntegra, é o seguinte:

“Os Estados Unidos da América em 1974 exportaram 22 bilhões de dólares em cereais, ou seja, quase três vezes a exportação total do Brasil e 20 vezes o que exportamos em café. Aparentemente esta situação colide com nossa imagem dos Estados Unidos como potências superdesenvolvidas, pois desta se espera que os itens dominantes de exportação sejam os manufaturados de alta tecnologia tais como aviões a jato, usinas atômicas, equipamento científico, etc. Maior surpresa advém ainda quando se percebe que, a despeito da crise de energia, aquele país planeja para os próximos anos um grande esforço para o aumento da produção de produtos agrícolas.

Convém salientarmos, entretanto, que há uma grande diferença entre a exportação de banana, como faz o Brasil, e a de cereais, como se dá nos Estados Unidos, embora, em ambos os casos, se esteja exportando um produto primário. Em realidade o cereal americano tem significativo conteúdo de tecnologia adicionada, seja por intermédio do alto nível de mecanização, seja pela enorme quantidade de pesquisa agrônoma que precedeu a produção, enquanto o componente dominante na produção de banana brasileira é a mão-de-obra. A classificação simplista de bens de consumo em primários e secundários ou manufaturados é nociva, principalmente quando tratamos de troca com o exterior. Basicamente, há três tipos de insumos que compõem um produto primário ou secundário, e uma compreensão mesmo aproximada do que estes três elementos significam é essencial.

Estes insumos são aqueles que correntemente chamamos de matéria-prima, mão-de-obra e tecnologia. Precisamos inicialmente nos desfazer dos conceitos prevalentes de produtos primários e secundários. Mesmo o conceito de manufaturados é de utilidade duvidosa.

O Brasil exportou em 1974 cerca de 12 milhões de dólares de circuitos integrados e transis-

tores; isto poderia ser considerado como altamente desejável por se tratar de manufaturado. Entretanto, uma análise detalhada demonstra que neste caso foi exportada principalmente mão-de-obra. A matéria prima e a tecnologia incorporada são importadas. Além disso, como a tecnologia necessária à fabricação está inteiramente retida no equipamento importado, muito pouca tecnologia é transferida para o país.

Procuremos, portanto, caracterizar melhor estes três tipos de insumo:

1. MATÉRIA-PRIMA — Inicialmente deixemos bem claro que o conceito de matéria-prima também é impreciso. Por exemplo, a exportação de madeira não é tão desejável como a exportação de minérios ou petróleo. Quando se exporta madeira se perdem quantidades infinitésimas de minerais (como micronutrientes). A matéria básica é composta de elementos inesgotáveis, como carbono, nitrogênio, oxigênio, hidrogênio, e de energia solar. A recomposição de reservas florestais é uma questão de anos ou décadas. Por outro lado, a exportação de petróleo ou minérios empobrece definitivamente o país e só deve ser tolerada em caráter provisório. A incorporação de alguma tecnologia à madeira através de mecanização e processamento pode tornar sua exportação muito mais desejável do que a simples exportação de mão-de-obra, como o faz o Brasil no caso dos circuitos integrados.

2. MÃO-DE-OBRA — A exportação de mão-de-obra é provavelmente mais desejável que a exportação de minério. Certamente não compromete o futuro de um país, como no caso da exportação de minério, mas pode por vezes alienar recursos humanos essenciais para o desenvolvimento econômico. Devido ao alto conteúdo tecnológico, a mão-de-obra nos Estados Unidos utiliza somente 2% de sua força de trabalho, enquanto que para a mesma produção a China utiliza 85% de uma população 4 vezes maior. Com isto, se libera nos Estados

Unidos um enorme contingente humano para outras atividades, inclusive a melhoria da própria lavoura.

3. TECNOLOGIA — A criação de uma nova tecnologia depende da existência de tecnologias de base e de tecnologias paralelas, de tal maneira que se pode dizer que para um conjunto de tecnologias correlatas à razão de geração de tecnologia por unidade de tempo, é proporcional à tecnologia existente, o que faz com que o processo de desenvolvimento tecnológico tenha um comportamento exponencial com o tempo.

Esse processo de avalanche que caracteriza a produção de tecnologia se desencadeia sempre que uma certa densidade tecnológica é atingida. A comunidade que a produz se enriquece de mais tecnologia ao vendê-la. Entretanto, este processo de autogeração exponencial somente se inicia após atingido um limiar tecnológico, que é determinado pela oposição entre atividades forçadas e perdas por obsolescência ou aniquilação. A aniquilação de tecnologia é um processo súbito que ocorre mais frequentemente do que se pensa. Quando recentemente se evitou a venda da Cônica a uma multinacional, impediu-se tal processo, pois passaria aquela firma a produzir modelos projetados no exterior. O pagamento de direitos (royalties) seria o menor dos males. A grande perda seria a aniquilação instantânea de tecnologia, que, embora simples, demorou décadas para ser desenvolvida e que por sua vez poderá gerar novas tecnologias.

O estado tecnológico parasitário da indústria de eletrodomésticos do país, por exemplo, onde, contrariamente ao que ocorre nas matrizes, não há nenhum esforço em pesquisa ou desenvolvimento, tem como principal vantagem a neutralização de possíveis desenvolvimentos em tecnologias correlatas. Acertadamente, o país estabeleceu barreiras alfandegárias a produtos cuja produção poderia ser estimulada: é preciso comermos a pensar em barreiras alfandegárias para importação de tecnologia sempre que houver similar nacional. Quando os países desenvolvidos de hoje atingiram no passado uma alta densidade tecnológica que permitiu este estado de au-

togeração, havia barreiras naturais ao livre trânsito de tecnologia pela competição entre indústrias locais e estrangeiras bem caracterizadas. Hoje, com o predomínio das chamadas multinacionais, estas barreiras já não existem e o desenvolvimento de tecnologias autóctones fica comprometido. Não basta evitarmos o pagamento de royalties e dos chamados serviços técnicos. É preciso, embora seletivamente, resistir-mos à tentação de receber, mesmo como doação tecnologias acabadas e inalteráveis, cuja presença venha coibir o nascimento de tecnologia nacional.

O PRODUTO — O produto seja ele um manufaturado, um cereal ou minério, é sempre composição de matéria-prima, mão-de-obra e tecnologia.

Os países árabes, com o petróleo, estão exportando muita matéria-prima, um pouco de mão-de-obra, e importando tecnologia. Apesar de seus PNB, esses países são subdesenvolvidos. O melhor indicativo do desenvolvimento de um país está no conteúdo tecnológico vis-a-vis dos componentes de mão-de-obra e matéria-prima de sua produção.

Os alimentos são os produtos em que mais facilmente se poderá no Brasil introduzir um conteúdo tecnológico apreciável e como a demanda externa deverá aumentar firmemente, é principalmente nesta direção que poderá o Brasil equilibrar sua balança de pagamentos e atingir uma estabilidade econômica aceitável.

Por outro lado, como no mercado internacional de manufaturados sobrevivem apenas produtos de melhor tecnologia, e não podemos confiar indefinidamente no baixo custo de nossa mão-de-obra, nossa maior possibilidade de penetração imediata reside principalmente naqueles casos em que o manufaturado depende de produtos naturais de que somos especialmente favorecidos. Casos típicos são os do quartzo, do minério de ferro, de produtos do couro, do pirocloro (minério de nióbio), de mica, da pirofiliita, das pedras semipreciosas, da cassiterita, etc. E mesmo nestes casos deverá o Brasil fazer um esforço tecnológico a curto prazo de dimensões apreciáveis.

A incorporação de tecnologia ao produto é entretanto bastante difícil. Nos Estados Unidos

ficou demonstrado que somente as companhias que possuem elas mesmas um setor eficiente de pesquisa e desenvolvimento (R and D) são capazes de comprar tecnologia de outras instituições. Este fato ilustra o caráter extremamente sutil da tecnologia e seu aproveitamento. Transferência de tecnologia somente ocorre quando o receptor possui uma competência tecnológica compatível com a tecnologia a ser assimilada. Outro fator comumente esquecido é que a tecnologia só admite um recipiente, o homem.

Bibliotecas, equipamentos patentes, etc. não são em si representativos de tecnologia. Somente equipes técnicas capacitadas permitem a transferência de tecnologia. É, portanto, necessário um esforço imediato para a formação de tais equipes, possivelmente com a importação de um número apreciável de especialistas do exterior. Esta importação de homens, contrariamente ao que ocorre com contratos de serviços e pagamentos de direitos, e extremamente propícia, pois não compromete divisas. Uma política enérgica nesta área permitiria a formação a médio prazo de equipes técnicas formadas por especialistas estrangeiros e técnicos nacionais. Mas a verdade inelutável é que não haverá transferência de tecnologia do exterior para o Brasil enquanto um nível tecnológico autóctone não for atingido. Consequentemente, nossa competição no mercado internacional só será realizada quando equipes técnicas nacionais nas próprias indústrias e instituições de pesquisas forem de nível comparável aqueles existentes no exterior. Enquanto isto não se der, o Brasil continuará exportando mão-de-obra e seus recursos naturais.

LEIA
EDITORIAL
A
PÁGINA
2

COOPERATIVAS DO ALTO URUGUAI PADRONIZAM RECEBIMENTO DA SOJA

O PIDCOOP — Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo — promoveu sua última reunião nesta área do Estado, tendo por local a cidade de Ijuí, com o que encerrou suas atividades nesta região. Agora, com a criação do CCCAU — Centro de Comunicação e Educação Cooperativista do Alto Uruguai, que atuará nesta região com as atribuições daquele organismo, o PIDCOOP deslocou-se para a região de Passo Fundo.

A última reunião do PIDCOOP em sua área de origem, que foram os municípios da região do Alto Uruguai, ocorreu nos dias 17 e 18 de dezembro, em dependências do Hotel Fonte Ijuí, oportunidade em que foram debatidos importantes assuntos relacionados com o cooperativismo e também aprovadas medidas transcendentes para o sistema.

Participaram da reunião além das cooperativas integrantes do PIDCOOP, mais as cooperativas tritícolas de Passo Fundo, Carazinho e Santa Bárbara do Sul. Como organismos assistentes participaram a ASCAR, OCERGS, Banco do Brasil, através da CTRIN, o INCRA, a FIDENE e o CCECAU, órgão criado com a finalidade de substituir o trabalho que o PIDCOOP desenvolveu nesta área por dois anos, em cuja direção está o presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva.

Constou do documento básico do encontro de Ijuí, a padronização para o recebimento de soja da safra de 1976, que reformulou a tabela anterior. O documento, que foi assinado por todas as cooperativas da região do PIDCOOP e entidades presentes, tem a seguinte redação:

1 — Adotar uma nova tabela de recebimento da soja, que reformule a tabela anterior aprovada no Seminário de Santa Rosa abaixo detalhada, comprometendo-se as Cooperativas presentes a observá-la integralmente por ocasião do recebimento do produto e divulgando-a amplamente entre os seus associados.

a) Desconto de Umidade

13,5 ^o	— 14,0 ^o	— 1,3%
14,1 ^o	— 15,0 ^o	— 2,6%
15,1 ^o	— 16,0 ^o	— 3,9%
16,1 ^o	— 17,0 ^o	— 6,5%
18,1 ^o	— 19,0 ^o	— 8,1%
19,1 ^o	— 20,0 ^o	— 9,7%
20,0 ^o	— 21,0 ^o	— 11,3%
21,1 ^o	— 22,0 ^o	— 12,9%
22,1 ^o	— 23,0 ^o	— 14,9%

Observação: Quando for superior a 22,0^o o desconto será de 2% a cada grau de aumento de umidade.

b) Quebra Técnica de Impurezas.

Será cobrada quebra técnica ou desconto de impurezas de 1% sobre todo produto entregue. Ocorrendo impurezas apuradas através de amostragem e utilização das peneiras do equipamento "Kepler Weber", ou equivalentes em percentual superior a 1%, o desconto será o indicado pela amostragem.

2 — Ratificar os demais termos do Documento Básico do Seminário de Santa Rosa referentes aos critérios da comercialização da soja a nível de produtor, qual seja, soja em depósito e preço médio, bem como permanecerem as despesas financeiras que incidem sobre o adiantamento retirado pelo associado, através de débito na conta corrente no mínimo de 1,5% ao mês, sendo beneficiados pelo adiantamento aqueles associados que vincularem sua produção à modalidade preço médio, proporcionalmente ao adiantamento retirado.

3 — Que o valor do adiantamento da pré-comercialização da soja da safra de 1975/1976 será de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) por saco baseados na quantidade de produto entregue na safra anterior, sendo que a base de cálculo para vínculo a preço médio será de Cr\$ 60,00 (sessenta cruzeiros) por saco.

4 — Que o valor do adiantamento no momento da entrega do produto será decidido pelas Cooperativas na reunião a realizar-se dia 12.03.76 na Cooperativa Tritícola de Cruz Alta — COTRICRUZ — reunião esta a ser organizada e coordenada pela Secretaria Executiva do CCECAU.

5 — Sugerir que a FECOTRIGO gestione junto às autoridades competentes o pagamento de quebra técnica na armazenagem do trigo também às Cooperativas, como é proporcionado à CESA, bem como ser definida a política de variação de umidade abaixo de 13^o para fins de armazenagem e comercialização do trigo nacional.

6 — Comprometem-se as Cooperativas a não servirem de depositárias para financiamentos de E.G.F de soja a produtores individualmente.

7 — Aprovar a resolução de criação de uma Central de Lati-

cinios a nível Estadual, ficando para tanto marcada uma reunião para o dia 21.01.76, na sede administrativa da COTRISA, em Santo Ângelo, às 9,00 horas para aprovação dos estatutos e demais assuntos relacionados com a fundação da Central.

O presente documento foi elaborado no encontro de cooperativas promovido pelo PIDCOOP realizado na sala de convenções do Hotel Fonte Ijuí, na cidade de Ijuí, RS nos dias 17 e 18 de dezembro de 1975, contando com a participação das seguintes entidades e Cooperativas: INCRA, OCERGS, FECOTRIGO, ASCAR, BANCO DO BRASIL (CTRIN), FIDENE, CCECAU, COTRIJUI, COTRISA, COTAP, COTRIROSA, COTRIMAIO, COTRICAMPO, COTRIFRED, COTRICRUZ, COTRIPAL, COPALMA, COOPERODEIO, e as Cooperativas Mistas S. J. Mauá, Santo Afonso, Candeia, Tuperandi, São Luiz, São João Batista, N. S. de Lourdes, Tritícola Carazinho, Tritícola P. Fundo e Tritícola Santa Bárbara.

PENSAMENTO COOPERATIVO DO OESTE PARANAENSE NO JORNAL COTRIGUAÇU

Um grupo de oito cooperativas filiadas a COTRIGUAÇU — Cooperativa Central Regional Iguazu Ltda — acabam de lançar o COTRIGUAÇU, órgão de circulação dirigida ao oeste e sudoeste do Paraná, destinado aos associados daquelas cooperativas.

O jornal, que tem uma tiragem dirigida e controlada de 30 mil exemplares, veiculará assuntos de alto interesse para a informação cooperativista de uma ampla região paranaense. Seu editor é o jornalista Nilson Herrero Martins.

De parabéns as regiões oeste e sudoeste do progressista estado do Paraná, principalmente os cooperativados da área, que passam a contar com um jornal de orientação cultural e defesa de seus legítimos interesses. O COTRIJORNAL augura ao novo órgão vida longa e próspera na defesa intransigente do cooperativismo paranaense e brasileiro.

CALCÁRIO FINANCIADO: COMO CONSEGUIR

Os associados da COTRIJUI interessados na obtenção de financiamento de calcário, deverão entrar em contato com nosso Depto. Técnico e de Crédito na instalação mais próxima de sua lavoura. Deverão providenciar, inicialmente, a seguinte documentação:

a) Certificado de análise do solo a ser corrigido;

b) Pedidos de calcário e fosforados.

O Departamento Técnico, de posse do certificado de análise do solo, encarregar-se-á da elaboração dos respectivos projetos. Os associados pagarão uma taxa de 1 por cento sobre o valor do projeto a título de remuneração pela sua elaboração.

MODALIDADES

Procal — Banco do Brasil S.A.

Com prazo de 5 anos, prestações anuais, com carência de 2 anos, sem juros, para calagem intensiva.

Para calagem parcial, prazo até 5 anos, prestações anuais, sem juros.

Procal — BRDE — Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

O prazo do financiamento será de 5 anos, com carência de

2 anos e com amortizações semestrais coincidindo com as épocas de comercialização das safras de soja (mês de julho), e trigo (mês de dezembro), com percentual mais elevado para o mês de julho.

Juros — Para o calcário há isenção de juros; para os fosforados o juro será de 15% ao ano, com subsídio de 40% em vigor até 31 de dezembro de 1976.

Informamos que os preços do calcário ensacado e a granel, nos postos nas localidades abaixo são os seguintes em tonelada:

Ijuí	Cr\$ 230,00
Santo Augusto	Cr\$ 240,00
Tenente Portela	Cr\$ 260,00
Cel. Bicaco	Cr\$ 245,00
Chiapetta	Cr\$ 245,00
Ajuricaba	Cr\$ 235,00
Augusto Pestana	Cr\$ 230,00
Vila Jóia	Cr\$ 230,00

Para entrega na lavoura, num raio de 20 km, mais Cr\$ 10,00 por tonelada.

Calcário a granel: menos Cr\$ 40,00 por tonelada, sendo que para a entrega na lavoura a estrada deve apresentar boas condições para o tráfego de caminhões.

Informamos ainda que o preço do superfosfato-tríplo é de Cr\$ 2.800,00 a tonelada.

ASSOCIADOS DA COTRIJUI DEVERÃO ADQUIRIR INSUMOS NA COOPERATIVA

Segundo anunciou dia 3 o vice-presidente da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., Arnaldo Drews, todos os associados COTRIJUI e que fazem uso do sistema de repasse deverão, a partir de agora, adquirir todos os insumos necessários à lavoura na própria cooperativa.

Esta decisão, que há tempo já vinha sendo esperada da parte dos associados e mesmo dos estabelecimentos comerciais ligados à venda de insumos agrícolas (adubos, inseticidas e herbicidas), foi tomada na última segunda-feira dia 29 de dezembro, em reunião dos Conselhos de Administração e Fiscal da COTRIJUI.

Este sistema consiste num financiamento global, feito pelas cooperativas junto ao Banco do Brasil e redistribuído para agricultores associados com área de cultivo não superior a 140 hectares.

Este financiamento, por intermédio da cooperativa, oferece maior rapidez e facilidade e possibilita a aquisição dos insumos em tempo hábil. Além desse aspecto, há também uma vantagem comercial na aquisição de insumos diretamente através da cooperativa, haja vista os preços mais baixos oferecidos pela mesma. Uma terceira vantagem a considerar é a redução de trabalho ao próprio Banco do Brasil, que ainda, com este sistema, tem maior certeza da aplicação correta do financiamento, em virtude do controle exercido pela cooperativa.

Dos associados à COTRIJUI cerca de 30 a 40 por cento daqueles que utilizam o seu sistema de repasse, até o momento, adquiriam seus insumos ainda de outras fontes. Agora, no entanto, eles também terão de adquiri-los diretamente da Cooperativa.

POLUIÇÃO E MORTE NO RIO CONCEIÇÃO

"Nesse rio (Conceição) tinha de tudo: salmão, traíra, piava, voga, carpa e outros peixes. Mas fazem uns cinco anos que não dá mais nada. Não sei se pescaram tudo ou se foi o veneno que acabou com eles". Este é o depoimento de José Luiz Faurs (Bepe), 33 anos, casado, que "se criou às margens do rio Conceição"

O Rio Conceição fica nas imediações de Ijuí e hoje constitui-se no triste testemunho de uma poluição que se arrasta por todo o Estado, pela incoerência e falta de respeito dos homens para com a natureza.

José Luiz Faurs, um dos mais antigos moradores das margens do Conceição conta como vêm ocorrendo a destruição da fauna e flora daquela região. Antigamente, segundo ele, o rio era rico em peixes. Suas águas, hoje barrentas, eram claras e as pessoas da cidade seguidamente o procuravam para fazer piquenique, pescar e tomar gostosos banhos, durante o verão. Mas tudo isto, hoje, só é uma lembrança.

Tanto o rio, como as matas e vegetação que o circundavam, foram gradativamente sendo exterminados pelo mau uso e "abuso" daqueles que usaram os recursos naturais da região. Rico em variedades e quantidade de peixes até cinco anos atrás, o Conceição agora, oferece apenas a pesca ao lambari". Bepe, que não sabe definir a causa exata disso " não sei se é o clima ou essas coisas (inseticidas)", vai contando o que tem visto nestes últimos anos:

— Acho que o responsável pelos estragos no rio, são estes produtos que andam usando nas lavouras: pesticidas e outros. Mas além disso, tem outra coisa; eu limpo as minhas terras com enxada. Dá mais trabalho, mas não se suja o rio, nem se estraga a vegetação. Mas, já vi muita gente por aqui, fazendo isto (limpeza) com trator, que traz árvores, vegetação, tudo até as margens do rio.

NAS SAFRAS, A MORTANDADE AUMENTA

O agricultor Osório Rosario, morador desde 1928 das margens do Conceição, também acompanha agradativa destruição do rio, seus peixes, a vegetação

que o rodeia e a fauna da região: Ele conta:

— Isto aqui tudo era muito bonito: dava para nadar, pescar, caçar (paca, veado, capivara). Depois tudo mudou. Aos pouquinhos até a paisagem foi se transformando. Basta observar que na época de safra se vêem coisas estranhas no rio e pelas suas margens.

Estas coisas estranhas que "confundem" seu Osório podem ser condensadas em dois fatos. Há três anos atrás, todos os moradores da região, encontraram na época de safra, uma quantidade enorme de peixes mortos no rio. Provavelmente os últimos do Conceição, pois nas safras seguintes, a mortandade atingia apenas aos pequenos lambaris que insistem em viver nas suas águas.

O outro fato se refere a um costume que dia a dia vai se tornando comum. Muitos proprietários da região passaram a "lavar o seu maquinário agrícola nas águas do rio". Após, as lavagens, quando as águas baixaram, as pedras do Conceição que ficaram expostas, estavam todas recobertas de uma substância branca, que os moradores da região não souberam identificar.

INUTILIDADE E EXTINÇÃO

"Em pouco, se isto continuar assim, meus filhos, os filhos dos meus filhos, não vão mais conhecer isto aqui (natureza)" diz Bepe apontando o Conceição e a região, num gesto largo de uma triste previsão do futuro da ecologia do local. Tanto ele, como seus vizinhos, sabem através de seu contato permanente com a natureza, que a partir de determinado momento ela é irreversível. Por isto eles temem.

Contam que atualmente não se arriscam nem mesmo a puxar água do rio" para a lavoura. Seus filhos, também não brincam nas águas do Conceição.

E além disso tudo passaram a acontecer periodicamente erosões nas terras que margeiam o rio. Árvores, caídas, outras secas, e muitas esbranquiçadas, são a atual paisagem que oferece o Conceição e suas imediações. Ou ainda o que restou de uma área extremamente rica em recursos naturais.

Presidente da SARGS:

SOLO É A MAIOR RIQUEZA DO PAÍS

O presidente da Seção Regional da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul em Ijuí e vice-presidente da Associação Conservacionista de Ijuí, eng. agr. Gil La Hire Coimbra Müller falou ao COTRIJORNAL a propósito da Lei de proteção ao solo e a ecologia em geral, sancionada pelo presidente da República.

Disse o eng. agr. Gil Müller que o princípio que determinou a elaboração da Lei de proteção ao solo vinha sendo defendida de longa data pelos agrônomos de todo o País como uma necessidade trancendental para a nação, pois é notório que o solo e nossa maior riqueza.

É o Governo federal chegou a conclusão que não se pode permitir que as gerações atuais destruam o maior bem que pertence às gerações fu-

turas, legando-lhes um solo erodido e estéril, disse Gil Müller.

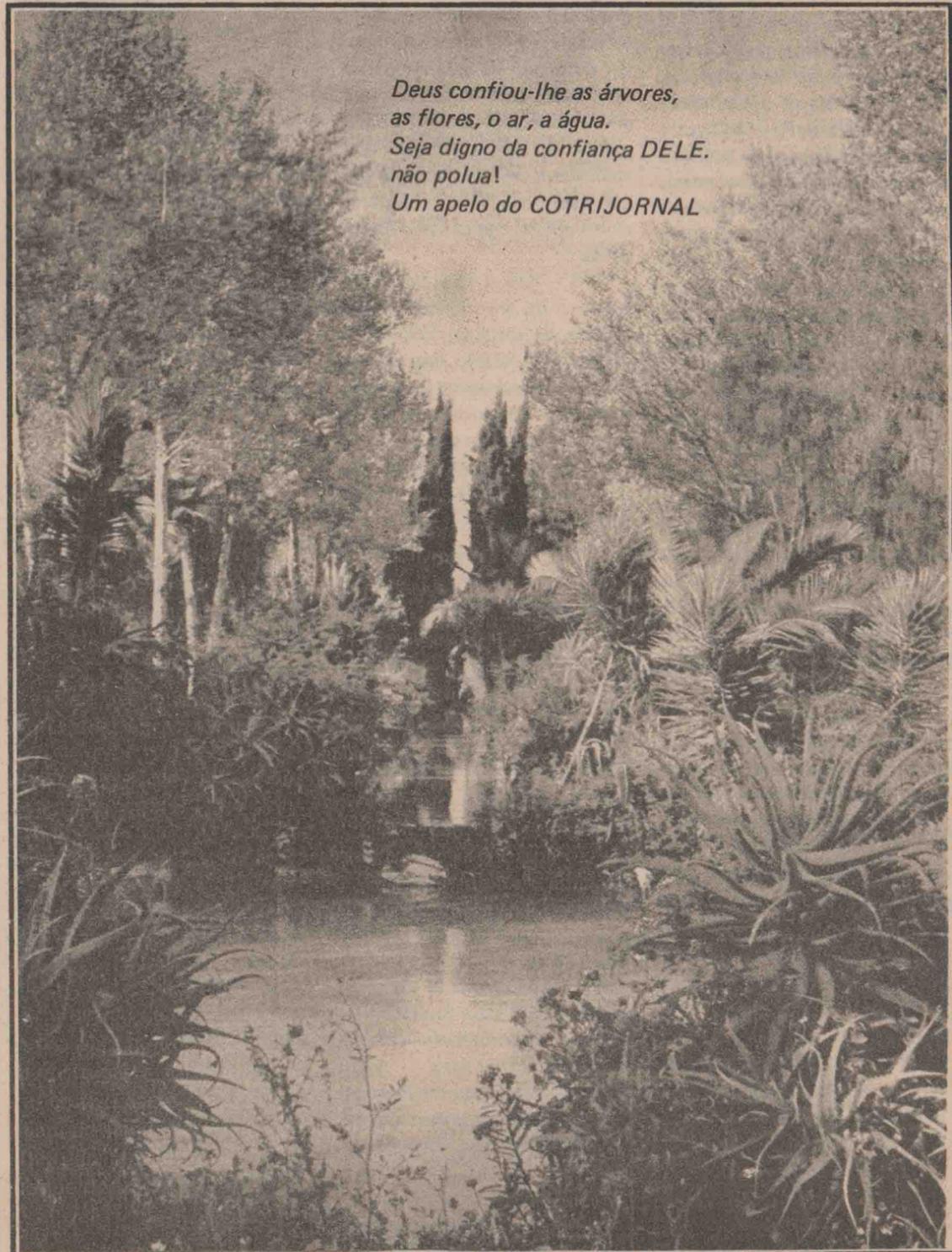
A erosão acelerada obstrue os cursos d'água, represando-os, o que dá origem a uma série de problemas em cadeia, com resultados funestos para a vida do homem na Terra.

Para o eng. agr. Gil Müller a Lei de proteção ao solo foi um passo sábio dado pelo Governo, de longa data aguardando em benefício do próprio produtor e da nação em geral.

Ressaltou o técnico que é alarmante o descaso com que, quase generalizadamente, tratamos o solo no País. Lembrou que foi afirmado no Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, realizado em julho último na cidade de Campinas, que o desgaste de uma camada de solo de 15 centímetros já o torna praticamente improdutivo. Ressaltou que a

erosão causa em nosso País, anualmente, a perda irrecuperável de 280 mil hectares de terra, o que representa sem dúvida um verdadeiro crime de lesa pátria, pois o solo que foi uma riqueza que herdamos de nossos antepassados, temos o dever de entregá-lo em boas condições de fertilidade aos nossos descendentes.

Falando sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Associação Conservacionista de Ijuí, a primeira entidade, no gênero, criada no Brasil, disse que desde sua fundação em 1965, a A.C.I. já construiu terraços em 70 mil hectares em sua área de atuação. A cada ano, são construídos 2.000 quilômetros de terraços, com o que se está diminuindo os índices de erosão nas lavouras de toda a região de atuação da associação, finalizou o eng. agr. Gil La Hire Coimbra Müller.



*Deus confiou-lhe as árvores,
as flores, o ar, a água.
Seja digno da confiança DELE.
não polua!
Um apelo do COTRIJORNAL*

POLUIÇÃO EM TODO O PLANETA

Sob condições naturais, os rios têm poderes consideráveis de autolimpeza. O fluxo de água arrasta os detritos de sais, solos, madeiras e pedras para os oceanos. As bactérias usam o oxigênio dissolvido na água para decompor os detritos orgânicos e por sua vez são consumidos pelos peixes e plantas aquáticas, que desenvolvem oxigênio e carbono a biosfera. O único risco verdadeiro destas simples condições é que algumas das diminutas bactérias se introduzam na água, que alguém beba e o infectem com uma doença intestinal da enorme série que durante milênios tem constituído uma das maiores calamidades da humanidade. Esta, aliás, continua sendo a contaminação principal na maior parte do mundo e está crescendo com o aumento da população.

Com a industrialização e as novas técnicas agrícolas, como o uso de pesticidas, herbicidas e outros em escalas abundantes, esta tendência natural dos rios tende a desaparecer num processo irreversível. A situação é praticamente a mesma em todas as partes do mundo, com poucas variações no nível em que ataca cada uma das regiões. Nos rios, caem os níveis de oxigênio, em muitos lugares não sobrando absolutamente nada. E como toda vida aquática requer oxigênio, o rio perde sua capacidade de manter seres vivos e pode correr quilômetros como um esgoto morto e malcheiroso. Quanto mais lento for o nível do rio, maior será o risco.

EUTROFIZAÇÃO

As massas d'água com pequeno fluxo e menor capacidade de recuperação de oxigênio estão particularmente expostas ao processo conhecido como eutrofização. Este, consiste mais ou menos no seguinte: ao adicionar-se água, a vida aquática recebe o equivalente a uma grande dose de fertilizante. Consequentemente, em muitos rios, as explosões ou florações de bactérias e algas eventualmente esgotam os restantes suprimentos de oxigênio. Então, quando o oxigênio desaparece, outras bactérias que não o requerem, as "anaeróbicas", começam a trabalhar sobre os detritos remanescentes, liberando gases malcheirosos, como por exemplo o anidrido sulfuroso.

O arrasto natural do limo e nutrientes para os lagos tende e torná-los mais rasos e a mudar as formas de vida que podem suportar. Porém o lodo e os afluentes modernos aceleram enorme-

mente a velocidade do processo. O Lago Erie é o exemplo mais notável. Apesar de que muitos lagos, na Europa, sofrem de uma perigosa escassez de oxigênio, do Báltico, medido em Landsort Deep, desceu em 250 por cento desde 1900 e atualmente o oxigênio está virtualmente esgotado nesta parte do mar.

500 NOVOS POLUENTES POR ANO

Além disso, poluentes completamente novos, inventados pelo homem e nunca encontrados na natureza, estão aparecendo nas vias fluviais. Os pesticidas são somente os mais notáveis de uma vasta legião de compostos feitos pelo homem: seu número atinge agora pelo menos meio milhão, enquanto outros novos aparecem num ritmo de quinhentos por ano. Como é dispendioso testar a toxidez das novas substâncias, a possibilidade de uma ampla investigação no momento não é grande. As reservas de água do homem estão sendo constantemente contaminadas com substâncias cujos efeitos a longo prazo são em grande parte desconhecidos.

E, se elas incluírem substâncias que, seja porque se concentram no organismo com o passar do tempo ou por ingestão repetida, debilitem as defesas biológicas essenciais, então atingiremos mais uma vez o limiar da tolerância, além do qual a própria recuperação é duvidosa. Em cada país existe a necessidade imediata de uma política muito mais rigorosa de registro, comprovação e inspeção desses fenômenos. O maior desatino na busca da tecnologia científica consiste em não considerar a aspiração central da ciência e, as vezes seus êxitos que consistem em ajudar o homem a conhecer o que na realidade pretende.

POLUIÇÃO TÉRMICA

A água empregada como resfriador nas usinas geradoras de energia e em alguns outros processos industriais é lançada de novo nos rios, onde ao aumentar a temperatura, acelera certos processos biológicos e impõe mudanças bruscas à vida aquática. Como a alimentação e multiplicação de todos os tipos de peixes são afetados pela temperatura, um aumento ou queda desta tem efeitos profundamente perturbadores, eliminando algumas espécies, superestimando outras e em certas condições destruindo todas.

Mas, além da poluição e males causados pelas indústrias, e agricultura moderna é também

responsável por grande parte desses danos causados à natureza. A toxidez de alguns de seus co-produtos não é posta em dúvida. Entre 1960 e 1963, de dez a quinze milhões de peixes parecem ter sido mortos pelo pesticida endrin que escoou para o rio Mississippi. Em 1969, cem quilômetros de endossulfan que caíram de um barco no Reno causaram uma tremenda mortandade de peixes.

Em 1953, pescadores da grande e semicerrada Baía de Minamata, no Japão, começaram a exibir os sintomas da doença chapeleiro louco, caracterizada pela timidez, ansiedade, irritabilidade e alucinações, seguidos em muitos deles por transtornos mentais e pela morte. A razão era simples. Os mariscos da baía haviam consumido o mercuriato de metila, os pescadores comeram os mariscos e o veneno ainda mais concentrado, tinha ido alojar-se em seus cerebros. Desde então a pesca foi suspensa na Baía de Minamata e a lição é óbvia.

Os Governos devem considerar-se a descarga de uma série de venenos: ácidos, metais pesados, compostos tóxicos, uma lista na qual o chumbo e o mercúrio figuram destacadamente, deveria ser proibido tanto nos cursos d'água como nos canais de esgoto. Tal decisão exporia as indústrias que permitissem o escape de afluentes ao risco de pesadas multas e isso as estimularia a reestruturarem suas práticas industriais.

Há uma discussão generalizada sobre a possibilidade de estender as proibições a contaminantes tão notórios como os detergentes modernos. É verdade que na última década, pelo menos, foram produzidos na forma biodegradável. Em algumas regiões também, as águas costeiras mostram deficiências em fosfatos e a descarga nelas de materiais de esgoto poderia enriquecê-las proveitosamente. Porém, em geral, os fosfatos dos detergentes, especialmente próximos dos lagos de água doce, são ainda a causa principal da floração das águas; isto é quando em algas estagnadas criam-se condições especiais para uma enorme multiplicação desses organismos, que, então, recobrem a superfície da água de uma espuma esverdeada. Mas, como no caso dos venenos industriais, a proibição de seu uso colocaria a indústria na obrigação de encontrar alternativas não-contaminantes.

Porém, além do campo dos venenos contaminantes, os cálculos de custo e benefício se tornam mais difíceis.

Há um provérbio chinês que diz: qualquer moleque é capaz de matar um escaravelho (espécie de inseto). Mas nem todos os cientistas do mundo reunidos, serão capazes de criar e dar vida a ele".

De todas as soluções propostas "antipoluidoras", duas linhas de pensamento se formam: gastar para encorajar um tratamento melhor ou estabelecer impostos sobre os poluentes descarregados. No caso, este último produz um efeito mais radical. Se bem que não hajam dúvidas de que ambas as soluções são necessárias. A pesquisa inovadora porém, e a política pública podem atingir resultados melhores no aspecto preventivo. O que em última análise consiste em admitir a necessidade da administração de rios e lagos.

Pode-se argumentar que esta é a direção para a qual deve seguir qualquer esforço sério da administração das águas. Esta política apresenta dois aspectos: o primeiro consiste em aceitar o princípio de que "quem produz a poluição, deve pagar por seus estragos (limpeza, recuperação das águas atingidas)".

Na Alemanha existe uma associação responsável pelos rios lagos e todas águas da região, que estipulou o seguinte: é cobrado de todos os usuários (indústrias poluentes, por exemplo) das águas uma taxa relativa à poluição provocada pelo despejo de detritos no respectivo rio ou lago. Esta verba é utilizada na recomposição do oxigênio no rio, através de vários sistemas anti-poluidores. Além disso, é também fixado um limite (pela associação) para descarga de poluentes nos rios, de acordo com a capacidade de absorção de cada um deles e com o nível no qual os peixes podem continuar a viver.

Este processo traz duas vantagens. Proporciona à associação uma renda constante para manter os instrumentos de administração das águas menos custosos e mais flexíveis. Isso inclui grandes estações de tratamento integrado, represas e lagos de armazenamento dos quais se pode liberar água quando os rios estão baixos, a reação de certas seções e extensa drenagem da terra.

Além disso, partes do sistema chegam a dar lucros. Por exemplo, as obras hidráulicas proporcionam água potável e rendimento, embora seus preços sejam os mais baixos da Alemanha. A associação tem um gasto global de cerca de 60 milhões de dólares para um sistema de rios cujas vantagens naturais (topografia, total de fluxo, regularidade dos níveis das águas) são de forma alguma consideráveis em comparação com outros rios menos bem administrados, onde os custos são maiores e os resultados muito mais pobres. Ao mesmo tempo, o sistema da associação, possibilita que as taxas sobre os afluentes encorajem cada estação individual a planejar sua própria combinação de tratamento e descarga mais eficiente; como tam-

bém permite obter uma resposta mais flexível às variações do próprio rio. Entretanto, isso não é como alguns críticos sustentam uma "licença para poluir".

O fato de ter de pagar pelos afluentes significa uma pressão muito constante sobre a indústria para que invente tecnologias não poluidoras e portanto economizadoras de taxas. E o ponto interessante é que, quando as técnicas funcionam bem acontece frequentemente que os metais e os minerais não mais lançados no rio constituem valiosos subprodutos que podem ser reciclados economicamente. Desta forma, podemos dizer que a economia do desperdício começa a ceder um pouco de lugar à economia da conservação.

SÃO INÚMERAS AS FORMAS

Na Alemanha, por exemplo, ácido sulfúrico utilizável é recuperado da solução impura de sulfato ferroso na fabricação de aço. A indústria de aço recupera também mais produtos de suas despesas, lançando-as, não no rio, mas em tanques de sedimentação.

As indústrias de latas descobriram que podem recuperar vinagre vendável partindo de materiais que antes eram considerados resíduos. Ao passarem do processo de sulfato ao de sulfato, as indústrias de papel têm reutilizado seus produtos químicos com tão bons resultados que nas fábricas modernas os efluentes podem ser reduzidos em cerca de 90 por cento.

Uma companhia desenvolveu um processo que converte seu álcool residual preto, em carvão ativado, que é então usado para filtrar o líquido efluente da indústria, que dessa maneira pode ser reutilizado.

De modo semelhante, a poluição térmica da água, mediante controle global cuidadoso, pode encontrar alguns usos valiosos. Os tanques nos quais a água quente é bombeada para que se resfrie têm de ser grandes, mas tanto os russos quanto os japoneses os estão utilizando com êxito para recreio e para engorda de peixes, como a enguia ou a carpa, que respondem bem ao calor. As companhias norte-americanas de energia elétrica, situadas nas costas estão experimentando com viveiros de ostras. A água quente usada na irrigação pode acelerar a germinação.

Em todos estes casos, a tendência é partir do conceito de detrito para ir em busca da reutilização. Como tal, reduz os desastres a longo prazo, inerentes a uma economia de desperdício e começa a respeitar e a refletir mesmo que "em pequenos particulares", sobre a natureza definitivamente fechada de nossa limitada biosfera.

EXISTEM MEIOS DE EVITAR

LIGAÇÃO JACUI-IBICUI: O ATRASO DE UM SÉCULO

O Editor de economia do *Jornal Zero Hora*, de Porto Alegre, jornalista Affonso Ritter, promoveu mesa-redonda com autoridades, técnicos e empresários para debater a ligação das bacias do Jacui e Ibicui, assunto que nesta fase foi levantado pelo *COTRIJORNAL* a partir de sua edição que circulou em setembro do ano passado. A importante matéria jornalística que circulou com a edição dominical de 28 de dezembro, focalizou pontos de vista do secretário dos Transportes, sr. Firmino Girardello; diretor-presidente da *COTRIJUI*, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva; Ariosto Vieira Marques, do *DNPVN* e Flávio Fett, diretor do *DEPREC*.

A matéria a seguir, é uma síntese daquele trabalho, com resumos das opiniões técnicas emitidas pelos entrevistados do brilhante jornalista Affonso Ritter.

SECRETÁRIO DOS TRANSPORTES

Para o deputado Firmino Girardello, as grandes idéias referentes a obras, precisam de um período de maturação na comunidade. No caso da ligação Ibicui-Jacui já houve — e até em demasia — essa maturação.

Agora, a navegação toma novo impulso provocado pelo interesse do Governo, transportadores e classes produtoras. Com o traçado de diretrizes definitivas — tipos de embarcação e calado mínimo permanente dos estírios navegáveis — o sistema hidroviário vai ser intensificado. Quando assumimos a Secretaria dos Transportes definimos como meta principal a integração intermodal. Temos que fazer estas três modalidades de transporte funcionando de forma integrada. De tal maneira que se use o mais possível a menos onerosa, que é a hidroviária; em segundo lugar a ferroviária e só em terceiro a rodoviária.

Esta definição, ressaltou o secretário Firmino Girardello, define tudo o que precisa ser feito no Rio Grande do Sul (e no Brasil) em termos de transportes. Fora disso não há mais nada a fazer. A conclusão que se chega é que a ligação Jacui-Ibicui é a obra mestra para o deslanche desenvolvimentista do Rio Grande do Sul.

PRESIDENTE DA COTRIJUI

O eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da *COTRIJUI*, organização que através de seu veículo — o *COTRI-*

JORNAL — levou o debate do projeto ao nível em que se encontra, explicou as razões que levaram a cooperativa a liderar a campanha pró- Ibicui-Jacui.

"A soja atingiu no Rio Grande do Sul, em função do bom desempenho de seus preços no mercado internacional, um nível de produção hoje significativo. Cabe-nos definir alguns problemas que, se solucionados, poderão provocar a sua expansão.

Parece-nos primordial que consigamos diminuir os custos internos. Uma das maneiras para essa diminuição é a produtividade.

Essa, estamos lutando para conseguí-la, mas não é suficiente. O fator que está pesando acenadamente na formação dos custos da soja, principalmente em relação a soja do principal produtor mundial — os Estados Unidos — é o frete.

Todos sabem que no Rio Grande do Sul há uma inversão no transporte de carga. O mais barato participa menos. A solução é o transporte hidroviário.

E se visualizarmos o mapa do nosso Estado vamos verificar que a ligação Ibicui-Jacui vai atingir toda a zona de produção e onde se desenvolve a maior tecnologia. Parece-nos, então, chegado o momento de definir, em termos de reivindicação coletiva e viabilização desse trabalho.

Por alguns dados que tem conseguido buscar, se conclui que não são tão astronômicos os custos da hidrovia. Mas mesmo que o fossem, a soma de resultados através do efeito multiplicador da hidrovia, justificam a realização do empreendimento.

REPRESENTANTE DO DNPVN

O engenheiro Ariosto Vieira Marques, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis — *DNPVN* — disse que o estudo de viabilidade técnica, feito por um consórcio brasileiro-francês, está concluído. Mas a previsão da obra, constante do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento, somente poderá começar em 1979, mesmo assim com pequenos recursos financeiros. Em 1971, quando foi concluído o projeto, seu custo estava avaliado em 150 milhões de dólares. Hoje, naturalmente, este valor está bastante desatualizado. Mas conforme ressaltou o presidente da *COTRIJUI*, seu custo não tem nada de astronômico.

Por outro lado, a obra é plenamente viável e exequível. A construção das eclusas poderá ser feita usando-se tecnologia semelhante à empregada nas eclusas do Jacui até Cachoeira do Sul. A Administração da Hidrovia Jacui-Ibicui, que é a *HASUL*, um órgão criado no começo de 1975 pelo Governo federal, já está executando em fase experimental, o transporte de mercadorias com bastante sucesso nos atuais estírios navegáveis.

DIRETOR DO DEPREC

O sub-diretor do Departamento Estadual de Portos Rios e Canais, engenheiro Flávio Fett, nas declarações a *Zero Hora*, minimizou as dificuldades da construção, citando comparações com obras semelhantes na Europa. Disse o engenheiro que hoje assistimos na Europa a ligação entre o Reno e o Danúbio em que a quota transposição do divisor de águas é superior a 400 metros. Quanto aos estírios navegáveis dos rios Jacui e Ibicui são ainda melhores do que os estírios europeus.

Citou ainda o engenheiro Flávio Fett exemplos de outras ligações: Canal do Norte, a ligação do Ródano e Reno, todos eles com situações bem mais difíceis do que a ligação do Ibicui ao Jacui.

RUBEN SILVA

Voltamos a focalizar o diretor-presidente da *COTRIJUI*, na parte em que o mesmo refere-se a dados já divulgados pelo *COTRIJORNAL*, fornecidos pelo engenheiro Afonso H. F. Portugal, diretor de Vias Navegáveis do *DNPVN*:

A ligação Ibicui-Jacui não proporcionará apenas uma via de transportes. Ela vai resolver problemas de cheias, vai proporcionar água para irrigação numa vasta região necessitada, vai drenar pântanos e transformá-los em lavouras ou campos produtivos, vai produzir energia elétrica entre outros benefícios em cadeia. A obra, em face de sua elevada significação para toda a sócio-economia do Estado, com reflexos na economia nacional em geral, parece justificar até mesmo a formação de uma empresa inter-setorial ou estatal, para buscar recursos e aplicá-los na realização dessa obra, que o Rio Grande do Sul reclama há mais de 130

INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA

A ligação das bacias hidrográficas do Jacui e Ibicui, assunto que nesta fase foi levantado com denodo pelo *COTRIJORNAL*, faz parte do conjunto de intenções do Governo do Estado que lutará em conjunto com as autoridades federais para que a obra seja pelo menos iniciada durante a atual gestão administrativa.

Estando o importante assunto colocado em nível governamental, pois segundo declarações do sr. Sinval Guazzelli sua excelência já debateu o projeto inclusive com o presidente Ernesto Geisel, a intenção do *COTRIJORNAL* em continuar a focalizar a significativa obra tem caráter meramente ilustrativo.

A presente reportagem baseou-se em dados constantes de trabalho apresentado pelo economista Olimpio Tabajara quando da Conferência do Distrito 468 do Rotary Internacional, a 19 de março de 1966, no Rotary Clube de Itaipu. Tendo sido uma conferência rotária, o palestrante analisou a importância da ligação e sucessivo encadeamento com as bacias do Prata e do Orinoco, do ponto-de-vista da amizade continental.

Na sua palestra, Olimpio Tabajara analisou a interiorização de nossa navegação e sua interconexão com as Repúblicas vizinhas — Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru e Bolívia — pela perspectiva do transporte, da energia elétrica, da irrigação, do reforestamento, da colonização, da disponibilidade de água potável e industrial, da demografia, e da recreação e turismo.

Parece que a intenção do conferencista foi provar que a dinâmica dos rios não ocorre apenas em relação a sua presença física de estrada que anda; mas que seus efeitos são sucessivos e tudo o que se projeta ou realiza tendo como elemento o rio, sofre de efeito multiplicador.

O conjunto de obras que se realizará através de etapas sucessivas a partir da ligação Ibicui Jacui, prevê o aproveitamento global do rio Uruguai para navegação e criação de energia, conforme se observa a seguir. A Barragem de Salto Grande, a ser construída no lugar chamado "Ayui" a montante da cidade de Salto (República Oriental do Uruguai) e Concórdia (República Argentina), é o primeiro elo concreto da grande hidrovia.

Seu potencial será de 1.780 kw, produzindo uma energia média anual de 7.300.000.00 de kwh, com o que influenciará todo o Uruguai e a região mais densamente desenvolvida da Argentina.

Seu potencial será de 1.780 kw, produzindo uma energia média anual de 7.300.000.00 de kwh, com o que influenciará todo o Uruguai e a região mais densamente desenvolvida da Argentina.

CANAL DO AGUAPEY

O potencial energético de Salto Grande, a navegação e a

utilização do canal do rio Uruguai para irrigação e demais fins industriais ou pastoris, sofrerão os efeitos das estiagens. Por outro lado, o regime pluviométrico da Bacia do rio Paraná é distinto da Bacia do rio Uruguai. Enquanto este último se encontra em águas médias ou mínimas de novembro a março, aquele outro detém seu nível com águas médias ou máximas, com descarga média de 11.000 m³ por segundo.

Assim, torna-se imperioso para o melhor aproveitamento de Salto Grande e do rio Uruguai que o vasto caudal do Paraná em épocas de baixos no rio Uruguai, seja desviado em parte através do canal do Aguapey ou de um lago regularizador (Iberá). Segundo levantamento de viabilidade do economista Olimpio Tabajara, isso será possível pela canalização do rio Aguapey e a construção de uma barragem em Apipé, no rio Paraná, com potencial de 3.200.000 de kw.

O canal de Aguapey contribuiria não só para ligar diretamente a região sul do Continente aos demais países sul-americanos como também a vasta região do Estero do Iberá, entre as províncias argentinas de Corrientes e Misiones.

CANAL DO RIO BERMEJO

Outra obra hidroviária de real significação no que tange a integração sul-americana é o canal do rio Bermejo. A obra, aliás, compreende dois canais de múltiplo aproveitamento. O primeiro denominado Lateral del Rio Bermejo, com 728 km de extensão ligando Embarcación a Resistencia, capital da província do Chaco. O segundo, denominado Santiago del Estero tem extensão de 1.100 km e desemboca ao sul da cidade de Santa Fé, no rio Paraná.

As obras do rio Bermejo, ainda sem considerar os diques internacionais projetados no alto Bermejo e no Tarija, produzirão 3.074.000.00 bilhões de kw/ano; permitirão a irrigação de 1.500.000 hectares, incrementarão a exploração das riquezas minerais, influenciando diretamente as províncias argentinas de Formosa, Chaco, Jujuy, Salta, Santa Fé, e Santiago del Estero, abrangendo 648.000 km² de áreas férteis para agricultura e pecuária, cujo problema fundamental hoje é a escassez de água no verão e as enchentes destruidoras nas épocas de chuvas.

RIO PARANÁ

No que se refere especificamente ao Brasil, a situação é a seguinte. A extinta Comissão Interstadual das Bacias Paraná-Uruguai (CIBPU), órgão que tinha a finalidade de planejam-

to de sete Estados brasileiros, realizou estudos múltiplos de aproveitamento da Bacia do Paraná e a sua transposição para a Bacia do Paraguai e do Amazonas.

O problema fundamental para a transposição do Baixo e Médio ao Alto Paraná, reside nos Saltos das Sete Quedas. Mas a solução dar-se-á através das obras projetadas, hoje com o complexo de Itaipu já em andamento e a Barragem de Paranayara, situada a 90 quilômetros a montante de Sete Quedas.

Paranayara terá um volume acumulado de 223 bilhões de metros cúbicos, inundará 14.800 km² permitindo a plena navegabilidade em 390 do rio Paraná; 250 quilômetros do rio Ivai; 240 quilômetros do rio Ivinhema; 210 quilômetros do rio Paranaquema e 74 quilômetros do rio Pardo.

USINA DE ITAIPU

A Usina Hidrelétrica de Itaipu, no rio Paraná, está sendo construída a 14 quilômetros da ponte internacional que une Foz do Iguaçu, no Brasil a Porto Presidente Stroessner, no Paraguai.

Com um desenvolvimento total de 8,5 quilômetros ao longo de seu eixo, o projeto é constituído de barragens e diques, no que se constituirá em importante impulso à regularização do Paraná à navegação fluvial.

Os projetos de Paranayara, Jupia, Ilha Solteira (estes formando o complexo de Urubupungá, já em fase de conclusão), Canal de São Simão (no Paranaíba) e mais Itaipu, foram orientados no sentido da formação de patamares sucessivos, permitindo através das eclusas e da Barragem de Cachoeira Dourada (no Paranaíba), um estírio navegável desde Guaira, em Sete Quedas, até Itumbiara, a apenas 350 quilômetros de Brasília, ou seja, uma extensão de 1.200 quilômetros.

Concluída essa fase de interconexão a nível hidrôico, segundo a tese de Olimpio Tabajara, teremos interligadas as capitais do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai por hidrovias e mais a Bolívia e o Chile através de coordenação ferroviária, no que se constituirá numa integral comunhão sul-americana.

Com a conclusão das obras de retificação do Tietê, a capital de São Paulo ficará ligada ao rio Paraná. Com as obras (algumas já em execução) dos rios Paranaquema, Ivai, Pequeiro, Grande e Paranaíba, completarão outro elo da imensa hidrovia, corrigindo assim as regularizações das descargas do rio Paraná e permitindo as obras, já em execução, do maior projeto energético do mundo na atualidade, que é Itai-

pu, nas Sete Quedas. Desta maneira, o Baixo e Médio Paraná terão maiores possibilidades de aproveitamento, com reais benefícios aos países do cone sul do Continente.

BACIA AMAZÔNICA

A ligação das bacias do Paraguai e do Amazonas será um passo fundamental à interligação sul-americana, pela ligação direta de todos os países do Continente. Diversas ligações prováveis são propostas:

Ligação Jauru-Guaporé: rio Paraguai — rio Jauru-rio Aguapey — canal intermediário — rio Alegre-rio Guaporé e rio Mamoré-rio Amazonas, numa extensão de 3.390 até a foz deste.

Ligação Jauru-Guaporé-Juruema: rio Paraguai — Superior — rio Santana — canal intermediário — rio Preto — rio Arinos — rio Tapajós — rio Amazonas, com 2.120 km de extensão.

Ligação Cuiabá-Arinos: rio Paraguai — rio Cuiabá — Ribeirão da Serragem — (Ribeirão dos Nobres) — canal intermediário — Ribeirão do Estivado — rio Arinos — rio Tapajós — rio Amazonas, com 2.420 km de extensão.

Ligações São Lourenço-Mortes: rio Paraguai — rio Cuiabá — rio São Lourenço — canal intermediário — rio Manso (ou das Mortes) — Rio das Mortes — rio Araguaia — rio Tocantins — Foz do Amazonas, com 2.660 km de extensão.

Ligação São Lourenço-Rio das Garças: rio Paraguai — rio Cuiabá — São Lourenço — rio Poguba — rio Cogueian — canal intermediário — rio das Garças —

rio Araguaia — rio Tocantins) rio Amazonas, com 3.060 km de extensão.

Ligação Taquari-Araguaia: rio Paraguai — rio Taquari — Córrego do Totó — canal intermediário — (Águas Emendadas) Ribeirão do Sapo — rio Araguaia — rio Tocantins — Foz do Amazonas, com 2.930 km de extensão.

As ligações primeira, segunda e sexta constam do Plano Nacional de Viação, em tramitação pela Câmara dos Deputados. As ligações terceira, quarta e quinta são clássicas e foram utilizadas no passado. E a ligação oitava está em estudos pela Comissão Interstadual da Bacia Paraná-Uruguai.

O marco de referência, as distâncias entre Corumbá, no Mato Grosso, junto à fronteira com a República do Paraguai e o porto de Belém do Pará, no Amazonas, com as ligações acima serão:

Jauru-Guaporé	4.500 km
Jauru-Guaporé-Juruema	3.340 km
Paraguai-Arinos	3.400 km
Cuiabá-Arinos	3.400 km
São Lourenço-Arinos	2.850 km
São Lourenço-Garças	3.290 km
Taquari-Araguaia	2.950 km

De Corumbá ao estuário do Prata distam 2.400 km. Com exceção da ligação do Taquari-Araguaia, praticamente todas as demais necessitam de mais amplo levantamento hidrológico, topográfico, etc.

A conquista das imensas regiões banhadas pela Bacia Amazônica e as riquezas do solo e sub-solo, conhecida e desconhecida, existente na mesma, justifica

plenamente sob o aspecto econômico seu múltiplo aproveitamento. Basta ver o que seria a calha coletora de riquezas do Paraná-Pardo-Coxim-Taquari- Tocantins ou do Paraguai-Araguaia- Tocantins, ao porto de Belém do Pará e vice-versa.

A ligação do rio Tocantins Sono-Preto-São Francisco, poderia estabelecer, por outro lado, outro elo da região centro sul e nordeste do Brasil com a Bacia e os demais países sul-americanos.

Através do rio Negro, pelo canal natural de Cassiquiri, a Bacia Amazônica ficaria ligada à do Orinoco, numa navegável de 3.000 km da foz do Amazonas ao mar das Antilhas, integrando assim a Venezuela e a Colômbia.

A Bolívia, com seus 19.312 km de rios e lagos navegáveis com seus portos nos rios Acre, Madeira e Paraguai, através de coordenação rodo-ferroviária, atingiria o lago Titicaca, dando por sua vez ao Peru, uma outra via de comunicações. Além do mais, com a recuperação da imensa e riquíssima região dos pantanais, poderia obter condições excepcionais para a agro-pastoril. Só a drenagem de Otuquis lhe proporcionaria mais de 100 mil hectares de terras férteis.

O Peru, já integrado à Bacia Amazônica através do Marañon, Ucayali, Urubamba e outros, forma uma rede navegável de 5.805 km, dos quais faz parte o Madre de Dios, que se interna no Bolívia, Iquitos — porto fluvial no rio Marañon — dista 3.700 km da foz do Amazonas.

O Paraguai, bem como a Bolívia, encontrariam no porto

de Belém do Pará um novo escaudouro de suas riquezas e as possibilidades de mais amplo intercâmbio com o Atlântico.

Na drenagem de suas regiões inundadas como na Bolívia e Brasil, encontraria uma prodigiosa perspectiva agro-pastoril capaz de acelerar o ritmo de seu desenvolvimento.

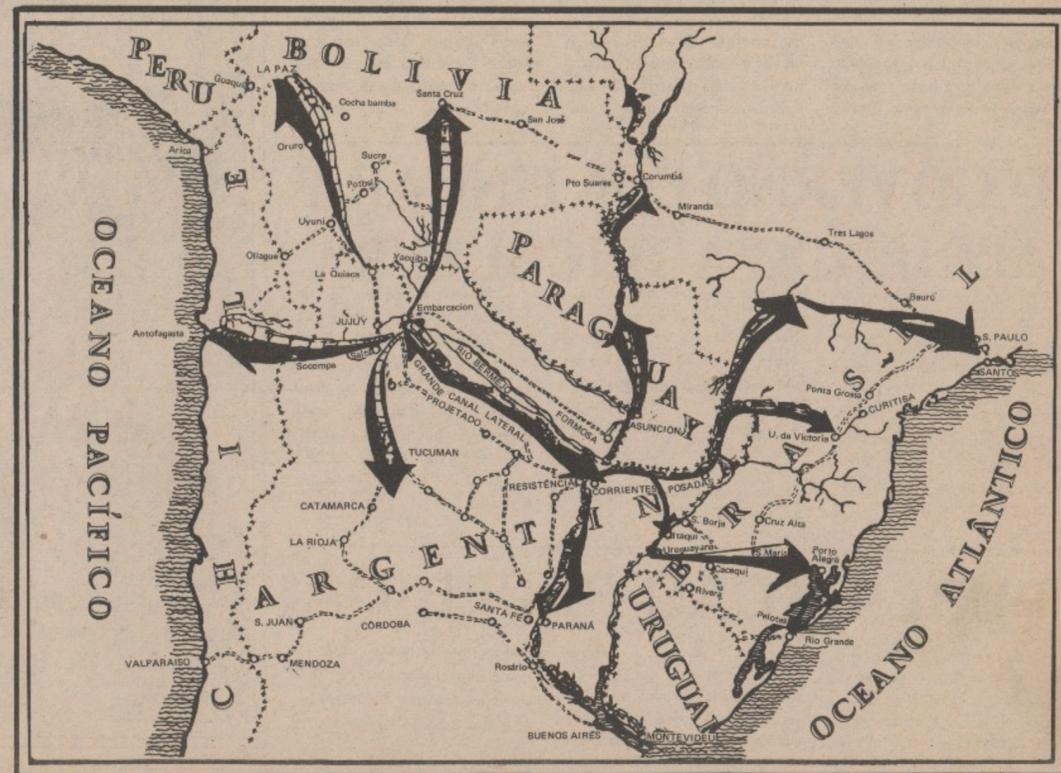
A BACIA DO ORINOCO

A bacia do Orinoco, através do Meta, do Arguça, do Apure, completaria com o Negro e o canal de Cassiquiri, o último elo da hidrovia sul-americana.

As riquezas minerais dos Andes descariam, desta maneira, através das imensas veias capilares dos rios para as planícies e planaltos da Sul-América; concretizar-se-ia a simbiose perfeita da economia continental através das trocas de produtos manufaturados, matéria-prima e agro-pastoris, permitindo-se através da divisão internacional do trabalho, o desenvolvimento de cada região dentro do mais alto padrão de produtividade e de bem-estar.

Lago-Mirim-Ibicui-Salto Grande-Aguapey-rio Vermelho-Paraná-Paraguai-Amazonas-Cassiquiri-Orinoco, são pontos, isoladamente.

Mas em conjunto são traços de união estáveis e permanentes, de uma vastíssima e grandiosa Operação da Sul-América, que deverão, irremediavelmente, pontilhar o mapa do continente, trazendo os perenes e fortes laços que integrarão os povos americanos, cimentados pelo ideal comum.



O mapa mostra o que se poderá obter em termos de integração na América do Sul, se obedecida uma coordenação ferroviária e fluvial.



Sr. Arnaldo Drews, vice-presidente, quando saudava os jornalistas, na AFUCOTRI.

COTRIJUI HOMENAGEOU A IMPRENSA

Através da sua assessoria de imprensa, a COTRIJUI recepcionou os jornalistas e radialistas da região no dia 27 último, servindo-lhes um galetto na sede da Associação dos Funcionários (AFUCOTRI), na Linha 3 Oeste.

Compareceram todos os órgãos de comunicação de Ijuí —

Jornal da Manhã, Correio Serrano, Rádio Progresso e Rádio Repórter, Cotrijornal e Informação e ainda o Diário Serrano, de Cruz Alta, O Celeiro e a Rádio Difusora, ambos de Três Passos.

Participou a diretoria e assessores da cooperativa, tendo o encontro decorrido num ambien-

te descontraído e de plena confraternização. Falaram na oportunidade, o diretor-vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, em nome da cooperativa, o diretor do jornal Informação, advogado Ben-Hur Mafra e o jornalista Wolmer Jardim, sintetizando o pensamento da imprensa.

CHIAPETTA COMEMOROU 10 ANOS

O 10º aniversário de emancipação político-administrativa do município de Chiapetta, transcorrido dia 15 de dezembro, foi marcado com homenagens e solenidades alusivas à data.

As comemorações iniciaram às 8 horas com hasteamento dos pavilhões Nacional e Riograndense, ao som do Hino Nacional, na presença de autoridades do município e convidados especiais. Em seguida teve lugar o ato de inauguração da moderna quadra

de esportes construída pelo município, na administração do prefeito Julio Kronbauer, seguido do torneio Troféu Cidade de Chiapetta, promoção do CMD (Conselho Municipal de Desportos). Ao meio dia realizou-se um churrasco de confraternização, organizado pela comunidade. Na ocasião o sr. Donald Padilha Ribas, fez uso da palavra, enfatizando os bravos colonizadores e fundadores do município, citando o sr. Carlos Chiapetta, o qual deu ori-

gem ao nome da cidade de Chiapetta. O prefeito Júlio Kronbauer e o presidente da Câmara, vereador Neri Fernandes Enéas, conclamaram as forças do município para que se unam em prol do progresso e do desenvolvimento de sua comunidade. A programação festiva foi encerrada às 18 horas, com o arriamento das bandeiras e entrega dos troféus, medalhas e prêmios especiais aos melhores classificados no torneio esportivo.

O GOVERNO CONTINUARÁ APOIANDO AGRICULTURA

O diretor da Comissão de Financiamento da Produção, eng. agr. Paulo Vianna, esteve em Ijuí no dia 18 de dezembro, participando da reunião das cooperativas integrantes do Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo — PIDCOOP, realizado em dependências do Hotel Fonte Ijuí.

O agrônomo Paulo Vianna, que veio especialmente de Brasília, falou aos participantes do encontro sobre armazenagem, transporte, câmbio para exportação e financiamento, tendo ainda se colocado à disposição das lideranças cooperativistas presentes ao encontro, para quaisquer assuntos relacionados a essa área, em Brasília.

Ressaltou ao final de sua palestra, respondendo a perguntas feitas pelo plenário, que o Governo federal continuará a dar todo o apoio possível ao setor agrícola, pois é do crescimento e expansão dessa área — ressaltou o técnico — que vai depender a evolução do Produto Nacional Bruto.

PUBLICAÇÃO RECEBIDA

Recebemos o "Vigilante", boletim informativo da Estação do Corpo de Bombeiros de Ijuí, ano 1, nº 1, que circulou em novembro último.

O "Vigilante", que representa um esforço do ativo comandante dos bombeiros ijuíenses, tenente La Hire Esteves Machado, sob o lema "Prevenir é

melhor que remediar", traz vários e importantes assuntos relacionados com o combate ao fogo e suas consequências.

PETROBRÁS DEU CURSO DE LUBRIFICAÇÃO EM IJUI

Sob a organização da Petrobrás Distribuidora (Petrosul) e a participação da COTRIJUI, técnicos da empresa petrolífera promoveram uma palestra-curso sobre lubrificação de motores em Ijuí, tendo por local a Sociedade Ginástica.

A palestra, que foi dosada com projeção de eslaides e pro-

jetado um curta metragem que mostrou a luta da empresa para a conquista do petróleo nos reconcavos brasileiro, despertou grande interesse no público presente, que era constituído de técnicos e dirigentes de empresas agrícolas, inclusive diretores da cooperativa.

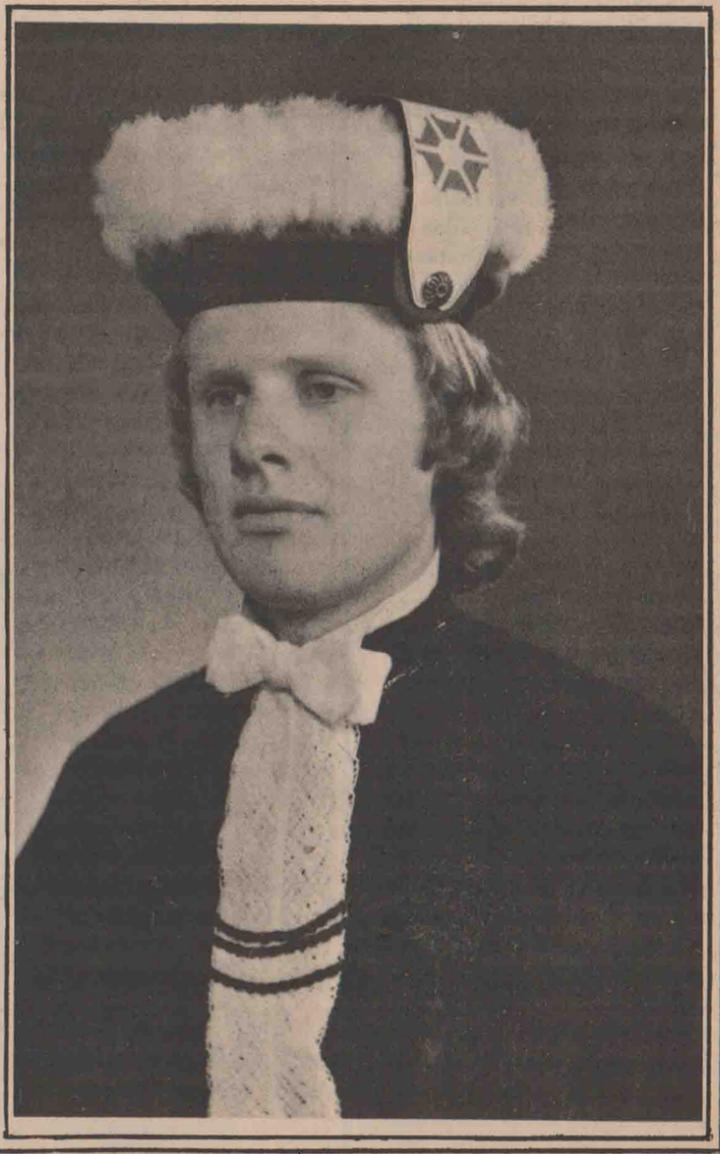
A SOJA BRASILEIRA CRUZA A FRONTEIRA

A revista argentina "Crisis", editada em Buenos Aires, na sua edição correspondente a julho último, publicou ampla análise da expansão agrícola brasileira, dando ênfase para o crescimento da soja, que poderá chegar a safra de 1976 com produção entre oito a dez milhões de toneladas.

A matéria de "Crisis" enfatiza a significação da soja para a economia nacional dos países produtores e chama a atenção das autoridades, técnicos e agricultores argentinos para a importância do próprio país passar a cultivar a oleaginosa, como forma de expansão da economia nacional.

ENGENHEIRO-AGRÔNOMO MILTON R. DRIEMEYER

Formou-se em engenharia-agrônoma na Faculdade de Agronomia da Universidade de Santa Maria, na turma de 1975, o sr. Milton Roberto Driemeyer. O jovem formado é filho de nosso associado e conselheiro, sr. Alfredo Driemeyer.



LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

O CARRÃO

- Eu quero o carrão envenenado.
- Pode deixar.
- Envenenadão!
- Deixe com a gente.
- Quero que ele chame a atenção na rua. Não quero um Fuca igual aos outros. Quero um que as pessoas parem na rua, olhem e não acreditem.
- É conosco. O senhor quero modelo Chispa Fosforecente Super Tri Piradovski ou o modelo Chispa Fosforecente Super Super Tri Tri Loucão?
- Qual é a diferença?
- Bom, no Piradovski, cada vez que o senhor freia o carro há uma explosão, toca um rock e sai fumaça do cano de descarga.
- E o Loucão?
- Há uma explosão, toca um rock, sai fumaça colorida do cano de descarga e o carro pula três metros no ar.
- É isso aí. Muito Loucão.
- Muito bem. Agora, alguns detalhes. Os frisos vermelhos, roxos e dourados, naturalmente.
- Naturalmente.
- O espelho lateral em forma de coração e do tamanho da porta.
- Não tem maior?
- Em forma de coração, não. Tem em forma de trevo.
- Castiga um trevo.
- A antena dá a volta no carro, entra pelo outro lado e sai atrás e tem um rabo de gambá na ponta. Pinta-do de rosa shoking.
- Gostei.
- Para o vidro de trás, um letreiro luminoso que o senhor controla do painel. Pode escolher várias frases para o carro que vem atrás. " Não adianta buzinar, sua mãe não está comigo". Ou "Mantenha distância, eu às vezes confundo a primeira com a marcha-ré" ou então "Deixa-o desse careta e pula para o meu, gatona".
- Legal!
- Para pendurar no espelho retrovisor interior, temos uma estátua de São Cristóvão pegando surf com o Menino Jesus na cacunda, feito de acrílico e iluminado por dentro.
- Fico com o Cris. Que mais?
- O volante é super-esporte. Tão pequeno que o senhor tem que fazer a curva como quem abre a tampa de uma compota, com uma mão só.
- Grande! E os pneus? Tala larga, claro.
- Mais do que tala larga. Livro de cheque.
- Nessa eu fiquei. Livro de Cheque?
- Talão, cara. Talão.
- Boa, boa.
- O seu carro vai ser o mais espetacular da cidade.
- Mas o carro não é meu.
- Não é seu?
- Não, é da minha mulher. Eu desisti de pedir para ela não usar tanto o carro. Ela usa para qualquer coisinha, para ir só até a esquina, e o nosso gasto com gasolina tem sido astronômico. Agora, com o carro envenenado assim quero ver ela ter coragem de sair da garagem. Só em caso de emergência! Escuta, não tem umas luzinhas verdes para botar no para-choque de trás?

UMA GAÚCHA QUER FORMAR A MAIOR BIBLIOTECA BRASILEIRA EM ISRAEL

Não é praxe desta redação publicar correspondências que tenham alguma conotação de caráter pessoal. Neste caso, abrimos um precedente, em vista do assunto público (campanha para aquisição de livros) sobrepor-se ao meramente particular.

A carta é longa e implica, como já está referido, em questões pessoais. Mas é importante que se a leia para tomar conhecimento dos projetos e perspectivas de uma brasileira (gaúcha de Pelotas) intelectual, no país dos Kibutz. Ela fala também de Érico Veríssimo, das belezas de Israel, de seus filhos e netos, da biblioteca brasileira que vai fundar em Bersheva e da saudade que sente do Brasil.

É SARA CORROGOSKY, poetisa e jornalista. Vejamos, na íntegra, sua carta endereçada ao redator:

BERSHEVA, 19 de dezembro de 1975. Um feliz Natal; um 1976 repleto de exitos, querido amigo Quevedo.

Recebi tua carta, tão amiga, verdadeiro lenitivo para minha saudade que envelhece um século a cada dia, dentro de mim...

Lamento que tenhas comprado o nosso livro, pois deixei vários exemplares autografados com o João Carlos, do DNOS, e estou certa que ele os remeteu todos. Receio que o teu exemplar tenha se estraviado. Quando fores a P.A. procura averiguar, sim?

Agradeço, sensibilizada, as palavras generosas com relação ao nosso "A Fonte das Águas Dançantes". Mas estou triste: desde que cheguei não recebi o nosso querido COTRIJORNAL, Vou recebê-lo? Isso é importante! Explico: devo receber minha bagagem, via marítima, em março. E meus livros vêm também.

Terei, então, a maior biblioteca de livros brasileiros em Israel. Os brasileiros aqui residentes terão acesso à biblioteca. Um livro-presença estará sobre a mesa e os visitantes ali assinarão seus nomes e alguns comentários sobre a obra consultada. O autor, se vivo, tomará conhecimento.

Além de livros, preciso receber jornais e revistas. Tenho escrito a vários escritores e jornalistas amigos, informando sobre essa biblioteca e solicitando remessas. É claro que o COTRIJORNAL não pode faltar.

Se puderes, faze uma campanha através do nosso COTRIJORNAL, no sentido de que me sejam remetidos os livros, etc., de que necessito, sim?

A União dos Brasileiros em Israel, cuja sede é em Tel Aviv (já a visitei duas vezes), tem uma biblioteca com acervo de aproximadamente 70 volumes de auto-

res brasileiros. Isso é pouco; eu tenho muito mais do que isso. Gostaria que essa campanha no Brasil, tivesse início através do COTRIJORNAL. Seria possível?

Meus netos (Isaias - 2 anos e Raquel - 1 ano) são lindos. O terceiro está a caminho, devendo desembarcar em fevereiro.

Israel é lindo! Quando puderes vem até aqui. Minha casa será a tua casa. Eu te levarei a lugares cuja beleza ficará perpetuada em tua memória.

Assim que nascer teu primeiro neto, informa-me. Espero que tua nora tenha momentos bons e teu filho também. Mas eu gostaria de ver teu rosto e tua emoção quando olhares pela primeira vez teu neto. É uma sensação que escritor nenhum é capaz de descrever, senão vivendo-a.

Pessoas como Érico Veríssimo não deviam morrer. Eu o adorava. Leste seu livro "Israel em Abril"? É uma jóia de nossa literatura. Eu gostaria de ter essa obra, e outras, dele, em minha biblioteca. Certavez emprestei vários livros do Érico de minha bi-

blioteca (aí era fácil comprá-los) e não me devolveram Hoje, como lamento tê-los emprestado.

O Milton Alexandre reside num Kibutz espetacular. É em Mabarat, perto da cidade de Natânia; o Pércio (Caçula), já com 1,80m nos seus 15 anos, está na escola da Marinha, às margens do Mediterrâneo. Aquele lugar parece irreal, um sonho, tal a beleza. A Neyde Heloisa (a "princesinha") mora comigo em Bersheva. Ela está muito bonita mesmo. O Sérgio, já com dois filhos, em vésperas de três, mora num lindo apartamento aqui em Bersheva. Está muito bem empregado.

Quanto a mim, meus melhores momentos são aqueles em que recebo cartas amigas. Vivo com a poesia e com a música.

Escreve, sempre que puderes, querido conterrâneo. Mil abraços da SARA CORROGOSKY.

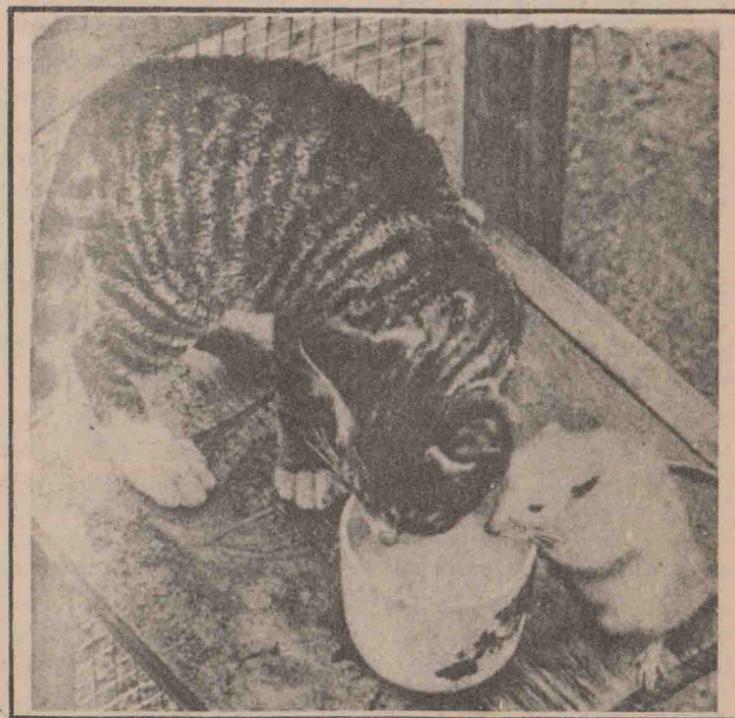
Ai está a carta-apelo da Sara. Quem lhe manda livros? Quem pode remeter Israel em Abril, de Érico Veríssimo? Seu endereço é: SARA CORROGOSKY - METSADA, 621 - apto 19 - BERSHEVA, ISRAEL.

NOSSOS IRMÃOS IRRACIONAIS E SEU SUGESTIVO EXEMPLO DE CONCÓRDIA E BOA FÉ

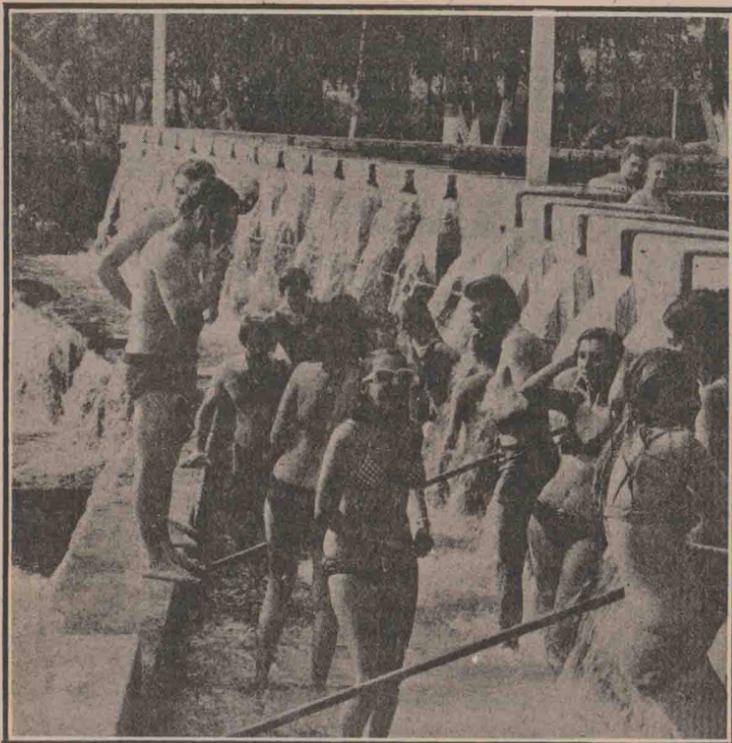
É conhecida a frase de que o homem é o único animal que extermina sua própria espécie. Para acumular bens supérfluos, para impor a sua vontade absoluta, para salvaguardar discutíveis princípios de honra e até mesmo para impor divindades de cuja existência não haja concordância unânime, o homem tem destruído o homem com tal volúpulosidade e ira que o senhor satã, com seu exército de demônios, jamais teria tido possibilidade de imitá-lo.

Na ilustração, o gato e o rato, que teoricamente são inimigos irreconciliáveis, bebem na mesma tigela com a tranquilidade dos limpos de espírito e puros de coração.

Ai está um belo e estimulante exemplo para o animal humano, neste começo de 1976. Que pelo menos em relação a sua própria espécie, seja o homem mais puro de espírito e limpo de coração, pois só assim será o homem digno da imagem que costuma fazer de si próprio.



AS FABULOSAS ÁGUAS QUENTES DE CALDAS NOVAS DE GOIÁS



Em meio a selva, um verdadeiro oásis: Caldas Novas

Há 160 anos que se pesquisa sobre as águas de Caldas Novas vulgarmente chamadas rio das águas quentes, localizadas no estado de Goiás, onde hoje existe a cidade de Caldas Novas.

Segundo a crônica, sua descoberta deu-se em 1730 por um dos componentes da Bandeira do segundo Anhanguera, chamado Martins Coelho de Siqueira.

Relata Pedro Tacques, em Nobliarquia Paulistana, que caçando junto à lagoa do Pirapetinga, o bandeirante verificou que seus cães ao lançarem-se na água perseguindo um veado, gritaram de dor a um só tempo, por efeito de queimaduras. Verificando o fenômeno, constatou que as águas "eram de tal calor que se tornava impossível tocar-se nelas".

Existe hoje variada literatura a respeito das fabulosas águas apesar da origem do fenômeno, a despeito dos vários estudos, continuar no terreno das hipóteses. Nos tempos primitivos, as águas de Caldas Novas "eram temperadas nas caldeiras de Belzebu", segundo era crença entre os nativos da região.

Quando começaram a propagar o prodígio das termas, dada a ignorância dos propagandistas da época sobre a formação geológica da região, diziam que a alta temperatura era devida a vulcões extintos ou em fase de erupção. Vulcões extintos? Impossível, dada a inexistência de lavas. Estudos posteriores provaram que não há em todo o município sinais de rochas vulcânicas.

Um cientista inglês contratado pelo Ministério da Agricultura, o químico H. T. Lee, estudando a região de Caldas Novas

disse que a causa da elevação da temperatura das águas devia-se a existência de um mineral "de urânio que está se desintegrando em profundidade e produzindo calor". Na mesma época — por volta de 1928 — os químicos brasileiros Maurício Faivre e J. Ferreira Coelho, foram da mesma opinião.

A temperatura do rio das águas quentes vai de 35° a 45° centígrados e não tem sabor nem odor.

Auguste de Saint-Hilaire, cientista francês que visitou várias regiões do Brasil, inclusive o Rio Grande do Sul (1820), esteve em Goiás um ano antes, tendo visitado Caldas Novas.

De volta à França, no seu livro "Viagem às nascentes do São Francisco pela província de Goiás", assim descreveu o também chamado "ribeirão d'água quente":

"Após ter caminhado cerca de três léguas, entramos em um bosque, e, em breve, chegávamos à margem de um rio bastante largo, mas pouco profundo, que veicula com rapidez, sobre um leito muito pedregoso, águas cuja limpidez sobrepuja tudo o que se poderia imaginar. Desmontei para beber, e fiquei muito surpreendido de achar as águas do rio muito quente. "É esse", disse-me o guia, "o Ribeirão d'Água Quente"; é alimentado pelas fontes das Caldas Velhas, das quais estamos muito perto, e, não aumenta nem diminui de modo sensível em qualquer estação". Tive o cuidado de medi-lo e achei-o com 34 passos de largura por dois palmos e meio de profundidade (cerca de 44 centímetros); suas águas, nas quais

mergulhei o termômetro de Reaumur, acusavam a temperatura de 28° (20 de agosto).

Tendo atravessado o rio, continuamos a caminhar dentro da mata, e chegamos, ao cabo de poucos minutos, ao local em que ficam os banhos. Lá tornamos a encontrar o rio, que não tinha mais que dois ou três passos de largura. De um lado, as matas se estendem até as suas margens; a outra ribeira apresenta um espaço pequeno, coberto de capim gordura, além do qual a montanha se ergue quase a pique. Nesse local sombrio e selvagem, do mais romântico aspecto, viam-se duas cabanas de palmas construídas para os banhistas. Do mesmo lado estão as três fontes de águas termais, que tinham sido alargadas e escavadas para permitirem a entrada dos mesmos. Dera-se uma forma oval à mais elevada, que está muito próxima das duas cabanas que acabei de mencionar, e, para abrigá-la, erguera-se por cima dela, uma cobertura de folhas de palmeira.

Essa fonte que, nessa época do ano, fornece, o começo do Ribeirão d'Água Quente, tem o nome de Poço da Gameleira. É de umalimpidez extrema, e fornece, borbulhando com lentidão, uma enorme quantidade de água. O termômetro de Réaumur subiu aí a 30; as águas não têm absolutamente, nenhum sabor; fazem escumar o sabão e não escurecem a prata. Bebi dela grande quantidade antes de comer e durante a refeição; não as deixava esfriar, e, entretanto, não fiquei incomodado como sucede geralmente quando se bebe água morna. Banhei-me nelas enquanto estava no banho, uma multidão de peixes pequenos nadava ao redor de mim com extrema vivacidade. A segunda fonte, chamada Poço do Limoeiro, nasce a alguns passos da outra; como o Poço da Gameleira, fez as duas precedentes, a terceira, que chamam de Poço do General, fê-lo subir a 31. O meu guia asseverou-me que, além dessas três fontes, havia ainda mais de cem outras. até o local onde o caminho o atravessa. Teria gostado de contá-las pessoalmente; mas isso não me foi possível, porque para além do Poço do General, as matas muito densas não permitem o avanço; aliás, a largura do rio, no local pouco afastado da fonte onde eu o atravessara e o calor das águas, parecem-me demonstrar que o guia não se afastava da verdade.

Há já muito tempo que as águas termais chamadas Caldas Velhas se descobriam. O famoso

Anhanguera (Bartolomeu Bueno) atravessou, dizem, o Ribeirão d'Água Quente, quando penetrou na região de Goiás e o caminho, hoje abandonado, que se abriu nas suas pegadas, atravessa o rio um pouco abaixo do lugar em que se o transpõe atualmente (1819), para se ir aos banhos. Há doze ou quinze anos (1819), havia ainda, nas proximidades da Caldas Velhas, um sítio, cujo proprietário conheci, mas hoje em dia não há mais nenhum vestígio dele, e a descoberta de águas mais quentes e menos afastadas, denominadas Caldas Novas, voltou ao completo abandono as antigas fontes. Como às Caldas Novas, se lhes atribui no país, a propriedade de curar as moléstias cutâneas, principalmente as dores reumáticas e as que provêm de afecções, venéreas, e asseguram que Tristão da Cunha Menezes, que governou Goiás de 1783 a 1800 recobrou, com o seu uso, novo vigor.

Nos tempos da seca o Ribeirão d'Água Quente começa, como já disse, no Poço da Gameleira; mas não é essa a sua verdadeira nascente. Esta última se encontra na montanha, a meio quarto de légua dos banhos, e, como suas águas são absolutamente frias, as do rio, temperadas por elas, tornam um pouco menos quente na época das chuvas. Após um curso de cerca de duas léguas, o Ribeirão d'Água Quente lança-se no Piracanjuba, que se reúne ao Corumbá. Até o seu confluente conserva, em todas as estações, um calor sensível, e, entretanto, é frequentemente remontado, asseverou-me o guia, por peixes bastante grandes.

Como a visita às Caldas Velhas me tomou muito tempo, não pude voltar no mesmo dia às Caldas Novas. O meu guia temia que, no lugar extremamente selvagem em que encontram as águas termais tão perto da montanha, tivéssemos, durante a noite, a visita de algum jaguar, e queria que voltássemos sobre os nossos passos para vir dormir no meio do campo mais próximo. Mas então me sentia bem, estava cheio de ardor, não acreditava no perigo; insisti para passar a noite em uma das duas cabanas próximas dos banhos; amarramos nossos animais bem próximo, no meio do capim gordura, e não nos sobreveio mal nenhum. Durante a noite o calor foi horrível, e ao nascer do sol, o termômetro indicava 15°.

Voltando às Caldas Novas, seguimos o caminho que tínhamos tomado para ir aos antigos banhos; mas não quis afastar-me da serra sem lá ir herborizar.

Subimos por aquele dos grandes lados da montanha que o mesmo escarpado, e não fomos

obrigados a descer dos nossos burros senão um pouco antes de chegar ao cume. Em toda a sua altura esse lado não apresenta, como já o disse, nenhuma anfractuosidade; é árido e pedregoso: as plantas estavam aí, pela época da minha passagem, completamente secas; mas, no meio delas as gargantas pelas quais as águas escorrem, no tempo do inverno, se desenhavam em faixas onduladas de bellissimo verdor. O planalto que termina a montanha pode ser, disse-nos o guia, cerca de três léguas de comprimento por uma de largo, é muito uniforme e coberto de árvores enfileiradas que pertencem às mesmas espécies que as de todos os campos: encontra-se aí em grande abundância, como os da nespereira e da sorvereira, são de gosto agradável, e cujo suco leitoso fornece, segundo as experiências de Frei Veloso, excelente borraça. Em algumas zonas um pouco baixas, o terreno é úmido e pantanoso, e o majestoso buriti.

À minha chegada a Caldas Novas encontrei todas as bagagens instaladas no aposento que ocupava o governador de Goiás, quando fazia a estação balnearia. Meu hospedador, sempre complacente e atento fizera essa pequena mudança durante minha ausência.

Foi Martinho Coelho que, em 1777, descobriu os banhos de águas termais chamadas Caldas Novas; mas, durante uma longa série de anos, permaneceram de tal modo desconhecidas, que Casal, que escrevia em 1817, e Pizarro, em 1822, só mencionava as Caldas Velhas e foi somente depois das viagens que fez o capitão-general Fernando Delgado, que algumas pessoas começaram a frequentá-las.

Os novos banhos de água termal chamados Caldas Novas estão situados em um vale estreito, à margem de um córrego de água fria que desce da montanha. Tanto na margem do regato, como no seu leito, se encontram muitas fontes de água quente: mas, até a época da minha viagem, não se tinham ainda preparado mais de quatro. Arranjaram-nas sob a forma de banheiras de 1 m a 1,40 m de profundidade, e por cima tinham-nas coberto, como as Caldas Velhas, com um pequeno teto de folhas de palmeira; era ao meu hospedeiro que se devia esse trabalho. A nascente chamada Poço Quente fez subir o termômetro de Réaumur a 35°; o que chamam Poço d'Água Morna, a 31°; Poço do Meio, a 33°; e o Poço da Pedra, a 32° (21 de agosto). As águas dessas fontes, frias ou quentes, não têm, absolutamente, nenhum sabor, e me parecem bastante leves, como as das Caldas Velhas.



Mozart, o jovem de dons incriveis, delicia brilhante platéia na cõrte de Viena.

JÚPITER, DE MOZART. A SINFONIA DAS SINFONIAS

A majestade e esplendor olímpicos da Sinfonia nº 41, de Mozart, cobriu-lhe com o manto diáfano da divindade. Seu apelido, "Júpiter", é o milagre da grandiloquência e não poderia ser mais adequado, pois procura identificar na projeção do adjetivo superlativo a grandeza sem par da obra que tem o poder de encantar o ouvinte de bom gosto, já a partir dos primeiros acordes.

O apelido tem origem desconhecida. Sabe-se que enquanto Mozart viveu, essa que pode ser considerada a sinfonia das sinfonias foi conhecida simplesmente por Sinfonia nº 41 em dó Maior.

A obra mozartiana destaca-se das sinfonias da maioria dos autores, por facetas variadas e circunstanciais. Dai o destaque com que vem sendo distinguida da grande maioria dos críticos, no mundo inteiro.

É por exemplo, a primeira que desloca o centro de gravidade para o final. Em relação ao final, "sinfonicamente fugoide", no dizer de Theodor Kroyer, existe só um precedente: o final do Quarteto em sol maior de 1782, primeiro dos dez grandes quartetos de cordas de Mozart e dos seis dedicados a Haydn.

O aspecto camerístico do testamento sinfônico do mestre genial conservou-se

vivo através da história da forma. A sinfonia, pode se dizer sem temor de incidir em exageros, é uma verdadeira dádiva dos deuses.

A instrumentação da "Júpiter" é notável pela ausência das clarinetas. Originalmente a partitura da sinfonia também era sem clarinetas.

O "Allegro vivace" distingue-se por um desenvolvimento de complexidade incomum. Segue o "Andante cantabile", em forma de sonata, porém, a exemplo do "Allegro", em forma perfeitamente desenvolvida. O minuetto "Allegretto" é uma rica estrutura sinfônica numa apoteose de sons rica em nuances que em muitos casos ultrapassa a categoria do sublime. O final "Molto allegro" supera tudo o que as palavras poderiam expressar. Só o mais absoluto silêncio ante a obra monumental pode responder a homenagem devida ao mestre genial.

A "Júpiter" foi sua obra derradeira. E quando se ouve a polifonia dessa verdadeira arquitetura de sons, conclui-se que a obra é digna do criador. Nem mesmo Wolfgang Amadeu Mozart, o divino Mozart, o mestre genial, teria algo a criar após a construção da nº 41. Realmente, a obra dignifica o homem e o homem dignifica Deus, seu criador.

SÍNTESE BIOGRÁFICA

Todos sabem que Mozart, aos quatro anos de idade compôs alguns minuetos e aos seis encantava a orgulhosa casa dos Habsburgo, na pessoa "master" de Francisco I, tirando maravilhas sonoras do piano forte ou do cravo. Sua obra, porém, infelizmente é pouco conhecida do grande público, principalmente no Brasil.

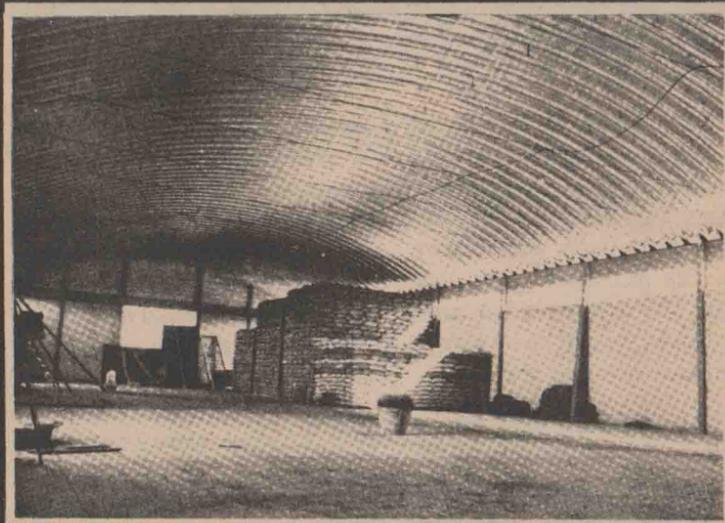
Conta-se que o pai de Mozart (Leopold) perguntou certa vez a Haydn o que achava de seu filho, ao que respondeu o grande maestro: "Declaro diante de Deus e como homem honrado que para mim ele é o maior compositor que conheço; escreve com gosto e possui os mais profundos conhecimentos da arte da composição".

Mozart nasceu em Salzburgo, em 26 de janeiro de

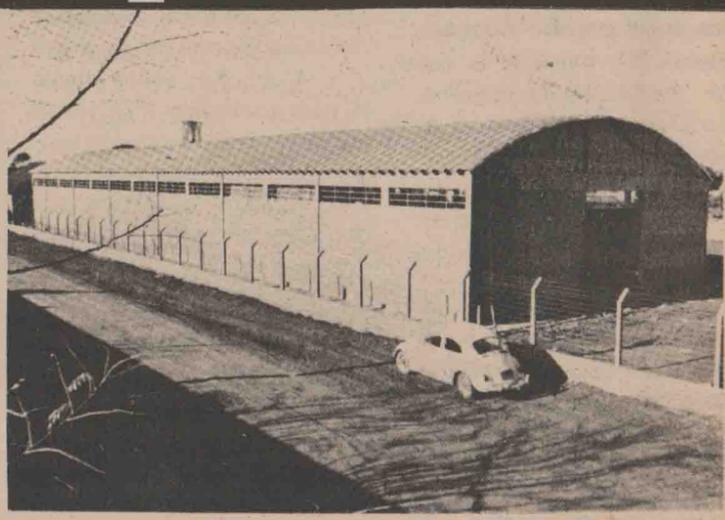
1756. Seu pai era segundo mestre da capela da cõrte do príncipe-arcebispo da cidade. Ao completar três anos de vida, cativado pelas lições de sua irmãzinha, Maria Ana, procurava já no cravo terças e demonstrava imensa alegria quando descobria este harmonioso acorde. Aos quatro anos compôs alguns minuetos, que segundo Nissem, seu biógrafo, já antecipavam a dimensão do genio, que apesar de uma vida curta (viveu somente 35 anos) inundou o mundo de sons.

Sua obra é vasta e toda ela de excepcional qualidade. Na ópera, destacam-se as Bodas de Fígaro, a Flauta Mágica, Lúcio Silla. A farsa Jardineira, o Rei Pastor, Ascânio em Alba e Sonho de Cipião (o africano), entre outras. É inúmera sua obra de cantatas, serenatas, minuetos e sinfonias.

GALPÃO RURAL «IMASA»



↑ interno ↓ externo



Você faz a terraplenagem do terreno e não se incomoda com mais nada.

O preço total da obra é determinado previamente.

Não há perigo de estourar o "orçamento".

Preço altamente vantajoso. Qualidade comprovada. Garantia total. Financiado pelo Banco do Brasil.

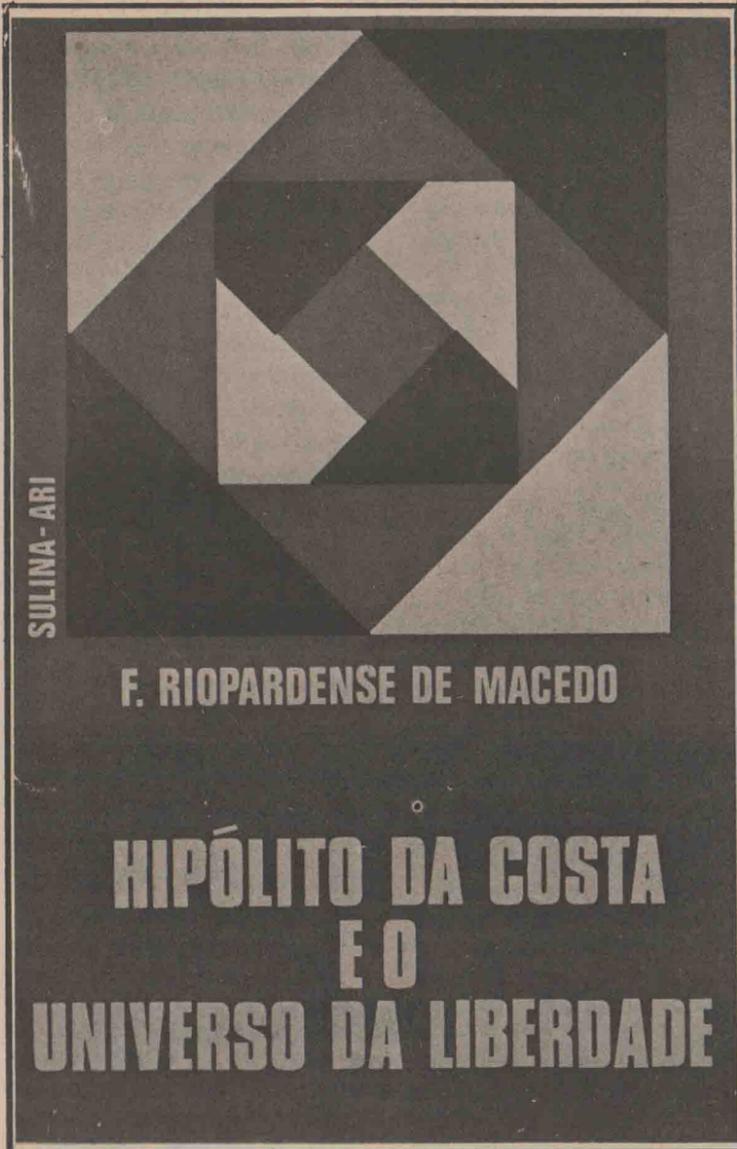
Excelente acabamento. Projetado para atender aqueles que se orgulham em dirigir uma fazenda bonita e bem organizada.



Informações com os representantes

GRUPO INDUSTRIAL IMASA

BR 285 - KM 340 - FONE 2689 - IJUI - RS



A monografia do Patrono da Imprensa Brasileira apresentada pelo professor Francisco Riopardense de Macedo se constitui em obra de estilo particularizado. Ele reconstruiu uma constante invariável e predominante do caráter finalístico da vida de um batalhador pela liberdade.

O tema em foco foge ao comum das biografias baseadas num conjunto global de arquivos cronológicos. O autor, sem fugir a temática biográfica — é verdade — conseguiu dar uma certa conotação de romance estilo capa e espada. Ele transmite ao leitor uma aura de aventura, fazendo de o Universo da Liberdade um livro não definitivo, mas, ao contrário, abrindo o debate em torno da vida e obra do Patrono da Imprensa, o inolvidável Hipólito José da Costa.

Hipólito da Costa e o Universo da Liberdade, livro do qual voltaremos a falar com maior espaço numa de nossas próximas edições, foi um lançamento da Sulina Editora em convênio com a Associação Riograndense de Imprensa.

O HUMANO, UMA ANTROPOLOGIA

Outro importante lançamento da Sulina, também de au-

tor gaúcho, é "O Humano — uma antropologia psicológica, de Juan José Mouriño Mosquera.

O caminho que o autor propõe é fascinante. Ele começa peça História, que vê como "eminente a compreensiva matriz dos comportamentos dos indivíduos em termos de forças ambientais e biológicas".

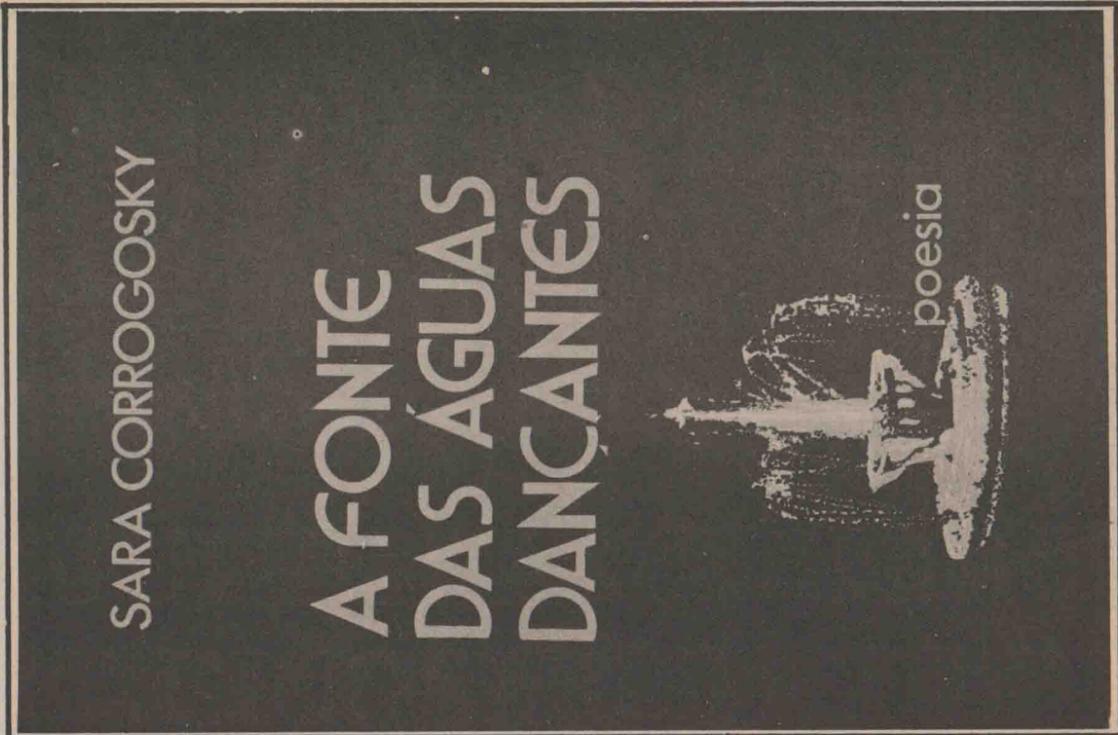
O autor mostra como do velho artesão chega-se a fase do cientista, encarando de frente novas tecnologias. O livro adquire grande interesse para quem age dentro de uma conscientização sociológica solidária e grupal.

A obra é de grande interesse para professores e alunos de comunicação (jornalismo) e relações públicas, principalmente. 290 páginas, textos e mapas ilustrativos, é um meritório lançamento da Sulina.

A FONTE DAS ÁGUAS DANÇANTES

Às vésperas de viajar para Israel, a poetisa Sara Corrogosky (M. Luna), natural de Pelotas mas residindo há anos em Porto Alegre, lançou na cidade de Cachoeira do Sul, seu "A Fonte das Águas Dançantes."

O livro, que teve o patrocínio da Prefeitura Municipal cachoeirense, reúne 23 poemas da autora e textos especiais de Aristeu Bulhões, da Academia Santis-



ta de Letras, Nelson da Lenita Fachinelli, da Casa do Poeta "Castro Alves"; de Raul Quevedo e do poeta Italo Zailu Pereira Gatto.

Livro para ser lido de um só fôlego, é um repositório de bons poemas em versos livres que agradam e instruem. Edição da autora, foi impresso na Gráfica Champagnat, Porto Alegre.

CAI O PANO E HORA ZERO

A Editora Nova Fronteira lançou dois livros de Agatha Christie: Cai o Pano e Hora Zero. O primeiro deles relata o último caso de Hércule Poirot, o famoso personagem espinha dorsal da obra de Agatha desde a década de 1920.

Em Cai o Pano há o fechamento completo de um círculo, e o pequeno detetive belga volta mais uma vez ao local onde fez a estréia na primeira novela de mistério de Agatha Christie. É na estalagem de Styles, onde Poirot é um dos hóspedes.

Em Hora Zero ocorre mais uma trama assassina planejada e friamente "executada" por Agatha Christie.

ATLETA PROFISSIONAL E A DISCIPLINA

De Tupinambá Miguel Castro do Nascimento, a Livraria Editora Porto Alegre acaba de lançar "O Atleta Profissional e o Poder Disciplinar".

O autor, que é promotor público, membro do Instituto dos Advogados do RGS e professor da Faculdade Porto-Alegrense de Ciências Contábeis e Administrativas enumera todos os códigos disciplinares esportivos. Livro útil para juizes, dirigentes de clubes e jogadores em geral.



CENTENÁRIO DE THOMAS MANN

Thomas Mann, um dos maiores romancistas mundiais, laureado em 1929 com o prêmio Nobel de Literatura, nasceu a 6 de junho de 1875 numa das mais belas cidades da Alemanha, Luebeck, situada às margens do Rio Trave, próxima ao Mar Báltico, Thomas Mann — e isto é sentimentalmente muito significativo para nós brasileiros — era filho de Júlia da Silva Bruhns, nascida em Angra dos Reis (RJ) em 1851 e falecida na Alemanha em 1923. Assim, está sendo comemorado em todo mundo o Centenário Thomas Mann (1875 - 1975) em homenagem a essa extraordinária figura da literatura mundial, filho de uma brasileira.

Lamentavelmente neste momento, ainda não encontrávamos, quase ao encerrar-se este ano de 1975, onde localizar à venda uma obra notável romancista. Numa feliz iniciativa vem a HEMUS — Livraria Editora Ltda, de suprir essa lacuna, lançando no mercado livreiro do Brasil, duas de suas obras mais importantes, como sejam "A Morte em Veneza" e "Tônio Kroeger", prometendo para os próximos dias mais uma outra, ou seja "As Confissões de Felix Krull". Todas três verdadeiros retratos fixando interiores e exteriores da atividade (radiografias da alma) dos seres esteticamente criadores. Além daquelas obras, Thomas Mann escreveu ainda os monumentais romances "Os Buddenbrooks" e "A Montanha Mágica", lamentavelmente esgotados. M.A. PEREZ.

AÇO, A FORÇA DO PROGRESSO

A divisão do mundo em países industrializados e em vias de desenvolvimento, é recente. Há questão de 100 anos, a Terra era constituída totalmente por países que hoje são denominados de regiões em desenvolvimento ou de países em crescimento. A maior parte da humanidade vivia modestamente, quando não em meio a extrema miséria. A fome e as doenças eram inseparáveis da maioria dos cidadãos.

Mesmo assim registravam-se diferenças entre os diversos povos no que se referia aos respectivos níveis de vida. Aqueles que praticavam um comércio ativo e que demonstravam interesse pelo progresso das ciências, adiantavam-se aos que teimavam em permanecer incógnitos, nos limites das próprias fronteiras. A divisão entre povos ricos e pobres ocorreu ao dar-se o início a aplicação técnica dos conhecimentos adquiridos através da ciência e da pesquisa. A partir desse acontecimento a industrialização ganhou impulso em muitos países da Terra. Mas o responsável pela dinâmica do mundo, em sua caminhada para conquistar o progresso, foi o aço.

FORÇA E MANEABILIDADE

Pelo consumo "per capita" do metal se mede o índice de desenvolvimento econômico e social dos povos. É que da esteira da produção do aço surge uma reação em cadeia. Forte e maneável, dá colaboração a um cem número de bens e utilidade. Atrás dele vêm as indústrias de transformação secundárias ou de infra-estrutura. Transportes, energia e comunicação, sem falar nos subprodutos e na comercialização, de efeito no mundo inteiro.

Não é sem razão que o progresso mora nos países que deflagraram a Revolução Industrial. Europa e América do Norte ainda no século XIX e a Ásia, principalmente a partir da primeira grande guerra, através do uso conveniente do aço, souberam acelerar a dinâmica das estruturas.

Só o aço é elemento capaz de resistir a velocidade do presente. De pouco nos valeriam o poder de vôo supersônico dos aviões modernos ou a energia nuclear dos submarinos, se o aço não lhes dessem a devida estrutura de resistência aos impactos. Suporte da velocidade é o parâmetro do atrito velocidade-

meio-ambiente. A indústria automobilística, a construção naval, as ferrovias, a construção civil e as trefilações — de cuja atividade dependem, fundamentalmente, grande número de indústrias de transformação — têm no aço o elemento número um.

TRADIÇÃO BRASILEIRA

Apesar de ter participação modesta em relação aos países densamente industrializados, o Brasil detém tradição no concerto de siderurgia americana. Em meados do século XVI, bem antes dos fornos de Jamestown, na Virginia, o engenhoso ferreiro sorocabano, Afonso Sardinha, instalava o primeiro engenho de ferro do Continente. Em face da frágil estrutura econômica da época, a atividade não prosperou. Por mais de 300 anos, a partir de Sardinha, a siderurgia no Brasil se constituiria por incipiente atividade pré-industrial.

Só em 1912, com a formação da Companhia Siderúrgica Mineira, a aciaria brasileira passou a ter característica de atividade industrial. Apesar de usar como matéria-prima o carvão de madeira, conscientizou no País a mística da siderurgia. Posteriormente, associada a capitais europeus, transformou-se na Belgo Mineira.

VOLTA REDONDA

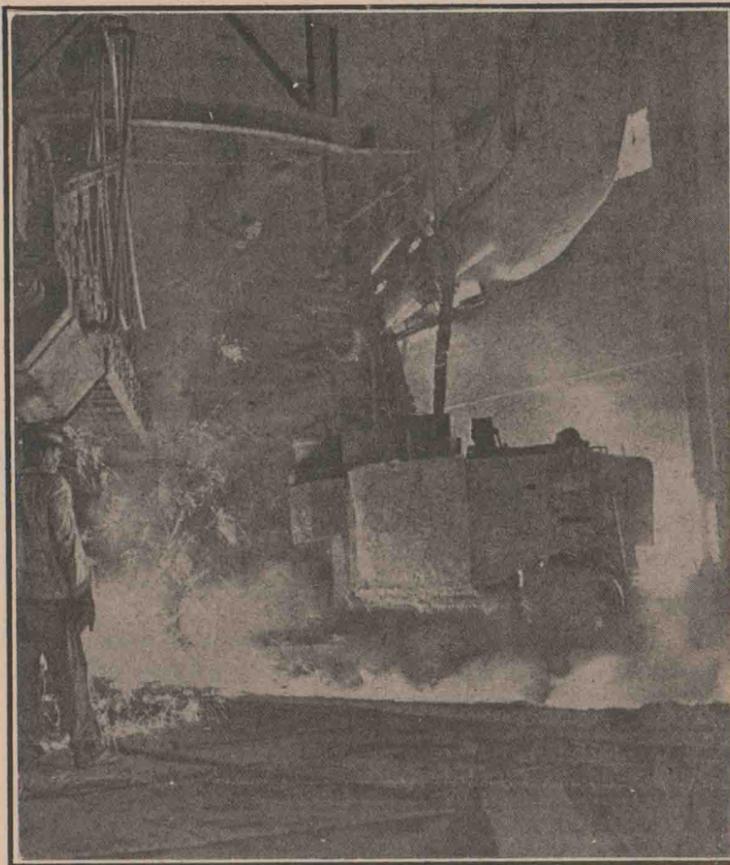
Muitos anos se passaram até que surgisse a grande siderurgia. Volta Redonda, a primeira usina de aço a carvão mineral construída no País, somente funcionaria em 1945. Mas isso não impediu que cinco anos após, em 1950, mais de 82 mil indústrias de transformação recebessem sua influência. O valor somado, consideradas apenas as indústrias vinculadas diretamente a CSN — metalúrgica, mecânica, elétricas, de comunicações e transportes, num total de 3.800 rubricas — chegou em 1968 a Cr\$2.230.000.000,00. Em 1970, a contribuição do aço na criação de riquezas incidia em 5% para o Produto Industrial e de 1,5% para a formação do Produto Interno Bruto, apesar da modestia de nossa produção em caráter mundial, em torno de cinco milhões de toneladas-ano. No período 1950-60, a aciaria apresentou ritmo de crescimento dinâmico. Surgiram novas usinas e as técnicas de coqueificação fo-

ram melhoradas, ampliando bastante a demanda do carvão metalúrgico.

O AÇO DE HOJE

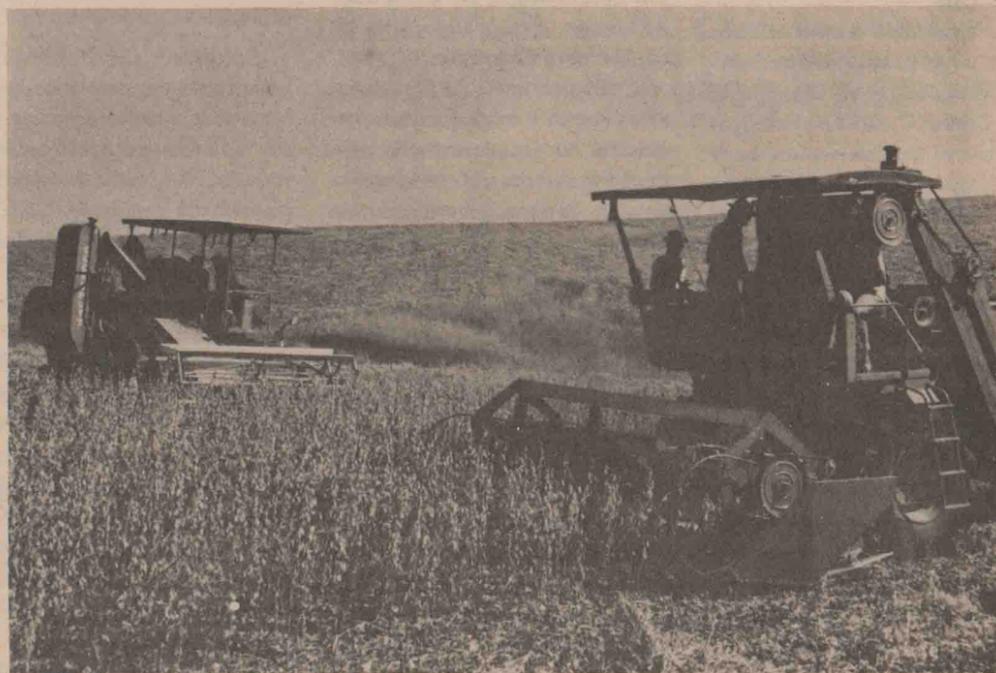
Não dispomos de dados estatísticos para colocar a situação da aciaria brasileira na atualidade. O que é certo é que avançamos muito nos cinco anos desta década. A meta nacional para o setor, lançada em 1970, é de chegarmos ao ano de 1980 com uma produção de 20 milhões de toneladas por ano.

Este texto já foi publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, edição de 9/10/1970, com a assinatura de Raul Quevedo, Aparece aqui com pequenina adaptação.



Corrida de ferro-gusa, de alto-forno.

**Antes de plantar
todos os adubos são iguais.
Na hora de colher
é que você vai ver a diferença.**



Não basta colocar na terra um fertilizante qualquer para garantir o êxito da sua lavoura. O fumo, cana, trigo, soja, arroz, feijão, amendoim, algodão, café, cada cultura enfim, como cada tipo de terra, exigem fertilizantes com composições diferentes e apropriadas.

Há 45 anos que o nome Trevo está associado a produção e distribuição de corretivos e fertilizantes, inicialmente no sul, e hoje em todo o país. Não jogue na sorte. Escolha logo o produto que você

conhece e sabe os resultados que ele pode lhe dar. Com Adubos Trevo você pode ficar sempre tranquilo.

ADUBOS  TREVO
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone: 25-5455 - Cx: Postal 37 - Porto Alegre - RS
45 anos de experiência em fertilizantes

PECUÁRIA NA AMAZÔNIA

Artigo de autoria do eng. agr. CARLOS ALBERTO KROEFF, extensionista do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária - CONDEPE - Região II - Campos de Cima da Serra, RS.

Em outubro último participamos da viagem feita pela direção da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda à região de Altamira e Santarém, no Estado do Pará, em pleno coração da Amazônia. O motivo da viagem prendia-se ao futuro projeto de colonização na região do Iriri, a ser executado pela COTRIJUI. Apesar de não estar programada a pecuária nas atividades desenvolvidas neste projeto, a pedido do jornalista Raul Quevedo, passaremos a tecer algumas considerações a este respeito, aproveitando observações feitas nesta viagem e numa estada de 30 dias em Rondônia, em 1972.

Deve-se considerar em primeiro lugar, que a Amazônia abrange 60 por cento do território nacional, compreendendo grandes variações de tipos de solo, clima, altitude, disponibilidade de água etc.

Passaremos a descrever somente a região nas proximidades do futuro projeto da COTRIJUI:

Clima: O clima caracteriza-se como tropical úmido, com temperatura média anual em torno de 30°C, temperaturas mínimas oscilando ao redor de 36°C. A precipitação situa-se ao redor dos 1.500 mm anuais, com estação de chuvas bem definidas. Chove abundantemente de novembro a maio, quando caem 85 por cento das chuvas do ano. No restante do período a seca é bastante rigorosa, chegando a ocorrer somente 5 por cento da precipitação nos 3 meses mais característicos. Como vemos, o clima nesta região não chega a ser tão agressivo como se poderia supor.

Topografia: A região apresenta 2 tipos bem definidos de topografia. Nas proximidades da Rodovia Transamazônica, perto de Altamira, a Topografia é bastante acidentada, apresentando-se com a configuração de coxilhas com fortes declives, parte de las sem possibilidade de mecanização convencional. No entanto à medida que se aproximam os grandes rios, aparecem planícies,

à semelhança da região de Uruaiana no RS, com a diferença que são cobertos pela densa floresta Amazônica.

Solos: É grande a variação de solos com que se depara na região. Generalizando, tem-se uma mancha de excelente terra roxa, com o centro em Altamira. À medida que se anda em direção a Santarém, vão aparecendo manchas de terra arenosa até que, na região mais plana, praticamente desaparece a terra roxa. São em geral solos ácidos, com baixo teor de fósforo e que necessitam de adubação para serem usados intensivamente. Neste ponto não se diferenciam muito da média dos solos do Rio Grande do Sul.

Água: No geral a zona é bem servida de água, sendo grande o número de arroios e pequenos rios, mesmo nas regiões mais altas. Pode-se prever também a ampla possibilidade de construção de açudes, dada a topografia favorável para tal prática.

Escoamento da Produção: Atualmente a infra-estrutura necessária ao escoamento da produção apresenta deficiências. No entanto, as obras governamentais visando corrigi-las já estão em andamento, podendo-se prever em futuro próximo grande facilidade para tal tarefa.

Em primeiro lugar há que se contar com a pequena distância rodoviária a Santarém, que já dispõe de um moderno porto permitindo a atracação de navios de grande calado. Como os mercados locais para carne vacum não são muito amplos, deve-se levar em conta sempre o abastecimento de grandes centros, todos a grande distância e também o mercado externo. Para isto as condições são muito boas, contando com fácil escoamento por transporte fluvial e marítimo. Naturalmente a região carece de frigoríficos, mas com a atual corrida de grandes investidores para lá, a curto prazo deverá ser resolvido este problema.

Pesquisa: Talvez uma das maiores carências seja justamen-

te a pesquisa, tanto no campo agrícola como no pecuário. Este fato fica agravado, pois na latitude da região citada não existe pecuária adiantada em qualquer parte do mundo. Por isto, tudo o que se fizer na Amazônia será praticamente sem base científica sólida, sendo a principal arma do homem o bom senso e a máxima adaptação possível das experiências em outras regiões.

Pecuária Existente: Atualmente podemos classificar a pecuária amazônica como primitiva e inexpressiva. Isto se deve ao fato do quase total isolamento em que se encontrava a região até poucos anos atrás. No entanto, está-se iniciando uma verdadeira corrida dos grandes investidores rumo à Amazônia e a grande maioria deles para implantar projetos pecuários. Outra vez parece que vai se confirmar a regra sendo o "casco do boi" o desbravador.

Perspectivas: Os países mais adiantados em pecuária, que baseavam sua exploração em grandes sistemas de confinamento à base de grãos, estão revisando sua política de produção. Com efeito, para transformar grãos em proteína animal contamos com animais muito mais eficientes que o bovino. Justamente a mais importante característica do boi é que, por ser ruminante, tem a capacidade de transformar o pasto em carne de excelente qualidade com muita eficiência. Então, o que precisamos é um meio ambiente favorável à alta produção de massa verde e uma espécie adaptada a tal meio que converta esta massa em carne.

Nas condições da Amazônia temos exatamente isto. Alta temperatura, abundância de chuvas, grandes quantidades de insolação, solo adequado e uma espécie grandemente adaptada ao meio, o zebu. Justifica-se portanto o grande interesse que desperta a pecuária na região.

Entre Altamira e Santarém temos grandes glebas de terra que, ou por sua topografia aci-

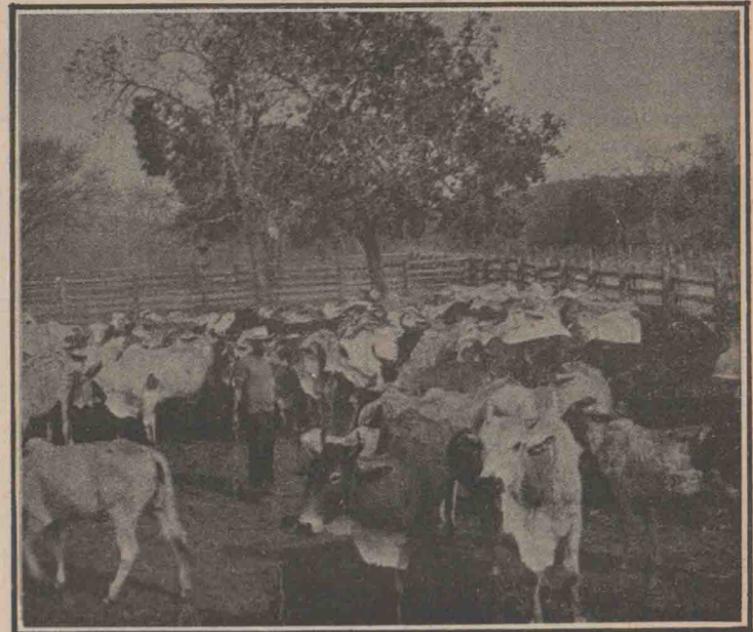
dentada ou por solos arenosos não deverão ser aproveitadas para agricultura. Alie-se a isto o baixo preço da terra e a boa disponibilidade de águas e temos uma zona com excelentes condições para o desenvolvimento de uma pecuária de alta rentabilidade.

É necessário que se diga que grande parte da região, após a derubada do mato, apresenta problemas de erosão. Com a implantação de pastagens perenes, como colômbio, jaraguá, gordura, setária, além das leguminosas tropicais que podem ser associadas, a erosão ficaria praticamente controlada. Por isto, nas zonas mais

acidentadas, a criação bovina deverá ser cogitada.

É claro que haverá dificuldades. Hoje, pela pequena quantidade de gado existente não há doenças contagiosas nem carrapato na Amazônia. No entanto uma vez intensificada a atividade, estes problemas deverão surgir. Além disto, como vimos anteriormente, existe um período do ano que chove muito pouco. Esta, naturalmente, será a época de carência alimentar, correspondendo ao nosso inverno.

Contudo, fazendo-se um balanço geral, pode-se dizer que a Amazônia apresenta excelentes condições para a expansão pecuária.



REGRAS DE SEGURANÇA NO MANEJO DAS MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Eng. Agr. Realdo Cervi

É frequente ver-se máquinas agrícolas fazer o papel de um veículo de transporte em nosso interior. Convém lembrar que todo maquinário agrícola é desenhado levando-se em conta a segurança do operador, mas as estatísticas têm mostrado que a agricultura é uma das atividades mais perigosas e a falta de precaução no uso e manejo de qualquer classe de máquina agrícola pode ocasionar lamentáveis acidentes.

Muitos acidentes podem ser evitados seguindo-se fielmente as regras de segurança já consagradas e que são as seguintes:

- 1 - A roupa utilizada pelo operador deve ser relativamente ajustada ao corpo.
- 2 - Não permitir que pessoa alguma viaje na barra de torção ou no engate do implemento. O trator não é veículo de transporte.
- 3 - Manejar o trator a baixa velocidade sobre terreno de superfície irregular.
- 4 - Manter sempre o trator com alavanca de mudança engatada ao descer uma ladeira.
- 5 - Nunca abastecer o trator com combustível quando o motor estiver funcionando.
- 6 - Reduzir a velocidade do trator antes de dar voltas curtas ou

quando aplicar os freios.

- 7 - Frear as duas rodas do trator simultaneamente ao fazer uma parada de emergência.
- 8 - Nunca executar serviços de lubrificação, regulagem ou outro qualquer com o trator em movimento.
- 9 - Nunca pôr em funcionamento um motor em lugar fechado, pois o gás de escapamento é venenoso.
- 10 - Ao rebocar uma carga pesada, engatá-la na barra de tração do trator.
- 11 - Engatar o implemento ao trator sem a presença de outra pessoa.
- 12 - Os implementos devem ser baixados ao solo quando parar o trator.
- 13 - Certificar-se de que não há obstáculo algum ao movimentar o trator, inclusive pessoas.
- 14 - A velocidade do trator para deslocamento nas estradas deve ser moderada e não fazer com que o mesmo sirva de veículo de corrida.
- 15 - Não utilizar o trator como veículo de transporte em dias de chuva ou mesmo em estradas molhadas.
- 16 - Nunca pôr em movimento um trator sem antes de revisá-lo.

É PRECISO FENAR

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

Hoje é amplamente sabido que para se conseguir bons rendimentos na pecuária de corte é preciso dispor de alimentos ao longo de todo o ano. Entretanto, para que estes rendimentos tenham alguma economicidade, por força da política de preços da carne, é necessário que os alimentos sejam obtidos principalmente de forrageiras.

Para grande parte do Estado a recomendação recai sobre as forrageiras de estação quente, tanto perenes como anuais. Num segundo plano devem aparecer as forrageiras de inverno, sendo que para as regiões mais quentes, principalmente as anuais. Contudo, é plenamente comprovado que mesmo em anos normais as nossas condições climáticas não permitem oferecer forragem verde aos animais nas quatro estações do ano. Além disso a forragem verde deve ser conservada por outras razões: a conservação dos excedentes é necessária à saúde dos animais, que sempre serão beneficiados ao receber feno em épocas que a pastagem se encontra demasiado jovem e excessivamente aquosa, bem como poderão dispor de ensilado bastante rico em água para complementar nos períodos em que a pastagem aumentará o teor de fibras. Também nos períodos de altas precipitações é prudente evitar o pastoreio porque num solo úmido o pastejo será altamente prejudicial às plantas, de modo especial às anuais.

Resumindo, a conservação além de possibilitar a colheita da forragem no momento mais oportuno, é uma técnica essencial no manejo de cortes das pastagens.

Por tudo isso, a conservação do excesso de forragens dos períodos de maior produção é geralmente indicada como solução para reduzir os efeitos prejudiciais dos períodos de crise alimentar dos animais em pastejo.

O hábito de conservar a forragem em excesso é muito antigo e a cada ano se torna mais importante para os ruminantes.

As técnicas usuais de preservação de forragens, a fenação e a ensilagem têm sido incrementadas em todos os países de pecuária desenvolvida. E foram estas técnicas que possibilitaram estes países desenvolverem uma pecuária bovina racional e econômica.

Segundo Roston, a difusão dos métodos de preservação das forragens no Brasil ocorreram em 1945, quando se iniciou um acentuado desenvolvimento das bacias leiteiras de São Paulo e Rio de Janeiro. Aqui no Estado, a ASCAR vem há muitos anos incrementando a ensilagem nas regiões de minifúndios. Mais recentemente o CONDEPE, através da inclusão de máquinas enfardadeiras em seus projetos, provocou a difusão da fenação nas áreas de pecuária extensiva. Mesmo assim, o que se conseguiu até o presente momento ainda é insignificante em termos de pecuária riograndense. Isto fica bem evidente quando verificamos que no período frio, a carência alimentar reduz a produção de carne do Rio Grande do Sul em 80%, determinando sérias dificuldades no abastecimento deste alimento à população.

Considerando o estágio atual em que se encontra a pecuária de corte do Estado, a fenação, sem dúvida, surge como a recomendação mais promissora.

Muitos fatores são considerados limitantes para a produção de feno no Rio Grande do Sul. Dentre eles, o clima, a armazenagem e a maquinaria são os mais mencionados. Se de um lado a prática da fenação se limita apenas aos meses de temperatura mais elevada, de outro lado isto ainda é altamente positivo porque este mesmo período coincide com a época de maior produção dos pastos. Embora a estação quente possibilite uma fenação oportuna, o mesmo não é verdade com relação à conservação. Os fenos produzidos no Rio Grande do Sul só mantêm a qualidade quando conservados em galpões

e isto requer investimentos. Mas os programas de investimentos, como o PRONAP, estão chegando para solucionar as dificuldades financeiras que vinham travando a adoção desta técnica. De outra parte, os equipamentos de fenação considerados caros e de difícil aquisição também estão merecendo a atenção do governo, que através da Secretaria da Agricultura está procurando oferecer conjuntos de fenação aos produtores pelo mais baixo custo possível.

Reverendo a bibliografia disponível, nós constatamos o valor e as vantagens que a suplementação de feno pode proporcionar no desempenho dos animais. Segundo Mc Meekan, como fins estimativos, 1kg de um bom feno é equivalente a 3 kg de silagem úmida. Em termos gerais, o mesmo autor informa que um hectare de uma boa pastagem produz 25 toneladas de matéria verde que podem render 15 toneladas e 5 toneladas de silagem úmida e feno, respectivamente. Também Mc Meekan, referindo-se à qualidade do feno, estima que um bom feno obtido de pastagens de verão consorciadas, gramíneas e leguminosas, nas condições da Nova Zelândia, apresentou em média 70% de digestibilidade, 20% de fibra bruta e 15% de proteína bruta. De acordo com resultados de análise apresentados por Morrison, feno de alfafa obtidos de plantas em estágio de 50% de florescimento apresentam uma composição média de 51,4%, 28,5 e 15,4 de NDT, fibras e proteína bruta, respectivamente.

Quando se fornece a vacas antes da parição como única ração, diz Mc Meekan, fenos contendo esta qualidade produzem aumento médios de 908 gramas de peso vivo por dia. Acrescenta ainda que o fornecimento deste mesmo feno a vacas em lactação apresenta a mesma resposta, sustentando altos rendimentos de leite. Para o gado de corte, de acordo com as normas de alimentação de Morrison, 4 kg, de feno

de alfafa com 11,2% de proteína digestível satisfazem as necessidades de crescimento e engorde de um animal de 400 kg de peso vivo. Com tudo isto não se constituiu uma dieta recomendável, tanto em termos econômicos como de saúde animal. Por isto Morrison recomenda utilizar os fenos combinados com silagem ou com pastagens. Uma boa combinação para animais adultos, segundo Morrison, é 2.270 kg. ou mais de feno de legumífera e 11.350 a 13.620 kg de uma boa silagem sem qualquer suplemento proteínico.

É importante salientar que a qualidade do feno está basicamente relacionada com a forrageira da qual ele é feito, bem como com o estágio de desenvolvimento das plantas. As condições climáticas durante a fenação também influem decisivamente na sua qualidade, bem como com as condições de conservação. Entretanto um dos fatores que o produtor pode interferir positivamente refere-se a um corte oportuno. Os melhores fenos são obtidos quando as plantas são ceifadas no início ou antes da floração. Fenos obtidos de plantas em avançado estágio de florescimento possuem baixo valor para todos os tipos de animais. Por outro lado, o corte realizado em plantas excessivamente jovens, além de apresentarem dificuldades de cura e conservação, reduzem sensivelmente o rendimento de feno.

Com relação à conservação a bibliografia informa que em regiões de altas precipitações os fenos devem ser armazenados em galpões para que mantenham a qualidade. Entretanto, a conservação depende do teor de água com que o material é enfardado e relaciona-se como tipo de prensa que se utiliza. Atualmente são mais utilizadas as prensas de mediana densidade fazendo fardos de 12 a 15 kg. com uma pressão de 75 a 175 kg/m³. A utilização desta densidade exige que o feno apresente no máximo 25% de umidade no momento de enfardar. A maioria dos técnicos consideram que fardos feitos com baixa pressão (50 a 75 kg/m³), embora possibilitem um bom feno, exigem muito espaço para o armazenamento. Por outro lado, fardos obtidos com prensas de alta densidade (pressão de 175 a 200 kg/m³), além de exigir dessecação perfeita (18% de umidade) para enfardar, proporcionam fenos de menor qualidade e de difícil distribuição, tal é o seu grau de compactação.

É opinião comum dos técnicos de que nas condições atuais o lucro da pecuária de corte do Estado está na dependência direta de conservação de pastagens. E é exatamente a fenação a alternativa mais promissora que o pecuarista riograndense pode acionar para garantir os seus rendimentos.

HIPÓLITO DA COSTA É NOME DE RUA EM IJUI

Desde 30 de dezembro último, o trecho da artéria que vai da passagem de nível que cruza a avenida 21 de Abril até a rua Pedro Schetter (setor sul), passou a denominar-se rua Hipólito José da Costa.

A denominação que homenageia o Patrono da Imprensa Brasileira teve origem em decreto executivo do vice-prefeito em exercício, sr. Wilson Maximino Mânica, Decreto nº 551-SG, a pedido do Clube da Imprensa Hipólito da Costa, em fase de criação nesta cidade.

Hipólito José da Costa, Patrono da Imprensa Brasileira, foi ao lado dos Andradas, Gonçalves Ledo, Januário Barbosa, Evaristo da Veiga e outros, um dos principais batalhadores pela Independência do Brasil do jugo português.

Sua tribuna de luta em prol da nossa Independência foi o inolvidável "CORREIO BRAZILIENSE", que editou de Londres (Inglaterra) pelo espaço de 14 anos, pois era perseguido político no Brasil e em Portugal, onde esteve preso por dois anos, só não sendo executado por ter conseguido fugir com o auxílio da Maçonaria.

Em nossa próxima edição voltaremos ao assunto Hipólito da Costa, publicando sua biografia e relações históricas de sua vinculação à nossa Independência.

TÉCNICA DE PLANTIO

Eng. Agr. Luiz Volnei Viau

O homem sempre obteve da terra os elementos indispensáveis para a sua sobrevivência. Para isto, desde os primórdios da civilização cultivava sua lavoura. No Brasil iniciou-se o cultivo das terras pelo índigena. Ele utilizava paus para abrir buracos no solo e depositar as sementes.

Com a evolução foram surgindo os equipamentos para o preparo do solo, desde os arados de madeira tracionados por animal aos modernos arados de discos tracionados por possantes tratores.

O agricultor sempre se preocupou em fazer um bom preparo do solo, e sempre que isto ocorria, caracterizava-o como dedicado e caprichoso. Quanto mais eficiente se tornava o preparo do solo mais se evidenciava um grande problema: a erosão. Pois este solo ficando pulverizado, estava sujeito a lavagem pelas enxurradas. Muitos anos se passaram sem que o agricultor percebesse esse fenômeno, atribuindo a queda de rendimento ao "solo cansado". Isto nada mais era do que os efeitos da erosão sobre este solo, pois carregava as camadas mais férteis para lugares onde não seriam aproveitadas.

Começaram estudos para o controle da erosão nos solos cultivados. Há várias décadas o Instituto Agronômico de Campinas estuda a erosão e suas consequências e procura métodos de preparo do solo, visando maior retenção da camada superficial. Determinou em trabalhos realizados que vários fatores influem no processo de erosão. Um deles diz respeito a constituição física do solo, que pode ser arenoso ou argiloso, onde as perdas de solo podem ser respectivamente 21 e 17 toneladas/hectare. Logo, concluímos que os solos arenosos precisam de muito mais cuidados para manter sua fertilidade. Constataram que os sistemas de preparo do solo influem consideravelmente no processo de erosão. Verificou-se que duas lavrações concorrem para a perda de 15 toneladas de solo por hectare, en-

quanto que uma lavração provoca a perda de 12 toneladas por hectare.

Foi realizado também um preparo de pequena superfície de solo, onde a perda esteve na casa de 9 toneladas/hectare. Foi também constatado que quando a palha é queimada há um arrastamento de 20 toneladas de solo por hectare, e quando a palha é enterrada essa perda cai para 14 toneladas. Se essa palha for deixada na superfície do solo, as perdas se reduzem ainda mais, atingindo 7 toneladas por hectare. Esses dados mostram a evidente necessidade de mínimo revolvimento do solo e também mostram, claramente, que a palha jamais deveria ser queimada.

Tiveram então início as tentativas de semeaduras com o mínimo de movimentação do solo, o que foi conhecido como: "cultivo mínimo ou plantio direto". No Brasil os estudos iniciaram em 1971, no Estado do Paraná, na Estação Experimental de Londrina e na Estação Experimental de Ponta Grossa.

O plantio direto consiste em efetuar a semeadura com equipamentos apropriados, sem mobilização do solo, mais especificamente consiste no plantio sem que a terra seja lavrada ou gradeada. As vantagens desse método são resumidas em:

- 1 - Os restos de vegetais sobre o solo reduzem o escoamento superficial da água, contribuindo para o controle da erosão e da poluição agrícola.
- 2 - A capacidade de infiltração de água no solo será maior e as perdas por evaporação serão menores, proporcionando maior armazenamento de água.
- 3 - O menor trânsito de máquinas na área e a manutenção dos resíduos da cultura anterior evitam a formação de crostas e compactação decorrentes da movimentação intensa desse solo.
- 4 - Quando se cultiva trigo e soja, o plantio poderá ser efetuado em época mais adequada, pois a falta ou excesso de

umidade não serão fatores críticos para as operações de semeadura.

5 - Os custos gerais de produção serão mais baixos, dado o menor custo operacional.

EXIGÊNCIAS PARA O SUCESSO NO PLANTIO DIRETO

- 1 - Controle de invasoras:

O controle das invasoras é fundamental para que se obtenha êxito no plantio direto. Esse controle poderá ser feito antes da semeadura, mediante aplicação de herbicidas de contato e de herbicidas de efeitos residuais. Os herbicidas de contato atuam nas ervas já nascidas. Os residuais atuam nas ervas que nascerão após o plantio.

2 - Correção do Solo: As áreas destinadas ao plantio direto deverão ser corrigidas com a aplicação de calcário, fósforo e potássio. Além disso, no momento da semeadura deverá ser feita a adubação conforme a recomendação da análise de solo.

3 - Ser conduzido Tecnicamente: O Departamento Técnico da COTRIJUI iniciou os trabalhos de plantio direto em 1973, quando foram realizadas lavouras demonstrativas tanto de soja como de trigo.

Este ano, dando continuidade a técnica de plantio direto intensificando a sua utilização, e alguns agricultores já conhecedores da técnica adquiriram as plan-

tadeiras especiais para a realização desse trabalho.

Damos a seguir alguns agricultores que realizaram plantio direto: Irmãos Grimm (Granja Progresso), Werner Kudias, Leopoldo Low, Edson Krüger, Armin Krüger, Carlos Roger Erig, Estação Experimental de Santo Augusto. Os agricultores interessados poderão visitar estas propriedades para conhecerem e avaliarem o trabalho realizado.

Em resumo podemos dizer que os trabalhos obtidos com o plantio direto têm sido muito satisfatórios. Com relação ao rendimento das culturas, os resultados têm indicado que em todos os casos as produções obtidas com o sistema de cultivo mínimo foram semelhantes ou mesmo superaram aquelas obtidas com o sistema convencional de preparo do solo.

Tudo indica que esse sistema é ideal para as culturas anuais, porque preserva o solo contra os efeitos desastrosos da erosão em benefício do agricultor e também do consumidor que depende da produção do solo para a sua sobrevivência.



**adubos
pampa s.a.**
o verde da terra
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 - IJUI - RS.

SUB-CENTRO DE PESQUISAS VETERINÁRIAS DE IJUÍ

Med. Vet. Otalíz de Vargas Montardo

A Secretaria da Agricultura está implantando em Ijuí o Sub-centro de Pesquisas Veterinárias, cuja sede já está em fase final de construção próximo a Fazenda do IMERAB. Esta obra feita quase em silêncio, ainda não despertou o interesse das nossas lideranças, pois são escassas as referências feitas a mesma.

No entanto, no momento em que se dá ênfase cada vez maior a integração lavoura-pecuária e que se denuncia uma ampla revitalização na pecuária leiteira da região, este centro de Pesquisas não poderia ser mais oportuno e importante.

Em princípio, talvez, somente os técnicos ligados diretamente a pecuária bovina e suína da região possam avaliar a importância desta obra, pois são eles que se ressentem de uma forma mais aguda da falta em nosso meio de um órgão que propicie um suporte científico mais concreto a suas atividades. Atualmente, frente a ocorrência de enfermidades de diagnóstico clínico difícil, o médico veterinário fica limitado a coletar o material suspeito e remeter a Porto Alegre ou Santa Maria a fim de obter um diagnóstico correto. Esta prática no entanto, em muitos casos é insuficiente para solucionar o problema. A distância entre o laboratório e o veterinário que está acompanhando o caso, dificulta a troca de informações complementares, muitas vezes indispensáveis para a orientação dos exames. Por outro lado, em algumas oportunidades o material remetido para exame chega ao laboratório sem condições de análise. Enfim, é de grande importância um contato mais estreito entre o veterinário de campo e o profissional do laboratório.

A atividade do Sub-centro de Pesquisas Veterinárias será fundamentalmente um fator de economia para os criadores desta região. Esta afirmativa torna-se perfeitamente compreensível quando tomamos por exemplo o combate às verminoses. A nível de campo, o médico-veterinário tem condições de diagnosticar infestações verminóticas nos rebanhos. No entanto, considerando-se a variada flora parasitária torna-se difícil para o clínico concluir qual o helminto (parasita) predominante na infestação. Nestas condições resta ao profissional indicar o uso de vermífugos de amplo espectro de ação os quais, por conseguinte, são os mais caros. Na medida em que o laboratório possa identificar através de exames coprológicos (de fezes) o agente causador da parasitose, o veterinário poderá indicar um produto mais adequado e às vezes até o mais barato.

Mas o Sub-centro de Pesquisas não se limitará a fazer diagnósticos. Como o próprio nome está a indicar, este órgão se propõe a realizar pesquisas no campo das enfermidades infecciosas, parasitárias e tóxicas incidentes nos rebanhos desta região e, acreditamos, há um enorme potencial de pesquisa a ser feito nessa área.

Esse laboratório será uma extensão do Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamour da Secretaria da Agricultura, localizado em Guaíba. Será dotado de um moderno equipamento laboratorial doado pelo governo inglês e operado por dois médicos veterinários da Secretaria da Agricultura que durante um período de dois anos serão assessorados por dois veterinários ingleses.

No momento em que se procura diversificar a pro-

dução rural desta região e que se antevê no incremento da pecuária leiteira uma proposta adequada à integração lavoura-pecuária, é imperativo que as nossas lideranças, sindicatos e cooperativas rurais, se conscientizem da importância dessa obra que virá enriquecer de forma relevante a estrutura técnica desta região.

LEITURA NO MEIO RURAL

Eng. Agr. Tanio José Bandeira

A grande evolução tecnológica alcançada pelos setores industriais nos últimos tempos não é acompanhada pelo meio rural.

O Departamento Técnico, que mais se encontra em contato com os agricultores, sente as dificuldades. Principalmente quando tem que tomar uma decisão sobre determinado assunto, devendo para tanto ponderar os prós e contras. Para isso precisa informações baseadas em experiências próprias e de terceiros.

A melhor maneira de introduzir ensinamentos, recomendações e atualidades, é através de pessoas que estejam em maior contato diário com os setores educacionais. Nada melhor que fazer uso das escolas para tanto. Junto ao currículo escolar anexar materiais que exerçam maior atração sobre os alunos, motivando os mesmos e desta forma atingindo os interessados. Assim a nova geração vai se desenvolvendo conscientemente de que precisa fazer alguma coisa de útil pela agricultura.

Paulatinamente, os cursos, reuniões no interior, programas de rádio, vão criando novos problemas que só podem ser resolvidos com o auxílio de técnicas mais avançadas. A diminuição do custo de operação de máquinas, o plantio de variedades de semente nas épocas certas, o uso adequado de insumos modernos, o bom aproveitamento dos recursos financeiros oferecidos, a comercialização das safras por um sistema que traga maiores facilidades e vantagens, tudo pode ser resolvido mais facilmente quando se tem conhecimentos.

Para tanto os agricultores contam com grande número de entidades prestando assistência técnica gratuitamente. Há jornais e revistas que tratam de modo simples e acessível dos mais variados assuntos de interesse agropecuário. Os rádios, da mesma forma, mantêm programas informativos tratando mais resumidamente e de modo geral os assuntos do momento.

Caberia ao agricultor conscientizar-se de que precisa estar informado para vencer de modo mais fácil a grande quantidade de papéis necessários para as diversas operações, além de entender e aplicar melhor as recomendações técnicas e as novidades para a lavoura. Tantas experiências que se realizam através de órgãos oficiais ou particulares e não são lidas e aproveitadas. Um grande número de folhetos, boletins informativos que os agricultores recebem quando visitam cooperativas, firmas comerciais, simplesmente são engavetados com tantos outros e levados ao esquecimento. Quem sabe naquele papel estava escrito o uso correto de defensivos agrícolas e com isso evitado problemas acontecidos na última safra.

O mesmo se pode dizer para os rótulos que possuem as embalagens. Sempre conta o nome do produto, a utilidade, a dosagem, os cuidados necessários para o bom uso e o efeito desejado. As propostas e contratos para financiamento de lavoura também não são lidas. Caberia a cada agricultor fazer uma análise de como está procedendo, pensar um pouco e tomar uma atitude. Só terá vantagens e benefícios com isto.

Basagran®

Nunca houve um herbicida para soja igual a este.



Basagran é o último estágio de evolução tecnológica na cultura da soja.

10 anos de experiências em laboratórios e campos de pesquisas permitiram a criação do herbicida definitivo para a soja.

Basagran, o único herbicida post-energência para soja. Isso quer dizer segurança.

Você aplica apenas onde aparecem as invasoras de folhas largas. Não precisa aplicar em toda a lavoura.

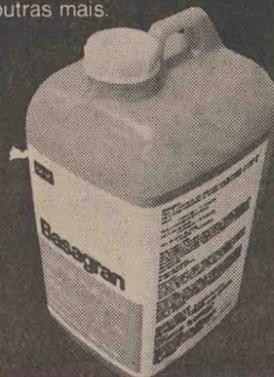
Basagran não depende do tipo de solo, nem da ativação pela água da chuva.

Basagran é único. Basagran é a solução definitiva contra o Picão Preto, Guanxuma, Nabo, Corriola, Chifre de Veado, Erva de Bicho, Picão Branco, Quinquilho e a Trapoeraba. E contra muitas outras mais.

Consulte sua cooperativa, seu agrônomo ou diretamente o corpo técnico da Basf sobre a utilização e aplicação correta de Basagran.

Basagran é econômico. Você resolve o problema e ganha muito mais na colheita final da soja.

Basagran - nunca houve um herbicida para soja igual a este.



BASF

PEDIDO SUPER-MERCADO PARA SÃO VALÉRIO

Por solicitação dos associados pertencentes ao núcleo de São Valério, no município de Santo Augusto, realizou-se uma reunião nas dependências do salão local no dia 7 de dezembro, oportunidade em que falou o diretor-comercial da cooperativa, sr. Alceu Carlos Hickembick. Estiveram presente mais de 100 participantes, entre associados e respectivos dependentes.

O objetivo principal da reunião era debater sobre a possibilidade da instalação de um super-mercado em São Valério. Ouvidas as várias ponderações dos associados o diretor Alceu Hickembick deliberou proceder como de praxe. Isto é, proceder a levantamento sócio-econômico, para concluir pela viabilidade ou não do super-mercado. O levantamento será processado num prazo de 60 dias. O diretor-comercial res-

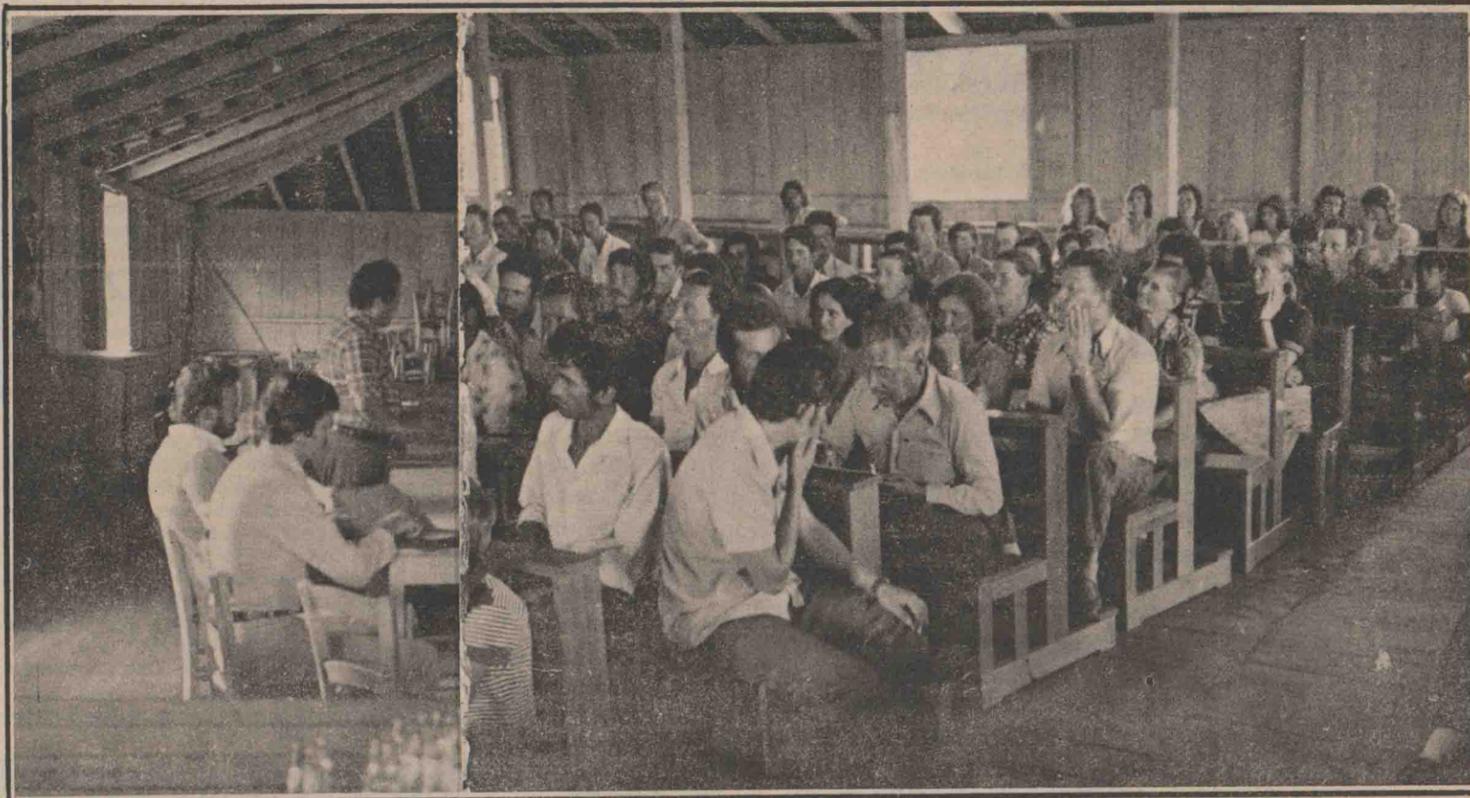
saltou na ocasião que esse levantamento obedece a normas gerais para todos os setores. No caso dos super-

mercado, não se pode instalá-los sem a certeza de que os mesmos tenham possibilidades de sobrevivência, pois do

contrário, ao em vez de benefícios, se estaria onerando o quadro social.

Na foto o diretor Alceu

Carlos Hickembick, ladeado por líderes da comunidade, vendo-se uma vista parcial do plenário.



ARROZ-GIGANTE DA AMAZÔNIA

O sr. Lino Frohlich, natural de Santa Rosa, é um dos muitos gaúchos que foram ver de perto a Amazônia. Fixou-se com a família na hoje próspera cidade de Rurópolis "Presidente Médici" que se localiza no estado do Pará, próximo a cidade de Itaituba.

Há cerca de três anos naquela região, Lino Frohlich veio com a esposa e filhos passar as festas de Natal e Ano Novo com os pais que residem em Santa Rosa e outros familiares de Santo Cristo.

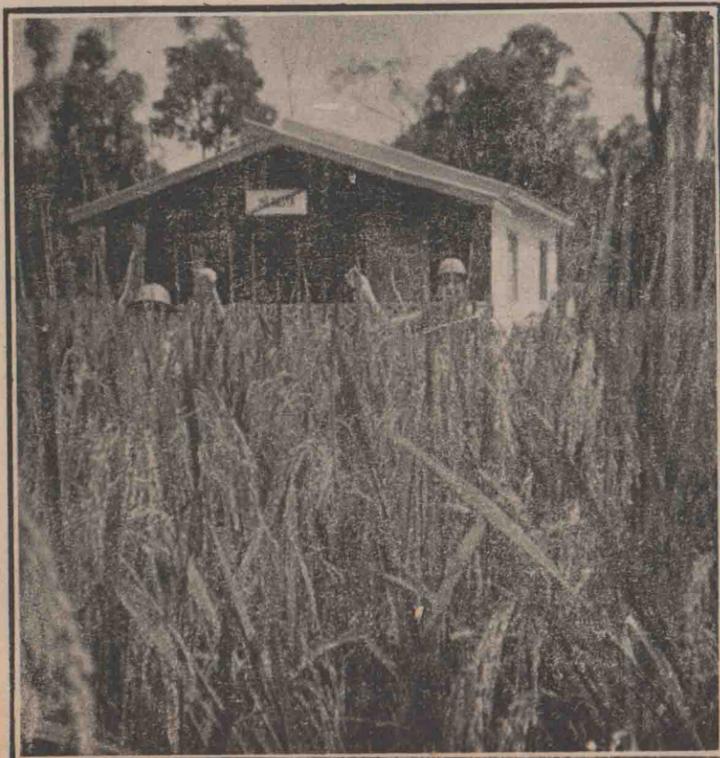
Aproveitou a oportunidade para visitar a COTRIJUI, pois a cooperativa gaúcha é muito comentada em toda a Amazônia Legal, segundo disse o sr. Frohlich. Comentou que há grande expectativa no norte do país pela pró-

xima localização da COTRIJUI em Altamira.

Falando sobre sua situação na Rurópolis próxima a Itaituba, disse estar muito satisfeito e em franco progresso. Outros parentes seus estão se deslocando para a região.

Na fotografia, uma vista da casa de Lino Frohlich e no primeiro plano parte do arrozal da safra de 1974, podendo observar-se o viço da cultura, que alcança o porte de uma pessoa adulta.

Quanto aos negócios, explicou que vão muito bem. O arroz em seu lote dá uma média de 65 por um, o que muito bom. Os preços de seu arroz alcançou a cotação (CIBRAZEM) de 112 cruzeiros a saca de 50 quilos, o que também é muito bom.



PENSE ALTO!

AJA COM GRANDEZA!

DESTAQUE-SE!

ANUNCIE NO  **COTRIJORNAL**

JORNAL REVISTA

COTRIJORNAL



EDIÇÃO EXTRA AVISOS

VEJA COMO ADQUIRIR CALCÁRIO NA COTRIJUI

A hora de comprar calcário é agora. Por isto a COTRIJUI oferece uma série de facilidades para você adquirir o seu estoque nas melhores condições. A cooperativa distribuirá o calcário com financiamento direto do BRDE, não sendo necessárias garantias reais por parte do associado, bastando o aceite de notas promissórias rurais em favor da cooperativa.

Estão habilitados para este programa os proprietários de terras agricultáveis ou arrendatários cujos contratos de arrendamento não

terminam antes de um prazo de três anos a partir da data do financiamento, que venham comercializando suas safras de trigo e soja normalmente com a COTRIJUI nos últimos três anos. Você precisa estar com sua situação financeira regularizada junto ao Banco do Brasil e a cooperativa e com seu cadastro atualizado na cooperativa. O avalista para as notas promissórias rurais também deve se enquadrar nestes requisitos.

Os novos associados também podem se beneficiar com este programa des-

de que já tenham operado com a COTRIJUI na última safra de trigo ou soja e que tenham adquirido sementes de trigo e soja na cooperativa. Que estejam também com sua situação financeira regularizada.

Os associados pagarão uma taxa de 1 por cento sobre o valor do projeto a título de remuneração ao Departamento Técnico da cooperativa pela sua elaboração. Procure o Departamento Técnico ou de Crédito da instalação mais próxima de sua lavoura. Ele se encarregará de tudo.

ASSOCIADO! VOCÊ PRECISA ATUALIZAR SEU CADASTRO

A COTRIJUI comunica a seus associados que, de acordo com resolução do Conselho de Administração em reunião realizada dia 12 do corrente, todos aqueles que quiserem se beneficiar dos adiantamentos por conta de soja e financiamento de calcário, deverão antes atualizar seus cadastros na cooperativa. Aqueles que ainda não o fizeram, poderão comparecer junto a instalação mais próxima, trazendo junto os seguintes documentos e informações:

- 1 - Carteira de associado;
- 2 - CPF;
- 3 - Carteira de Identidade;
- 4 - Título eleitoral;
- 5 - Número da inscrição estadual (bloco modelo 15);
- 6 - Relações de seus dependentes com a data de nascimento;
- 7 - Talões do INCRA;
- 8 - Escritura das terras próprias ou em usufruto;
- 9 - Contrato de arrendamento;
- 10 - Relação da produção de trigo, soja, feijão-preto e milho

colhidos nos dois últimos anos, com as respectivas áreas plantadas;

- 11 - Trazer anotado o número de animais que possui (bovinos, suínos e aves);
- 12 - Trazer anotadas as dívidas bancárias e outras dívidas;
- 13 - Trazer uma relação de suas benfeitorias e máquinas agrícolas;
- 14 - Trazer uma relação daquilo que se gasta com a família em calçados, roupas, alimentação, etc. durante o ano.

COTRIJUI ANTECIPA FINANCIAMENTO

O Conselho de Administração da COTRIJUI aprovou as normas para o adiantamento aos associados de Cr\$ 10,00 por saco de soja da próxima safra. O cálculo será feito com base na produção entregue a COTRIJUI pelo associado em 1975, para qualquer modalidade de comercialização.

Os novos associados que ainda não tenham comercializado nenhuma safra através da cooperativa também terão direito ao adiantamento, obedecendo critérios especiais.

Ao receber o adiantamento o associado se compromete a comercializar sua safra de 1976 pelo preço médio numa proporção de 17 sacos em cada 100. Isto é, se o associado entregou 100 sacos de soja em 1975 terá direito ao adiantamento de Cr\$ 10,00 por saco sobre 100 sacos da próxima safra, obrigando-se a comercializar 17 pelo preço médio e os restantes 83 à sua livre escolha na ocasião da entrega. Na liberação do adiantamento o associado dará, além do recibo normal, um recibo especial de compromisso de opção parcial pelo preço

médio. Assim, para os efeitos de vinculação ao preço médio, o adiantamento será considerado de Cr\$60,00 por saco.

O novo associado terá direito ao adiantamento somente sobre a soja plantada com sementes adquiridas na cooperativa. Sua produtividade será calculada numa base de dez por um, ou seja, se o novo associado adquiriu 50 sacos de semente, sua produtividade prevista será de 500 sacos, tendo ele direito a um adiantamento de Cr\$ 5.000,00. O novo associado também se compromete a comercializar parte da sua produção pelo preço médio, na mesma proporção dos demais associados.

Na liberação do adiantamento serão cobrados do associado eventuais saldos devedores não quitados na liquidação da safra do trigo. Para ter direito ao adiantamento, tanto os antigos como os novos associados, devem ter plantado para a safra de 1976 uma área no mínimo igual aquela cultivada para soja no ano de 1975 e devem ter renovado seu cadastro com a cooperativa. COTRIJUI.

EM JANEIRO PODEM SER SEMEADAS AS SEGUINTE FORRAGEIRAS

	ESPÉCIES	KG/HA
Anual -	Pasto Italiano	15 a 20
Perenes -	Setária Kazungula	6 a 8
	Panicum Gatton	6 a 8
	Rhodes	10 a 12
	Siratro	4 a 5
	Desmódio intortum	3 a 4

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- Setária Kazungula com Siratro ou Desmódio Intortum.
- Panicum Gatton com Siratro ou Desmódio Intortum.
- Rhodes com Siratro ou Desmódio Intortum.

As sementes de todas as forrageiras acima relacionadas podem ser adquiridas na COTRIJUI. Procure a orientação do Departamento técnico.

PROJETO INTEGRADO

Através de noticiosos radiofônicos, o Projeto Integrado de Desenvolvimento de Ijuí tem solicitado a presença na sede da COTRIJUI de diversos associados para tratar de interesses mútuos.

Aproveitamos este espaço para ressaltar a todos nossos associados que a COTRIJUI somente solicita o comparecimento em suas instalações quando se tratam de assuntos de suma importância. Portanto, todos os chamados devem comparecer sempre com a maior brevidade possível.

INIMIGOS DA SOJA

Eng. Agr. LUIZ VOLNEY VIAU

Desde os tempos mais remotos o homem vem lutando contra as pragas e sempre terá que combatê-las para que consiga sobreviver. Os danos que elas causam são de grande importância econômica, acarretando enormes prejuízos, não somente às plantas mas também aos animais domésticos e ao próprio homem.

Os insetos causam danos consideráveis em todas as partes da planta. Os insetos mastigadores (lagartas) alimentam-se das folhas, podendo desfolhar completamente as plantas, ocasionando prejuízos que serão tanto maiores quanto maior for a intensidade de desfolhamento, da infestação e da fase de desenvolvimento da soja.

Os insetos sugadores (percevejos, fede-fede) sugam a seiva dos caules, folhas, ramos e frutos, causando o definhamento da planta, além de injetar substâncias tóxicas por ocasião da sucção, provocando alteração no desenvolvimento da planta.

Os insetos mastigadores provocam lesões que servem frequentemente de porta aberta para a invasão de microrganismos causadores de doenças.

A lavoura de soja é frequentemente atacada por duas pragas que provocam consideráveis danos à cultura quando não forem controladas adequadamente. São elas: a lagarta da soja e o percevejo fede-fede.

Todos os agricultores conhecem por demais estes insetos, que atacam em determinados períodos da cultura. A caracterização dessas pragas é a seguinte.

LAGARTA DA SOJA

O comprimento da lagarta da soja é de aproximadamente 40 milímetros. Sua cor é variável, podendo ser marron-avermelhada ou verde-claro, apresentando sempre listas brancas.

Adultos: São mariposas que se alimentam de substâncias líquidas, mediante um órgão sugador, incapaz de perfurar os tecidos vegetais. Portanto, os insetos adultos, geralmente não danificam as plantas. Essas mariposas têm hábitos noturnos, isto é, só voam à noite. Durante o dia podem ser encontradas em locais sombreados, ou na base das plantas. Quando perseguidas fazem vôos curtos.

Após o acasalamento realizam a postura na face inferior da planta. Os ovos são brancos e arredondados e quando próximos da eclosão adquirem cor rosada. A postura de uma fêmea se constitui em dezenas de ovos. Dentro de 3 a 5 dias surgem as lagartinhas com seu aparelho bucal mastigador, que desde logo procuram alimento, roendo ou raspando as folhas, especialmente as mais tenras. Provocam grandes danos a medida que vão se tornando maiores, chegando a destruir completamente a folhagem da soja.

A partir de dezembro a soja já está sujeita ao ataque da praga que, reproduzindo-se por 4 gerações, continua causando danos durante o verão até meados do outono. Os maiores prejuízos ocorrem nos meses de janeiro e fevereiro. Após 3 semanas abandonam a planta e vão para o solo transformando-se em crisálidas. Decorridos 7 a 10 dias se transformam em adultos, dando continuidade ao ciclo evolutivo.

PERCEVEJO DA SOJA

Na fase adulta mede 15 milímetros. Sua cor é verde, sendo que no inverno adquire a coloração castanho-avermelhada. Logo que nascem não possuem asas, adquirindo-as durante seu desenvolvimento.

As fêmeas fazem a postura na face inferior das folhas ou em lugares abrigados nas plantas. Os ovos têm coloração amarelo-claro, passando a rosados ou alaranjados no momento da eclosão. Uma fêmea pode realizar várias posturas por ano, variando de 50 a 200 ovos cada uma. Dentro de duas semanas verifica-se a eclosão. Os insetos jovens desde logo alimentam-se da seiva das plantas, introduzindo os estiletes bucais nas folhas e em outros órgãos tenros, prosseguindo assim durante todo seu desenvolvimento. Quando atacam a soja durante a floração, provocam a queda das flores e vagens novas ou deixam os grãos defeituosos e chôchos provocando considerável diminuição na produção. Provocam ainda uma anomalia chamada "soja louca", ou mais precisamente retenção foliar, que impede que a soja alcance a fase de maturação.

MEDIDAS DE CONTROLE

O método mais usado para controle de pragas é o químico, através da aplicação de inseticidas.

Inseticidas: são compostos químicos que aplicados direta ou indiretamente sobre os insetos, em concentrações adequadas, provocam a sua morte. Os inseticidas se apresentam nas seguintes formulações, Pó Seco: Os inseticidas são aplicados sob forma de pó seco. Para isso usam-se polvilhadeiras especiais.

Pó Molhável: neste caso o inseticida vem sob a forma de pó, que deverá ser misturado com água para a sua aplicação.

Concentrados Emulsionáveis: (CE) os inseticidas vêm em forma líquida para serem misturados com água e aplicados em pulverizações. Pode-se ainda encontrar inseticidas denominados de UBV (ultra baixo volume) ou LVC, que são aplicados sem serem diluídos em água.

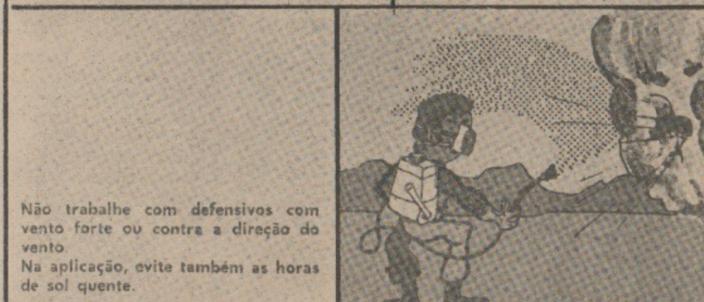
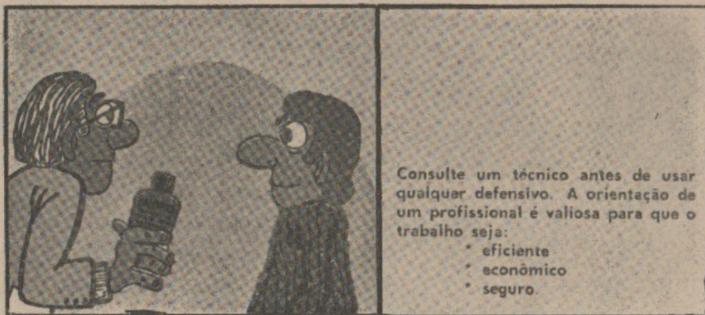
Os inseticidas são ainda classificados em sistêmicos e não sistêmicos. Os sistêmicos são absorvidos pela planta e circulam com sua seiva. Os não sistêmicos agem por contato, ingestão ou profundidade.

Para o controle de insetos sugadores recomendamos produtos de ação sistêmica. Para as lagartas e cascudinhos podem ser usados produtos que ajam por contato e ingestão.

Relacionamos na última página alguns inseticidas que temos a disposição dos associados para o controle de lagarta e percevejo.

RECOMENDAÇÕES PARA USO DOS DEFENSIVOS

As recomendações e ilustrações desta página pertencem a folheto editado pela Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul. O folheto da S.A., lançado em 1974, contém amplas recomendações sobre as maneiras com que os agricultores devem proceder com os defensivos. Pedimos a leitura desta página mesmo àqueles que já leram no original o folheto da Secretaria, pois defensivo agrícola, pesticidas, ou quaisquer outros nomes que se lhes dê, temos que partir da observação que são venenos. E sendo veneno, são extremamente perigosos ao homem e a todos os animais. Leiam.



IMPORTANTE: A NOVA LEI DOS REGISTROS PÚBLICOS ESTÁ AQUI

Com a vigência da nova Lei dos Registros Públicos a partir de 1º de janeiro de 1976, torna-se necessário o conhecimento das disposições concernentes ao Registro de Imóveis, por dizerem respeito às operações de empréstimos através da Carteira de Crédito Rural do Banco do Brasil S.A. e de repasse por intermédio do Departamento de Crédito da COTRIJUI.

O novo Diploma, Lei nº 6.015, de 31.12.73 e as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30.6.75, veio ajustar melhor as normas de registro das transações com imóveis e direitos a eles relativos a fim de atualizar

os respectivos serviços cartorários.

Assim, a partir de 1º de janeiro do próximo ano, os proprietários de imóveis urbanos ou rurais (chamamos aqui a atenção especialmente dos mutuários do Banco e da Cooperativa citados) que pretendem novos financiamentos, deverão tomar as seguintes medidas e providências por ocasião de qualquer operação, contrato ou negócio que envolva sua propriedade imóvel:

a – Providenciar a matrícula do imóvel ou imóveis que possui, junto ao Cartório do Registro de Imóveis.

b – O requerimento da matrícula obedecerá a legislação pertinente e deverá ser elaborado por pessoa com conhecimento sobre a questão.

c – Os documentos obrigatórios para a elaboração do requerimento da matrícula são: 1) O número do CPF (Cadastro de Pessoa Física no Ministério da Fazenda).

2) Cédula de Identidade (Carteira de Identidade).

3) Certidão de casamento.

4) Escritura dos imóveis, formais de partilha, mandado de usucapião ou qualquer outro título translativo ou aquisitivo do do-

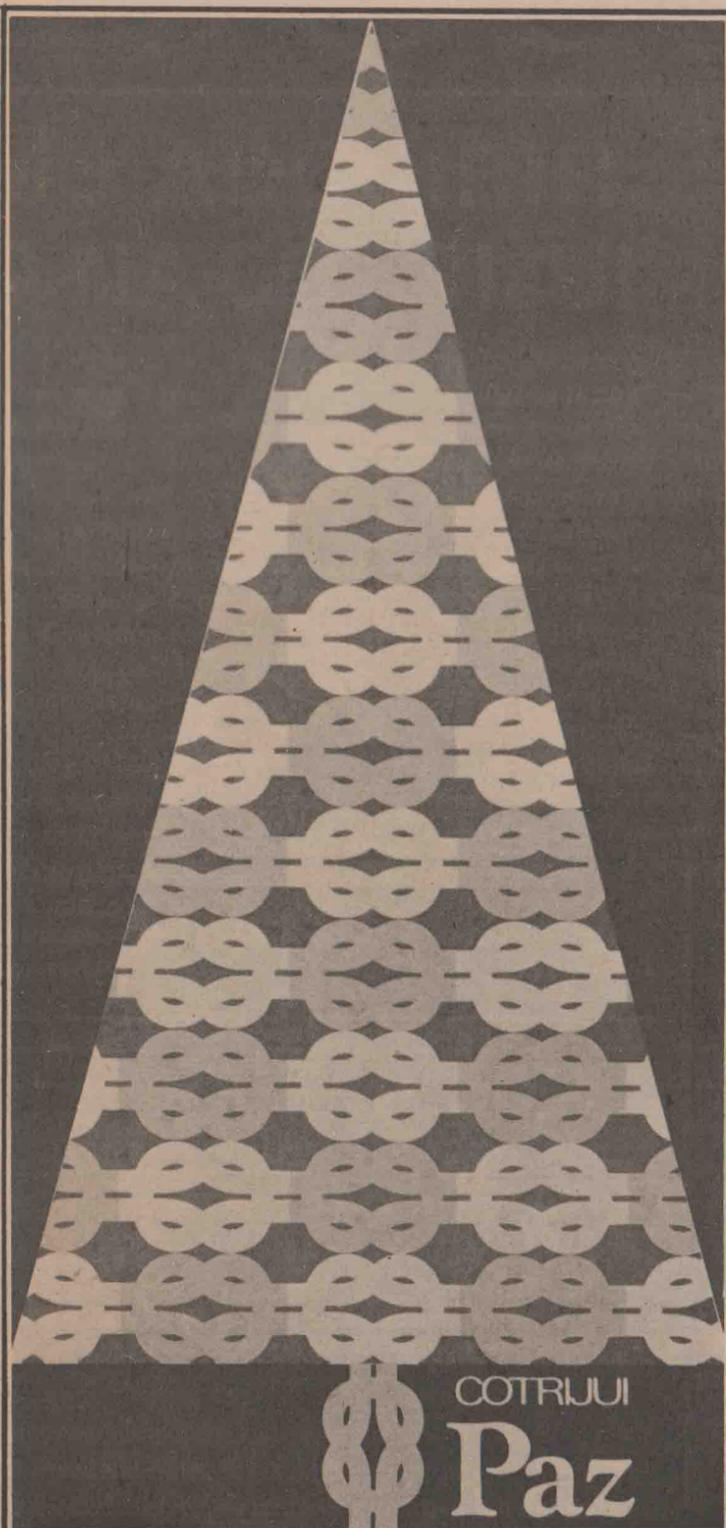
mínio, direito ou posse sobre o imóvel.

d – O proprietário de mais de uma área poderá fazer uma única matrícula, somando-as numa só, com características próprias.

Entretanto, cabe observar se tal unificação não esbarra em disposições que impeçam tal medida. Por exemplo: áreas separadas. Essas serão matriculadas individualmente ou sob regime de condomínios diversos.

e – Podem ainda ser unificados, com abertura de matrícula única, dois ou mais imóveis constantes de transcrições anteriores a presente Lei ou aqueles registrados em ambos os regimes, no antigo e no novo.

Em face das novas modalidades para a inscrição de Cédulas de Crédito Rural, Contratos de Penhor e de Arrendamento no Cartório do Registro de Imóveis, todos os agricultores, para a próxima safra de trigo, devem providenciar os documentos relacionados e matricular seus imóveis antes de apresentar suas propostas de financiamento ou, mais tarde, por ocasião do deferimento das mesmas, evitando que a Cédula de Crédito Rural ou Contrato cheguem ao Cartório para registro antes de matriculados os imóveis hipotecados ou arrendados.



Paz é decorrência do bem-estar do homem. A COTRIJUI, através do trabalho multiplicador de seus associados, vem dando sua contribuição a essa conquista. A Paz dos futuros Natais e Anos Novos já é preocupação da COTRIJUI, hoje.

Ijuí, Natal de 1975

NOME TÉCNICO	NOME COMERCIAL	MODO DE AÇÃO	FORMULAÇÃO	PRAGA CONTROLADA
Canfeno Clorado	Fenox, Canf/Clorado			
	Rhodiaphene	Contato/Ingestão	UBV	Lagartas
Endrin	Endrex-20	Contato/Ingestão	CE	Lagartas
Canf. Clor x Parathion	Nortox 6550; Paratox	Contato/Ingestão e Profundidade	CE	Lagartas e Percevejos
Parathion x DDT	Nitrothion, Folidol	Contato/Ingestão e Profundidade	CE	Lagartas e Percevejos
Malathion x DDT	LV-2 Malathion	Contato/Ingestão e Profundidade	UBV	Lagartas e Percevejos
Canf. Clor. x DDT	Shell, Toxafeno	Contato/Ingestão	UBV	Lagartas
Fenitrothion	Folithion x DDT Ultra	Contato/Ingestão	UBV	Lagartas e Percevejos
Monocrotofós	Alacran	Sistêmico/Contato	UBV	Lagartas e Percevejos
Parathion x DDT	Rhodiagrama 10 x 1,5			
	Nortox 10 x 1,5	Contato/Ingestão	Pó Seco	Lagartas e Percevejos
Dimetoato x EPN	Dynathion 2010	Contato/Ingestão e Profundidade	Pó Seco	Lagartas e Percevejos
Carbamato	Dyna Carbyl - 7,5%	Contato/Ingestão	Pó Seco	Lagartas
Parathion	Nitrosin 1,5	Contato/Ingestão	Pó Seco	Percevejo
Bacillus Thuringiensis	Dipel	Ingestão	Pó Molhável	Lagartas
Dimetoato	Dynathion 300	Sistêmico	UBV	Percevejo
Dimetoato	Dynathion 'S' Systo até 50; Dimetoato	Sistêmico	CE	Percevejo
Metasystox	Metasystox "I"	Sistêmico	CE	Percevejo
Ometoato	Folimat - 1000; 500	Sistêmico	UBV E BV	Percevejo
Phosphamidon	Dimecron 50	Sistêmico	CE	Percevejo
Vamidothion	Kival	Sistêmico	CE	Percevejo

UBV - Ultra baixo volume (aplicado puro)
 BV - Baixo volume (aplicado com água)
 CE - Concentrado emulsionável. (aplicado com água).

PARA QUEM VAI SEMEAR ALFAFA EM ABRIL RECOMENDAMOS

- Escolher uma área plana e livre de inços.
- Aplicar calcário durante o mês de janeiro.
- Utilizar a quantidade de calcário recomendada pela análise.
- Incorporar o calcário a uma profundidade mínima de 20 centímetros.
- Reservar sementes de alfafa Crioula na razão de 15 Kg/Hectare.

Lembramos que a COTRIJUI possui sementes de Alfafa Crioula fiscalizada. Lembramos também que o Departamento Técnico está a sua disposição para maiores esclarecimentos sobre o plantio da alfafa.